Alice no País da Maravilhas

LEWIS CARROLL

Alice's Adventures in Wonderland (186)

Tradução: André Christi

Edição bilíngue: PT/EN
Distribuição gratuita

mojo.org.br

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

Edição Bilíngue

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

Traduzido por André Cristi

PREFÁCIO

O senhor Dodgson nos contou muitas histórias durante várias das expedições que fazíamos pelo rio para visitar Nuneham ou Godstow, perto de Oxford. Minha irmã mais velha, agora senhora Skene, era “Prima”, eu era “Secunda” e minha irmã Edith era “Tertia”. Acho que o começo de Alice foi inventado em uma dessas tardes de verão. O sol estava tão forte que deixamos o bote na margem gramada do rio e fugimos para a única sombra à vista, debaixo de uma choupana de feno recém-cortado. Ali, nós três fizemos o velho pedido: “Conta uma história?”. E foi assim que aquela aventura maravilhosa teve início. Às vezes, ele nos provocava — talvez por estar realmente cansado — e parava de repente dizendo: “E por hoje é só, até a próxima vez”. “Ah, mas esta já é a próxima vez!”, exclamávamos. Depois de insistirmos um pouco, a história recomeçava. Outras vezes, a narrativa principiava ainda no barco, e o senhor Dodgson, no meio de uma história vibrante, fingia cair no sono de repente, para nosso desespero.

Alice Liddell[1]

TODOS NA TARDE DOURADA

Vamos nós na tarde dourada
Cair suavemente;
Bracinhos remando sem arte
Levam a proa à frente,
Mãozinhas apontam o norte,
Pretensiosamente.

Oh, Trio terrível! Bem na hora
Da vadiagem boa,
Elas imploram por um conto
Uma historinha à toa!
Uma língua contra três: três
Vezes mais qual ecoa?

Prima, bem mandona, decreta:
— Hora de começar.
Secunda, mais meiga, acredita:
— Sentido não terá.
Irrequieta, Tertia atrapalha
O conto sem parar.

Assim que o silêncio domina,
A magia então fervilha
São aventuras de uma menina
No País das Maravilhas,
Onde jabutis, grifos e lagostas —
Gostam de dançar quadrilha.

Quando a história secava
O poço quimérico,
O contador desconversava:
— O próximo conto será feérico.
— Mas o próximo é agora! —
Pediam as três eufóricas.

Eis que surgiu o tal país:
Pedaço por pedaço,
Foram lavrados seus relevos —
Restam prontos seus traços,
O sol se põe, voltamos nós,
Trupe de alegre passo.

Agarre, Alice, esta história,
Com tua mão gentil.
Lançai-a fundo na memória
Mística e juvenil,

Feito peregrino que guarda
Flores murchas a fio.

DENTRO DA TOCA DO COELHO

Alice já estava cansada de ficar sentada no banco sem nada para fazer. Por uma ou duas vezes ela xeretou o livro que a irmã lia a seu lado, mas nele não havia figuras nem diálogos.

"Para que serve um livro sem figuras nem diálogos?", Alice pensou.

Ela considerava o tanto quanto podia (afinal, o dia quente a deixava zonza e sonolenta) se o prazer de montar uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar para colhê-las. Foi quando, de repente, um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo perto dela.

Não havia nada de *tão* incrível nisso. Alice também não achou *nada de mais* ouvir o Coelho Branco conversar sozinho:

— Ai, rapaz! Ai, rapaz! Vou me atrasar — ele dizia.

Depois, ao pensar melhor, passou pela cabeça de Alice que ela deveria ter se impressionado mesmo que só um pouquinho com aquilo. Na hora, entretanto, tudo lhe pareceu completamente normal.

Alice só se alvoroçou quando o Coelho Branco *sacou um relógio do bolso de seu colete*, checou as horas e saiu apressado. Ela se deu conta de que nunca tinha visto um coelho com um relógio no bolso do colete. Ardendo de curiosidade, correu atrás dele a tempo de vê-lo se emburacar toca adentro no pé de uma cerca.

No instante seguinte, era Alice quem se entocava ali. Decidiu perseguir o Coelho Branco sem refletir sobre como sairia daquele buraco.

A toca tinha um trecho reto semelhante a um túnel. Depois, inclinava-se bruscamente para baixo, tão bruscamente que Alice não foi sequer capaz de pensar em frear. Simplesmente despencou em um poço de grande profundidade.

Aliás, das duas uma: ou o poço era demasiado fundo ou ela estava caindo bem devagarinho. A queda era tão demorada, mas tão demorada que Alice conseguia observar tudo a seu redor e pensar tranquilamente no que aconteceria depois. Primeiro, tentou olhar para baixo, para descobrir onde ia parar, mas era impossível enxergar o que havia no fundo escuro. Então ela percebeu que as laterais do poço estavam repletas de prateleiras, estantes de livros, mapas e obras de arte.

De passagem, Alice puxou um jarro das prateleiras. Seu rótulo dizia *geleia de laranja*; contudo, para sua decepção, estava vazio. Ela não queria deixar o jarro cair. Tinha medo de matar alguém, então o devolveu às estantes durante a queda.

"Depois desse tombo, não vou mais me importar quando cair da escada! Em casa todo mundo vai me achar muito valente", pensou consigo mesma. "Ora, mas eu nunca contaria nada, mesmo se caísse de cima da casa". E Alice não contaria mesmo.

E caía, caía, caía. Será que aquela queda não acabaria *nunca*?

— Quantos quilômetros eu despenquei? Já devo estar me aproximando do centro da Terra. Deixe-me ver: acho que isso deve ser por volta de uns seis mil quilômetros — dizia em voz alta.

Veja você que Alice aprendera várias coisas na escola e, apesar de essa não ser a *melhor* oportunidade para demonstrar seu conhecimento, afinal ninguém a estava escutando, ela sentia que recitar em voz alta parecia um ótimo exercício de memória.

— Sim, a distância é mais ou menos essa, em latitude e longitude. Será que eu cheguei?

Alice não tinha ideia do que era latitude ou longitude, mas considerava essas palavras monumentais ao serem ditas em voz alta. Logo ela retomava a prosa:

— Será que vou *atravessar* a Terra nesse tombo? Vai ser muito engraçado sair do outro lado, no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo: os antipáticos! — Dessa vez foi um alívio *não ter* ninguém para ouvi-la, pois "antipáticos" não soou nem um pouco como a palavra correta.

— Precisarei perguntar a eles o nome do país: "Olá, senhorita, aqui é a China ou o Japão?". — Alice fazia reverência enquanto falava e despencava! Se *você* estivesse em queda livre, acha que seria capaz de fazer o mesmo?

— A moça vai me achar muito ignorante por perguntar — dizia ela. — Não vai dar certo. Talvez eu veja o nome do país escrito em algum lugar.

Ela caía, caía, caía e, como não tinha mais nada para fazer, voltava a tagarelar:

— A Diná vai sentir muito minha falta esta noite — disse, lembrando-se de sua gata. — Espero que eles se lembrem de dar leite para ela. Diná, minha querida! Como eu queria você aqui embaixo comigo! Não tem rato no ar, mas você bem que poderia

caçar um morcego, que é quase um rato. Será que gato come morcego? — perguntou.

Em seguida, já bastante sonolenta, repetiu como se sonhasse:

— Será que gato come morcego? Será que cego come morgato? Será que gago come morceto? Será que morcego come gato? — questionava-se, embaralhando os bichos. Afinal de contas, quando não sabemos exatamente como responder a uma pergunta, não importa muito o jeito de dizê-la, não é mesmo?

Ela adormeceu lentamente e sonhou caminhar de mãos dadas com Diná, dizendo a ela com muita franqueza:

— Vai, Diná, me diz a verdade: você já comeu um morcego?

Então, de repente: *plunct!* Aterrissou em um amontoado de gravetos e folhas secas. A queda havia chegado ao fim.

Sem nenhum arranhão, ela se levantou em um instante. Olhou para cima, mas sobre sua cabeça tudo estava escuro. Atrás de Alice havia outra passagem longa, onde ainda se podia ver o Coelho Branco descendo bem depressa. Não dava para perder nem um segundo: lá foi a menina, veloz como o vento, bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao fazer a curva:

— Pelos meus bigodes! Vou me atrasar!

Alice estava perto dele ao fazer a curva, mas o Coelho Branco já não podia mais ser visto. Então, chegou a um salão comprido e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto.

Havia portas por todos os lados, mas todas estavam trancadas. Após tentar abrir cada uma delas, Alice caminhou com tristeza até o meio do cômodo pensando em como poderia sair dali.

De repente, foi surpreendida por uma mesa de três pés, toda feita de vidro e sobre a qual havia apenas uma chavezinha dourada. O primeiro pensamento de Alice foi que pertencia a uma das portas do salão. Mas, poxa vida, ou as trancas eram largas demais ou a chave era muito miúda. Isso tornava impossível abrir qualquer uma das portas. Foi nesse momento que Alice percebeu uma pequena cortina na parede. Atrás dela havia uma portinha com uns quarenta centímetros de altura: a menina experimentou a chave na fechadura e, para sua enorme satisfação, encaixaram perfeitamente!

Abriu a porta e descobriu uma pequena passagem, não muito maior que uma toca de rato. Ajoelhou-se e viu o mais lindo jardim. Desejou poder sair do salão escuro e passear entre aquelas flores coloridas e fontes refrescantes, mas a porta era minúscula e nem sequer sua cabeça passava por ela.

“E mesmo se minha cabeça passasse”, pensou, “não serviria de muita coisa sem meus ombros. Ah, como eu queria poder encolher feito uma luneta de pirata! Acho que conseguiria se soubesse como começar…” Após tantos acontecimentos excepcionais, Alice começou a pensar que pouquíssimas coisas eram, de fato, impossíveis.

Parecia não haver motivo para esperar perto da porta. Assim, ela voltou à mesa, esperando encontrar outra chave ou um livro de instruções sobre como diminuir as coisas, como quando guardamos uma luneta. Estava perdida em meio às ideias mais malucas, quando encontrou uma
garrafa.

— Que certamente não estava por aqui antes — ela disse. Seu rótulo de papel continha a palavra *beba-me* lindamente impressa.

Tudo bem que na garrafa se lia *beba-me,* mas a esperta Alice não faria isso com pressa.

"Não, primeiro eu vou procurar se está escrito 'veneno' em algum lugar", pensou, pois lera boas historinhas sobre crianças que se queimaram, foram engolidas por bestas selvagens e outras coisas desagradáveis porque não respeitaram regras básicas ensinadas por seus amigos. Por exemplo, um ferro quente nos queima se for segurado por muito tempo, ou se você cortar seu dedo *bem* fundo com uma faca, ele certamente vai sangrar. Alice nunca esqueceu que, se a gente beber muito de uma garrafa com a marca "veneno", é quase certo que vai se desconjuntar mais cedo ou tarde.

Essa garrafa, porém, não estava rotulada como "veneno". Assim, Alice se aventurou a experimentá-la e achou a bebida muito boa. Tinha, ao mesmo tempo, um gosto de torta de cereja, creme de leite, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada amanteigada. Ela bebeu tudo bem rápido.

* * * * *

— Que sensação curiosa! — ela disse. — Estou encolhendo como uma luneta!

E era verdade: ela agora media vinte e cinco centímetros! Seu rosto se iluminou com o pensamento de que esse era o tamanho certo para passar naquela portinha e entrar no lindo jardim. Primeiro ela esperou alguns minutos para ver se encolheria ainda mais. Alice estava um pouco nervosa em relação a isso.

"Pode ser que no final eu desapareça", pensou consigo mesma, "como se fosse uma vela derretida. No que eu me tornaria então?"

Tentou imaginar o que a chama de uma vela se torna depois de assoprada, coisa que nunca tinha visto antes.

Depois de um tempo, ao perceber que mais nada aconteceria, ela decidiu adentrar o jardim, mas (poxa vida, pobre Alice!) quando chegou à porta, notou que havia esquecido a chavezinha dourada. Quando voltou para buscá-la, percebeu que não a alcançava mais. Conseguia ver a chave claramente através do vidro da mesa. Tentou escalar, mas as pernas do móvel eram muito escorregadias. Quando se cansou de tentar, a pobrezinha sentou e chorou.

— Vamos lá, chorar assim não adianta de nada! — ela disse, severa consigo mesma. — Eu te aconselho a ir embora neste minuto! — Ela geralmente dava ótimos conselhos a si mesma (apesar de raramente segui-los). Às vezes, Alice se repreendia de maneira tão dura que chorava. Uma vez, tentou dar um tapa na própria orelha por ter trapaceado em uma partida de croqué que jogava contra si mesma. Vejam só: essa interessante criança adorava fingir ser duas pessoas.

"Mas agora de nada adianta fingir ser duas pessoas", pensou a pobre Alice. "Não sobrou de mim sequer o suficiente para fazer *uma* pessoa respeitável!"

Logo seus olhos pousaram sobre uma caixinha de vidro que estava debaixo da mesa. Ela a abriu e encontrou um bolo bem pequenino, no qual a palavra *coma-me* estava lindamente escrita com groselha.

— Bem, eu vou comer — ela disse. — Se crescer, alcanço a chave; se encolher, rastejo por debaixo da porta. Então, entrarei no jardim de qualquer maneira, nem ligo para qual forma será!

Comeu um pedacinho e ansiosamente aguardou com a mão sobre a cabeça para sentir se crescia ou diminuía. Ficou bem surpresa ao notar que permanecia do mesmo tamanho. É o que geralmente acontece com quem come bolo, mas Alice já estava tão habituada a esperar acontecimentos bizarros que parecia bem estúpido ver a vida acontecer do jeito normal.

Então, ela se lançou ao trabalho e, rapidinho, comeu todo o bolo.

* * * * *

UMA PISCINA DE LÁGRIMAS

Está cada vez mais interessanto! — gritou Alice. Ela estava tão surpresa que, por um momento, até se esqueceu de como falar corretamente. — Agora estou me esticando como se fosse a maior luneta do mundo! Adeus, pés!

Quando olhou para baixo, eles pareciam quase fora do seu campo de visão, de tão distantes.

— Oh, pobres pezinhos! Quem colocará meias e sapatos em vocês agora, meus queridos? Eu que *não* vou, pois estarei longe demais para me preocupar. É melhor se virarem como conseguirem. Se bem que preciso ser boazinha com eles — ponderou Alice. — Ou poderão não andar para o lado que eu quiser. Deixe-me ver: ah, já sei! Todo Natal vou presenteá-los com um novo par de sapatos!

E seguiu planejando como resolveria o problema.

— Precisarei enviar pelo correio. Será muito engraçado: mandar um presente para meus próprios pés! O endereçamento vai ficar muito esquisito!

Ao Digníssimo Pé Direito.
Tapete, perto da Lareira
(com amor, Alice).

— Céus, que absurdo estou falando!

Justamente nessa hora ela bateu com a cabeça no teto do salão: Alice agora tinha três metros. Em um instante, agarrou a chavezinha dourada e se apressou na direção do jardim.

Pobre Alice! Tudo o que ela podia fazer era deitar-se de lado para olhar o jardim com um dos olhos. Atravessar a porta estava mais difícil que nunca! Sentou e voltou a chorar.

— Você deveria se envergonhar! — ela disse. — Uma menina grande como você chorar assim! Pare agora, estou mandando!

Mas continuou do mesmo jeito, derramando galões de lágrimas até formar uma piscina ao redor de si mesma, com dez centímetros de profundidade e cobrindo metade do salão.

Depois de um tempo, escutou baixinho um som de passos e, apressadamente, secou os olhos úmidos para ver quem vinha. Era o Coelho Branco que voltava, vestido de um jeito esplêndido, com um par de luvas de pelica em uma das mãos e um grande abanador na outra. Com a maior pressa do mundo, resmungava:

— Ai, a Duquesa! Ai, a Duquesa! Ela vai ficar uma fera por eu tê-la deixado esperando!

Alice se desesperou a ponto de pedir ajuda para qualquer um. Então, quando o Coelho Branco se aproximou, lá foi ela, com uma voz e tímida:

— Com licença, senhor…

E o Coelho partiu descontrolado, deixando cair as luvas e o abanador, escapando para a escuridão o mais rápido que podia.

Como o salão estava quentíssimo, Alice pegou as coisas do chão e ficou se abanando:

— Poxa vida, poxa vida! Está tudo tão esquisito hoje! Ontem tudo correu normalmente. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar… vejamos: será que eu era eu mesma quando acordei esta manhã? Estou quase achando que levantei da cama me sentindo um pouco diferente. Se eu não sou mais a mesma, a pergunta inevitável é: quem, neste mundo, eu sou? *Esse* é o enigma!

Então, começou a pensar em todas as crianças da mesma idade que conhecia, para ver se tinha sido trocada por alguma delas.

— A Ada com certeza eu não sou — ela disse. — Porque o cabelo dela é todo cacheado e o meu não tem cachos. E com certeza não posso ser a Mabel, porque eu sei várias coisas e ela não sabe quase nada! Além disso, ela é ela e eu sou eu. Minha nossa, que confusão! Vou me testar para ver se ainda sei de tudo o que sabia: quatro vezes cinco igual a doze. Quatro vezes seis igual a treze. Quatro vezes sete igual a… Caramba! Assim eu nunca vou chegar no vinte. Mas a tabuada não quer dizer que fui trocada, vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, Paris é a capital de Roma, e Roma… Minha nossa, está tudo errado! Devo ter virado a Mabel. Vou tentar recitar "O pequenino crocodilo".[2]

Alice então cruzou as mãos sobre seu colo como se fosse uma professora e passou a repetir uma canção, mas sua voz estava rouca e estranha. As palavras não surgiam como deveriam. Ela recitou:

— O pequenino crocodilo
Da cauda no capricho
Sacode as águas do Rio Nilo
Com o seu reboliço.

Cheinho de felicidade
estica o gogó
pra receber com amizade
lindos peixes, ô dó!"

— Tenho certeza de que a canção não é assim — a pobrezinha disse.

Com os olhos lacrimejando, continuou o raciocínio:

— Devo mesmo ter virado a Mabel e vou precisar morar naquela casinha acanhada, quase sem nenhum brinquedo e cheia de lição pra fazer! Não, eu já me decidi: se eu for mesmo a Mabel, fico aqui embaixo! Nem adianta enfiar a cabeça na toca para me chamar. Se me chamarem de volta, vou olhar para cima e perguntar: "Quem é que eu sou? Respondam isso primeiro e, se eu quiser ser a tal pessoa, subo. Senão, fico aqui até que eu me transforme em outra". Minha nossa — disse Alice —, como eu *queria* que me chamassem! Já estou *muito* cansada de ficar sozinha!

Ao dizer isso, notou com surpresa que havia calçado uma das luvas do Coelho Branco.

"Como é que eu fiz isso?", pensou Alice. "Devo estar diminuindo de volta."

Levantou-se e foi até a mesa para se medir. Alice tinha agora um pouco mais de meio metro e encolhia cada vez mais. Ela logo percebeu que o abanador a fazia diminuir e jogou-o no chão a tempo de evitar que encolhesse a ponto de desaparecer.

— Essa foi por *pouco*! — ela disse, bem assustada com a mudança repentina, mas contente por ainda existir. — Vamos para o jardim!

E correu o quanto podia até a portinha, mas caramba, estava trancada de novo, com a chavezinha dourada ainda sobre a mesa.

"Estou pior do que nunca!", pensou a coitada da criança. "Eu nunca estive tão pequenininha, nunca! E é horrível!"

Seus pés escorregaram enquanto dizia essas palavras e *tchibum!* Em um segundo ela já estava coberta de água salgada até o queixo. Sua primeira impressão foi de que tinha caído no mar.

"Nesse caso, posso voltar de trem", refletiu.

Alice foi à praia certa vez e concluiu que, em qualquer parte do litoral, você encontrará máquinas de banho[3], crianças cavando na areia, uma fileira de pousadas e, atrás disso tudo, uma estação de trem.

Porém, logo entendeu que estava na piscina das lágrimas choradas por ela mesma quando media três metros.

— Eu queria não ter chorado tanto! — ela disse, nadando em busca de alguma saída. — Agora acabarei afogada nas minhas próprias lágrimas. Será a coisa mais esquisita que já vi, em um dia em que já está tudo muito estranho!

Foi então que ouviu algo se debater na piscina. Chegou mais perto para ver o que era. De início, pensou que fosse uma morsa ou um hipopótamo, mas então se recordou de como estava miúda e percebeu que era só um camundongo que também havia escorregado ali dentro, como ela.

"Será que adianta falar com esse camundongo?", pensou Alice. "É tudo tão fora do normal aqui embaixo que ele, muito provavelmente, também deve falar. Além disso, tentar não vai fazer mal nenhum."

Então, lá foi ela:

— Ó Camundongo! Você por acaso sabe como sair desta piscina? Já me cansei de ficar nadando por aqui, viu, ó Camundongo!

Alice achou que essa era a maneira correta de se dirigir a um camundongo. Nunca tinha feito isso antes, no entanto, recordava-se de ter visto na *Gramática latina* do irmão, "Um camundongo… de um camundongo… para um camundongo… um camundongo… ó camundongo!".

O Camundongo a olhou de modo inquisitivo e pareceu piscar um de seus olhinhos, mas não disse nada.

"Talvez ele não entenda a minha língua" pensou Alice. "Ouso dizer que é um camundongo francês, companheiro de Guilherme, o Conquistador."[4]

É que, dado seu vasto conhecimento de História, Alice não tinha muita clareza sobre quão antigos eram os acontecimentos.

Então, recomeçou o assunto.

— *Ou est ma chatte*? — A frase, que significa "onde está minha gata?", era a primeira do livro de francês de Alice.

O Camundongo saltou com violência da água e parecia se tremer inteiro de pavor.

— Perdoe-me, por favor! — suplicou Alice, com medo de ter ferido os sentimentos do animalzinho. — Esqueci que você não gosta de gatos.

— Não gosto de gato! — guinchou o Camundongo, veemente. — *Você gostaria de gatos* se fosse eu?

— Bem, talvez não — disse ela, em um tom calmo. — Não fique bravo por isso. Ah, eu adoraria lhe mostrar nossa gata, a Diná. Você passaria a ter carinho por gatos se ao menos pudesse vê-la. Ela é muito querida e tranquila.

E continuou, meio para si mesma, enquanto se espreguiçava pela piscina.

— Ela ronrona tão boazinha perto da lareira, lambendo as patas e limpando o focinho. É fofinha e ótima para fazer carinho. E ela é impossível caçando roedores… ai, perdoe-me, por favor! — suplicou novamente.

Desta vez, o Camundongo estava todo arrepiado e Alice teve certeza de que tinha sido ofensiva.

— Não falaremos mais dela se você não quiser — ela disse.

— Não mesmo! — berrou o Camundongo.

Tremia das orelhas à ponta do rabo.

— Até parece que *eu* falaria de um assunto desses! Nossa família sempre *odiou* gatos, esses animais sórdidos, baixos, vulgares! Não me faça ouvir esse nome de novo!

— E não vou mesmo! — ela disse, apressada para mudar de assunto. — Você… você gosta de… de… de cachorros?

O Camundongo não respondeu, então Alice continuou, ansiosa:

— Tem um cachorrinho tão lindo perto da nossa casa, eu adoraria lhe apresentar! Um pequeno terrier de olhos claros, sabe, com aquele pelo marrom bem enrolado! E ele busca as coisas que você arremessa. Depois, se senta implorando pelo jantar e tudo o mais… não consigo lembrar nem metade das coisas que ele é capaz de fazer… e ele pertence a um fazendeiro, sabe? O dono dele o acha

muito útil, diz que vale pelo menos cem libras! E o dono diz que ele mata tudo quanto é rat… ai, poxa vida! — choramingou Alice. — Parece que o ofendi outra vez!

O Camundongo fugiu dela com toda força, provocando ondas em toda a piscina enquanto nadava.

Então Alice o chamou delicadamente.

— Camundongo, meu querido! Volte aqui, não falaremos mais nem de gato nem de cachorro já que você não gosta deles!

Ele ouviu, deu meia volta e flutuou lentamente em direção a Alice.

— Vamos para a beirada, lá eu contarei minha história e você vai entender por que é que odeio gatos e cachorros — ele disse.

Já era hora de ir, pois a piscina estava ficando congestionada com os pássaros e animais que tinham caído nela: havia um Pato e um Dodô, um Periquito Arco-Íris, uma Águia e mais um punhado de bichos interessantes. Alice abriu caminho e toda a patota emplumada a seguiu até a beirada.

A CORRIDA MALUCA E UMA HISTÓRIA CAUDALOSA

Formavam de fato uma turma engraçada… Todos os pássaros com suas penas encharcadas, os animais com suas pelagens pegajosas, todos ensopados, irritados e desconfortáveis.

A primeira questão, obviamente, era como ficariam secos novamente. Eles trocaram ideias sobre isso e, após alguns minutos, Alice conversava como se os conhecesse por toda a vida. Ela travou um debate realmente longo com o Periquito que, emburrado, disse apenas:

— Eu sou mais velho que você e sei mais das coisas.

Alice só aceitaria esse argumento se soubesse quantos anos ele tinha. Porém, como o Periquito se recusava a revelar a própria idade, a conversa acabou por aí.

Finalmente, o Camundongo, que parecia a maior autoridade ali, declarou:

— Sentem-se todos e me escutem! *Eu* deixarei todos secos!

E todos se sentaram em um só instante, formando uma grande roda com o Camundongo no centro. Alice olhou fixamente para ele, pois tinha certeza de que pegaria um resfriado se não se secasse rápido.

— Hum-hum! — pigarreou o Camundongo com ar importante. — Prontos? Essa é a coisa mais árida que eu conheço. Silêncio, se me permitem! “Guilherme, o Conquistador, cuja causa foi apoiada

pelo papa, acabou rendido pelos ingleses, que queriam líderes e estavam muito acostumados à usurpação e à conquista. Eduíno e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria…”

— Aff! — resmungou o Periquito, em um arrepio.

— Perdão! — disse o Camundongo, franzindo a testa, mas de maneira bem cortês. — Disse algo?

— Eu não! — cuspiu o Periquito.

— Tive essa impressão — disse o Camundongo. — Prosseguindo: “Eduíno e Morcar, condes de Mércia e Nortúmbria, apoiaram-no; até Stigand, o mui-patriota arcebispo da Cantuária, achando isso aconselhável…”.

— Achando o quê? — disse o Pato.

— Achando isso — respondeu o Camundongo, irritado. — Você obviamente sabe a que se refere o “isso”.

— Eu sei muito bem o que quer dizer “isso”, principalmente quando *eu* acho algo — disse o Pato. — Quase sempre é um sapo ou uma minhoca.
A pergunta é, o arcebispo achou o quê?

O Camundongo ignorou a pergunta e continuou desembestado.

— “Achando isso aconselhável, foi, em conjunto com Edgar, o Atelingo, ter com Guilherme e oferecer a coroa. A princípio, Guilherme teve uma conduta moderada. Mas a insolência dos normandos…” como estamos agora, querida? — disse, virando-se para Alice.

— Molhada do mesmo jeito — disse Alice, com tristeza. — Não estou me secando nem um pouco.

— Neste caso — disse o Dodô, solene, pondo-se em pé —, indico o adiamento da presente reunião para que tomemos medidas mais enérgicas imediatamente…

— Fala direito! — disse a Águia. — Eu não sei o significado de metade desses palavrões e digo mais: ninguém aqui sabe!

A Águia baixou a cabeça para esconder a risada. Também foi possível escutar o riso de alguns pássaros.

— Eu ia falar — disse o Dodô, ofendido — que a melhor solução para nos secarmos seria uma corrida em panelinha.

— O que é corrida em panelinha? — perguntou Alice.

Não que ela quisesse realmente saber, mas é que o Dodô pausou como se esperasse pela pergunta de *alguém* e ninguém ali parecia inclinado a dizer nada.

— Ora — disse o Dodô —, a melhor maneira de explicar é fazendo.

(Como você também pode querer arriscar fazer isso num dia de inverno, vou lhe contar como o Dodô conseguiu.)

Primeiro, riscou uma pista de corrida mais ou menos na forma de um círculo.

— O formato da coisa não importa — disse.

Então, a patota se espalhou pelo percurso. Não teve “um, dois, três e já”, eles simplesmente corriam como queriam e paravam quando queriam. Logo, não era fácil saber quando a corrida chegaria ao seu fim. Após correr mais ou menos uma hora sem parar, todos já estavam bem secos. O Dodô então chamou a atenção do grupo.

— Acabou a corrida!

Todos se amontoaram ao redor dele, ofegantes, perguntando:

— Quem ganhou?

O Dodô só respondeu depois de pensar bastante, ficou sentado por um bom tempo pressionando a testa com um dedo (a mesma posição em que Shakespeare aparece nos retratos) enquanto todos esperavam em silêncio.

Finalmente, o Dodô anunciou a decisão.

— *Todo mundo* ganhou. E todo mundo vai ganhar um prêmio.

— Mas quem vai dar os prêmios? — perguntou o coral de pássaros e animais.

— Ué, *ela,* claro — disse o Dodô, com o dedo apontado para Alice.

A turma toda a rodeou em uma grande confusão:

— Prêmios! Prêmios!

Alice não tinha ideia do que fazer e, desesperada, tirou do bolso um pacote de jujubas (por sorte, protegido da água salgada) e o entregou como prêmio. Havia exatamente uma para cada corredor.

— Mas ela também merece receber um prêmio — disse o Camundongo.

— Com certeza — respondeu o Dodô, sério. — O que mais você tem no bolso?

— Só um dedal — ela disse, triste.

— Dê aqui — pediu o Dodô.

Então, amontoaram-se ao redor de Alice mais uma vez, enquanto o Dodô solenemente a presenteou com o dedal, dizendo:

— Suplicamos que você aceite este elegante dedal.

Assim que terminou o curto discurso, todos vibraram.

Alice achou aquilo bastante absurdo, mas eles pareciam levar tudo tão a sério que não ousou rir. Sem conseguir pensar em algo a dizer, ela simplesmente fez uma reverência e recebeu o dedal da maneira mais solene possível.

Era hora de comer as jujubas: foi barulhento e bagunçado, já que o pássaros grandes reclamavam de não conseguir saboreá-las, e os passarinhos engasgaram e precisaram de tapinhas nas costas. Todavia, isso chegou ao fim e eles se sentaram em roda outra vez, implorando para que o Camundongo contasse algo mais.

— Você me prometeu contar sua história, lembra? — ela disse. — E contar por que você odeia os G e os C… — acrescentou sussurrando, um pouco aflita para que ele não se ofendesse novamente.

— É triste e comprido! — disse o Camundongo, virando-se para Alice e suspirando.

— É comprido *mesmo* — falou, olhando espantada para o rabo do Camundongo. — Mas por que é triste?

E continuou desconcertada enquanto o Camundongo falava, de maneira que a versão que entendeu da história era mais ou menos assim:

— Furioso, disse o cão ao roedor que encontrou no corredor:

— Agora é na Justiça! Vou processar você!

Não tem vela nem choro, simbora lá pro

Foro: desfrutar esta manhã de lazer
já que eu 'tô sem o que fazer.
Perguntou o Camundongo
preocupado: — Cadê meu
advogado? Cadê o juiz
e o júri? Já vi que
não compensa.
— O tribunal sou eu
— o vira-lata
respondeu.
— Serei o juiz
e o júri,
e se você
perder a
desavença,
morrer
será
sua
sen
ten
ça.

— Você não está prestando atenção! — disse o Camundongo para Alice, bem sério. — No que está pensando?

— Desculpe-me — Alice respondeu, humildemente —, você já estava na quinta dobra do rabo, não é?

— *Não,* suanó cega! — respondeu o Camundongo, sério e ríspido.

— Um nó cego! — disse Alice.

Sempre pronta para mostrar-se útil, olhando tudo à sua volta ansiosamente, arriscou:

— Deixe-me ajudar a desatar!

— Maluca — disse o Camundongo, levantando-se e indo embora. — Você me insulta dizendo essas bobagens!

— Não era minha intenção — apelou a pobre Alice. — Mas você se ofende muito fácil, sabia?

O Camundongo respondeu com um resmungo.

— Por favor, volte e termine sua história! — ela pediu.

Todos se juntaram, em coro:

— Sim, por favor!

Mas o Camundongo apenas balançou a cabeça, impaciente, e apressou o passo.

— Que pena ele não ficar aqui! — suspirou o Periquito, assim que o Camundongo sumiu de vista.

Uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para ensinar à filha:

— É, querida… que isso lhe sirva de lição, para que você nunca perca a *sua* cabeça!

— Fica quieta, mãe! — disse a jovem Carangueja. — Até uma ostra perde a paciência com você!

— Eu queria que nossa Diná estivesse aqui, isso sim — Alice pensou alto. — Ela logo traria o Camundongo de volta!

— E quem é Diná, se me permite a pergunta? — disse o Periquito.

Alice respondeu com entusiasmo, pois estava sempre disposta a contar sobre seu bicho de estimação:

— Diná é a nossa gata. E ela é impossível caçando ratos! Ah, como eu queria que vocês pudessem vê-la correndo atrás dos passarinhos! Assim que ela vê um, já engole!

Essa fala causou uma comoção entre todos. Alguns dos pássaros fugiram no mesmo instante: uma velha Gralha deu uma desculpa esfarrapada e saiu:

— É hora de ir pra casa, o ar da noite não agrada minha garganta!

Com a voz trêmula, um Canário chamou seus filhotes:

— Vamos embora, meus pequenos! Vocês já deveriam estar na cama!

Cada um inventou algum motivo para ir embora, deixando Alice sozinha.

— Eu queria não ter mencionado a Diná! — disse para si mesma, melancólica. — Parece que ninguém gosta dela aqui embaixo. Eu tenho certeza de que ela é a melhor gata do mundo! Ai, Diná! Será que algum dia eu voltarei a ver você?

E Alice começou a chorar novamente. Ela sentia-se muito sozinha e jururu. Um tempinho depois, ouviu um caminhar à distância. Ficou ali torcendo, apreensiva, para que fosse o

Camundongo, para que ele tivesse mudado de opinião. Ela gostaria muito que ele retornasse para terminar a história.

BILL, A LAGARTIXA-BALA

Lá vinha o Coelho Branco, voltando vagarosamente, olhando para o chão como se tivesse perdido algo. Alice o ouviu resmungar:

— A Duquesa! A Duquesa! Ai, minhas patinhas queridas! Ai, meus pelos, meus bigodes! Ela vai me matar, certo como dez e dez são vinte. Onde será que eu *poderia* tê-los derrubado?

Alice em um instante adivinhou que ele buscava o leque e o par de luvas de pelica. Começou a procurar por pura boa vontade, mas eles não apareciam… tudo parecia ter mudado desde o mergulho na piscina, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, desaparecera completamente.

O Coelho Branco viu Alice, que procurava nos arredores, e a chamou com aspereza.

— Ué, Mariana, o *que* você está fazendo aqui fora? Vá para casa agora e me traga um par de luvas e um leque! Rápido, já!

De tão assustada, Alice saiu correndo na direção que o Coelho Branco apontou, sem ousar explicar o erro que ele havia cometido.

— Ele achou que eu fosse a empregada — disse consigo mesma enquanto corria. — Vai se surpreender quando descobrir quem eu sou. Será melhor levar as tais luvas e o tal leque… se eu conseguir encontrá-los, é claro.

No momento em que dizia isso, Alice se deparou com uma casinha bem cuidada, em cuja porta brilhava uma placa de latão

com o nome
“W. Coelho”. Entrou sem bater e correu escada acima, com o maior medo de esbarrar na verdadeira Mariana e ser expulsa antes de encontrar o leque e as luvas.

— Que estranho — ela disse — fazer o serviço de casa para um coelho! Aposto que a Diná será a próxima a me dar serviço!

E começou a fantasiar o tipo de coisa que aconteceria:
— Senhorita Alice! Venha cá neste momento, apronte-se para passear! — diria a gata.

— Já estou indo, senhora! Mas preciso cuidar para que o rato não fuja! — responderia Alice.

— Eu só não acho — Alice continuou — que eles deixariam a Diná viver em casa se ela começasse a mandar na gente desse jeito!

Então entrou em um quartinho bem organizado, com uma mesa sob a janela, na qual (como ela esperava) havia um leque e três pares de luvinhas de pelica. Pegou o que precisava e ia saindo quando seus olhos pousaram em uma garrafinha próxima ao espelho. Dessa vez, não havia nenhuma etiqueta dizendo *beba-me;* mas, mesmo assim, Alice a destampou e colocou na boca.

— Eu sei que *alguma coisa* interessante vai acontecer — disse consigo mesma. — É assim sempre que bebo ou como algo. Deixe-me ver o que essa garrafa faz. Espero que me faça crescer, já estou cansada de ser essa coisa minúscula!

Foi exatamente o que aconteceu, e bem mais cedo do que ela esperava: antes de chegar à metade da garrafa, sua cabeça já batia no teto, e Alice precisou se curvar para não quebrar o pescoço. Largou a garrafa com pressa, dizendo:

— Já é o bastante… espero não crescer mais… desse jeito eu já não passo na porta… queria não ter bebido tanto!

Era tarde demais! Alice crescia e crescia, começou a se ajoelhar e, no próximo minuto, nem isso era mais possível. Tentou se deitar com um cotovelo contra a porta e o outro braço dobrado sobre a cabeça. O crescimento continuou e, como última solução para não destruir a casinha, colocou o braço para fora da janela e encaixou o pé na chaminé.

— Mais que isso não dá pra fazer. O que será de mim? — ela disse.

Ainda bem que o efeito da garrafinha mágica já tinha se completado e Alice não cresceu mais. Tudo aquilo era muito desconfortável. Como não parecia haver nenhuma chance de sair daquele quartinho, ela se sentiu muito infeliz.

— Em casa era muito melhor — Alice pensou alto. — A gente não ficava crescendo ou diminuindo e não recebia ordem nem de rato nem de coelho. Não queria ter entrado na toca do coelho e mesmo assim… mesmo assim… é estranho, sabe, esse tipo de vida! O que *será* que aconteceu comigo? Eu lia contos de fadas e imaginava que aquele tipo de coisa nunca aconteceria. Agora estou aqui, enfiada nesse quartinho de casa de coelho! Deve existir um livro sobre mim, ô se deve! Quando eu crescer, escrevo um… mas agora eu já cresci — acrescentou, amargurada.

— Pelo menos *aqui* não tem mais para onde crescer. Mas daí — refletiu —, eu *nunca* vou ficar mais velha? Seria um consolo nunca ser uma mulher velha… mas assim, sempre terei lição a fazer… ah, *disso* eu não vou gostar!

— Alice, sua burra! — respondeu para si mesma. — Como você vai fazer lição aqui dentro? Não tem nem lugar para *você,* muito menos para um livro de lição de casa, não é?

E assim continuou, cada vez tomando um lado da conversa e produzindo um baita debate. Minutos depois, ouviu uma voz lá fora e parou para escutar.

— Mariana! Mariana! — dizia a voz. — Traga minhas luvas neste momento!

Passos subiam as escadas. Alice sabia que era o Coelho Branco à procura dela e, trêmula, fez a casa balançar, praticamente se esquecendo de que agora estava umas mil vezes maior que o Coelho e não tinha motivo para ter medo.

O Coelho Branco foi até a porta. Tentou abri-la, mas era impossível, pois a porta abria para dentro, e o cotovelo de Alice a pressionava no sentido oposto. A menina escutou-o dizendo para si mesmo:

— Então eu dou a volta e entro pela janela.

"*Isso* você não vai fazer", pensou Alice.

Quando imaginou ter ouvido o Coelho Branco embaixo da janela, repentinamente esticou a mão, fazendo um movimento no ar. Não agarrou coisa alguma, mas ouviu um berro, uma queda e um vidro se quebrando. Com a barulheira, Alice concluiu que o Coelho tinha caído no meio da estufa de hortaliças ou algo assim.

Veio então a voz do Coelho Branco, cheia de raiva:

— Pat! Pat! Cadê você?

Depois, surgiu uma voz que ela nunca tinha ouvido:

— Com certeza estou aqui! Colhendo maçãs, meu senhor! — disse Pat.

— Colhendo maçãs, certo! — disse o Coelho Branco, estressado. — Aqui! Venha me ajudar com *isso!*

(Mais barulho de vidro quebrando.)

— Diga-me, Pat, o que é aquilo na janela?

— Com certeza é um braço, meu senhor! — Pat pronunciava "sinhô".

— Um braço, seu jumento? Desse tamanho? Enche a janela de tão grande!

— Com certeza, meu senhor. De qualquer jeito, é um braço — disse Pat.

— Bom, ali não há nada do interesse dele. Pegue-o e leve-o embora!

Houve um longo silêncio depois disso. Alice apenas ouvia um sussurro aqui e outro ali, como:

— Com certeza, meu senhor. Eu não gosto de jeito nenhum, nenhunzinho!

— Faça o que estou mandando, seu frouxo!

Alice novamente esticou a mão, fazendo um movimento em busca de algo. Dessa vez ouviu *dois* gritinhos e mais barulho de vidro quebrando.

"A estufa de pepinos deve ser das grandes!", pensou Alice. "O que será que eles vão fazer? Só queria que fossem capazes de me puxar pela janela! *Eu* é que não quero ficar mais aqui!"

Aguardou um tempo sem escutar mais nada. Enfim veio um ruído de rodinhas de carroça e uma zoada de vozes falando ao mesmo tempo. Ela decifrou algumas palavras:

— Cadê a outra escada…? Ué, eu só trouxe uma, a outra tá com o Bill… Ô Bill! Traz aqui, rapaz! Aqui ó, nesse canto… Não, primeiro amarra uma na outra… Ainda não chegou nem na metade da altura… Ah, já tá bom demais, não seja rabugento… Aqui, Bill! Segura a corda… Será que o teto aguenta…? Cuidado com a telha solta… Eita, tá caindo tudo! Olha a cabeça! (Estrondo de uma batida.)

— Ei, quem fez isso…? Acho que foi o Bill… Quem é que vai descer pela chaminé…? Ah, eu não! Vai *você*…!*Eu* é que não…! Então vai o Bill… Escuta, Bill! O mestre disse pra você descer pela chaminé!

— Eita! Então o Bill precisa descer pela chaminé? — Alice falou consigo mesma. — Poxa, eles parecem colocar tudo nas costas do pobre do Bill! Essa lareira é apertada, pra falar a verdade, mas acho que consigo dar um chutinho!

Ela abaixou o pé o mais que pôde na chaminé e aguardou. Até que escutou um pequeno bicho (não dava para adivinhar qual tipo era) se arranhando e se mexendo um pouco acima dela. Alice deduziu:

— É o Bill!

Deu-lhe uma bicuda e ficou esperando pra ver o que aconteceria.

A primeira coisa que escutou foi o pessoal fazendo coro:

— Caramba! Lá vai o Bill!

Junto veio um grito do Coelho Branco:

— Ei, você aí na cerca, agarre-o!

Então, silêncio; depois, outra zoada:

— Segura a cabeça dele…! Alguém dê conhaque pra ele…! Não o deixem engasgar…! E aí, meu velho? Como foi…? O que aconteceu? Conta tudo pra gente!

Por fim, veio uma vozinha fraca e chiada.

— É a voz do Bill — pensou Alice.

— Olha, nem eu sei direito… não quero mais, obrigado, estou melhor… mas estou muito abalado pra contar a vocês… só sei que alguma coisa me arremessou feito um catapulta e eu saí voando igual a um foguete! — contou o nosso Bill.

— Você voou de verdade, camarada. Parecia uma bala de canhão — disseram os outros.

— Precisamos botar fogo nessa casa! — afirmou o Coelho Branco.

Alice, então, gritou o mais alto que pôde:

— Queimem e eu mando a Diná pegar vocês!

Houve um silêncio mortal.

“Quero ver o que vão fazer agora! Se tivessem algum juízo, arrancariam o teto”, pensou Alice.

Depois de um ou dois minutos, reiniciaram o rebuliço. Alice ouviu o Coelho Branco dizendo:

— Encham um carrinho de mão, para começarmos.

“Encher com o *quê?*”, pensou Alice.

Mas não deu tempo de matutar: um banho de pedrinhas passou zunindo pela janela, algumas acertando-a no rosto.

— Preciso botar um fim nisso — afirmou.

E berrou:

— É melhor não fazerem isso de novo!

O grito produziu outro silêncio mortal.

Alice percebeu com surpresa que algumas das pedrinhas se transformavam em bolos assim que tocavam o chão. Ao ver essa transformação, uma ideia brilhante surgiu em sua mente:

— Se eu comer um desses bolinhos — refletiu Alice —, com certeza meu tamanho vai mudar *de algum jeito*. E como é impossível que eu cresça mais, acho que vão me deixar menor.

Engoliu um dos bolos e ficou muito alegre ao perceber que já estava diminuindo. Assim que estava pequena o bastante para passar pela porta, ela correu para fora da casa, onde uma tropa de animaizinhos e passarinhos a aguardava. A pobre lagartixa de nome Bill estava no meio da multidão, carregada por dois porquinhos-da-índia, que a abasteciam com o líquido de uma garrafa. Todos correram na direção de Alice quando ela apareceu. Assustada, a menina fugiu com toda a sua energia e logo estava segura, no meio da mata cerrada.

— A primeira coisa de que preciso — falou consigo mesma — é voltar para o meu tamanho normal. A segunda é encontrar o caminho daquele adorável jardim. Acho que esse é o melhor plano.

Parecia, sem dúvida, um ótimo plano, simples e organizado. A única dificuldade era que Alice não fazia a menor ideia de como

realizá-lo e, enquanto espreitava ansiosa entre as árvores, um latido penetrante sobre sua cabeça a fez olhar para cima de uma só vez.

Um enorme cachorro filhote a observava com grandes olhos redondos, debilmente esticando uma das patas para tocá-la.

— Pobrezinho! — ela disse, adulando o bichinho e tentando assobiar para ele.

Alice também estava apavorada pensando que o cachorrinho poderia estar faminto e, nesse caso, a engoliria apesar de qualquer afago.

Sem pensar exatamente no que fazia, ela pegou um graveto e o estendeu para o filhote. Imediatamente o cãozinho saltou latindo de felicidade e correu até o graveto como se se importasse com ele. Alice esquivou-se para trás de uma grande flor espinhosa, para evitar o atropelamento. Assim que apareceu do outro lado, o filhote veio atrás do graveto, trombando em tudo, feito um alucinado. Ela, esperando ser pisoteada a qualquer momento, girou o pauzinho novamente. O cão começou a dar investidas, recuando cada vez mais e latindo de um jeito rouco, sem parar. Depois ele se distanciou, ofegante, com a língua pendurada e os olhos semicerrados.

Alice viu nisso uma boa oportunidade de escapar. Fugiu imediatamente, correndo até perder o fôlego e o latido do filhote soar distante.

— Mas que lindo cachorrinho! — ela disse, enquanto se encostava em uma florzinha amarela para descansar, abanando-se com uma das pétalas. — Eu adoraria ter ensinado algumas brincadeiras a ele se… se eu apenas tivesse o tamanho certo pra isso.

Poxa vida! Eu quase esqueci que preciso crescer de volta! Mas como é que vou conseguir isso? Acho que preciso comer ou beber alguma coisa, mas a grande pergunta é: o quê?

A grande questão certamente era “o quê?”. Alice buscou entre as flores e o gramado, mas não viu nada que parecesse comestível ou potável. Um cogumelo enorme florescia ali perto, mais ou menos do mesmo tamanho dela. Alice procurou embaixo do cogumelo, dos lados, atrás e no topo dele.

Esticou-se na ponta dos pés para espiar sobre a copa do cogumelo. Nesse momento, ela percebeu uma grande taturana: sentada no topo com os braços cruzados. Fumava um narguilé bem quietinha, sem dar atenção alguma para Alice nem a qualquer outra coisa.

CONSELHOS DE UMA TATURANA

A Taturana e Alice se observaram em silêncio por um tempo. Enfim, ela tirou o narguilé da boca e se dirigiu à menina com uma voz frouxa e sonolenta.

— Quem é *você*? — perguntou.

Não era um início encorajador para uma conversa. Alice respondeu bem envergonhada:

— Eu… eu nem sei direito, agora… eu… pelo menos eu sei quem eu *era* quando acordei, mas acho que desde então já fui trocada várias vezes.

— O que você quer dizer com isso? — questionou a Taturana, severa. — Explique-se!

— Não consigo *me* explicar — respondeu Alice. — Porque eu não sou eu mesma, percebe?

— Não — disse a Taturana.

— Pior que não consigo dizer com mais clareza — afirmou Alice, de maneira muito educada. — Porque, para começar, eu mesma não entendo. Ter tantos tamanhos no mesmo dia é muito confuso.

— Não é não — retrucou a Taturana.

— Pode ser que você ainda não perceba; mas, quando se tornar uma crisálida, e isso vai acontecer algum dia, você sabe… depois,

talvez, uma borboleta… imagino que você se sentirá estranha também, não é?

— Nem um pouco — respondeu a Taturana.

— Talvez seus *sentimentos* sejam diferentes — ela disse. — O que eu sei é: *para mim* seria muito esquisito.

— Para você! — observou a Taturana, com desdém. — Quem é *você*?

A pergunta levou tudo de volta para o início da prosa. Alice ficou irritada com o jeito de a Taturana falar, sempre de maneira tão*breve*. Por isso, ela encheu o peito para dizer, muito séria:

— *Você* é que precisa me dizer quem é, primeiro.

— Por quê? — perguntou a Taturana.

Mais uma pergunta enigmática. Como Alice não conseguiu pensar em nenhuma boa resposta, e a Taturana parecia estar em um estado de espírito *bem* desagradável, a menina foi embora.

— Volte aqui! — chamou a Taturana. — Tenho algo importante para dizer!

Isso certamente soou promissor, então Alice voltou.

— Segura sua onda — aconselhou a Taturana.

— É só isso? — perguntou Alice, engolindo a raiva como podia.

— Não — respondeu a Taturana.

Alice pensou que poderia esperar, já que não tinha mais nada a fazer, e depois talvez viesse algo que valesse a pena escutar. Por alguns minutos, a Taturana baforou fumaça sem falar nada. Depois, descruzou os braços, tirou o narguilé da boca outra vez e disse.

— Então você acha que está mudada, né?

— Pior que sim — ela respondeu. — Eu não consigo me lembrar das coisas como costumava… e não fico do mesmo tamanho nem por dez minutos!

— Não se lembra de *quais* coisas? — perguntou a Taturana.

— Olha, eu tentei cantar a música da abelhinha ocupada e saiu tudo diferente! — explicou Alice, com a voz melancólica.

— Repita o *"Já tá velho, seu Guilherme"* — ordenou a Taturana.

Alice cruzou os braços e começou:

— "Já tá velho, seu Guilherme", o moleque falou.
"Seu cabelo era castanho e agora branqueou;
Plantando bananeira, tão velhinho assim,
'Cê não acha, seu Guilherme, que isso pode dar ruim?"

"No meu tempo, meu filho", o vovô respondeu,
"Eu temia acabar de miolo mole;
Pois agora, que esse velhinho aqui já endoideceu,
Não tô nem aí para esse bole-bole."

"'Cê tá velho, seu Guilherme", o jovem repetiu.
"E esse bucho, seu Guilherme, que parece um barril;
Virando cambalhota, dando salto mortal?
Pra quê isso, seu Guilherme? Não me leve a mal."

"No meu tempo, meu filho", falou com sabedoria,
"Cada membro do meu corpo era pura agilidade;

Eu passava um negócio, lá da venda da Luzia,
Quer testar? Te dou a dica: se chamava Merthiolate."

"Mas 'cê tá velho, seu Guilherme", o moço não calava a boca.
Não sobrou dente nenhum, só mastiga se for sopa;
No dia da galinhada, ficou chupando tutano.
Deve ser ruim, não é, meu velho, só comer se for sugando?"

"No meu tempo, meu filho", disse a velha raposa,
"Bastava chegar em casa pra algazarra começar.
E depois de tanta intriga e debates com minha esposa,
Eu fiquei foi reforçado, pois exercitei meu maxilar."

"'Cê tá velho, seu Guilherme", o menino insistia.
Seu olho é só catarata, astigmatismo e miopia;
Ainda assim equilibra um muçum na ponta do nariz,
Como pode ser tão ligeiro, esse velhote infeliz?"

"Dá um tempo, meu filho", disse o velho ao adolescente.
"Vê se troca esse farrapo e corta essa cabeleira;
Escutar tanta besteira já cansou a minha mente.
Sai fora, moleque chato, ou te empurro na ladeira!"

— Falou tudo errado — observou a Taturana.

— Não está *muito* certo mesmo — ela aceitou, toda tímida. — Acho que troquei algumas palavras.

— Errado do início ao fim — disse a Taturana, categórica.

Houve silêncio durante alguns minutos. A Taturana foi a primeira a falar:

— Você quer ser de qual tamanho? — perguntou.

— Ah, meu problema não é o tamanho — Alice respondeu. — Só não quero ficar mudando toda hora, percebe?

— Não — disse a Taturana.

Alice não falou nada. Ela nunca havia sido tão contrariada na vida. Sentiu que não estava mais segurando sua onda.

— Está satisfeita agora? — perguntou a Taturana.

— Bem, eu gostaria de ficar *um pouquinho* maior, se não for incômodo — ela disse. — Sete centímetros é um tamanhozinho desgraçado.

— É uma bela altura! — disse a Taturana, brava, levantando-se enquanto falava (ela tinha exatamente sete centímetros).

— Mas eu não estou acostumada a isso! — defendeu-se a pobre Alice, em um tom comovente. E pensou consigo mesma: “Queria que essas criaturas não se ofendessem tão fácil!”.

— Você se acostuma depois de um tempo — disse a Taturana, recolocando o narguilé na boca e voltando a fumar.

Desta vez Alice esperou com paciência até que decidisse falar outra vez. Depois de um ou dois minutos, a Taturana tirou o narguilé da boca, bocejou algumas vezes e estremeceu-se. Então, desceu do cogumelo e começou a caminhar mato adentro, após falar a seguinte frase:

— Um lado lhe fará crescer; o outro, diminuir.

“Um lado do *quê*? Outro lado do *quê*?”, Alice pensou consigo mesma.

— Do cogumelo — respondeu a Taturana, como se a tivesse escutado falar.

Depois disso, simplesmente sumiu.

Alice permaneceu pensativa, observando o cogumelo e tentando decifrar quais eram os dois lados. Afinal, ele era perfeitamente redondo. A questão não era nada fácil. Enfim, esticou seus braços ao redor do cogumelo e arrancou um pedacinho com cada mão.

— Agora qual é qual? — perguntou a si mesma.

Mordiscou um pouco do que estava na mão direita para testar o efeito: logo sentiu uma pancada violenta. Seu queixo bateu com tudo no próprio pé!

Bastante assustada com a mudança repentina e sem tempo a perder, pois encolhia muito rapidamente, tratou logo de comer o outro pedaço. Seu queixo estava tão próximo do pé que quase não havia espaço para abrir a boca. Mas ela conseguiu, no fim das contas, e engoliu um bocado do pedaço que estava na mão esquerda.

* * * * *

— Caramba, minha cabeça está livre, até que enfim! — ela disse.

A voz contente se tornou apreensiva no instante em que ela não encontrou mais seus ombros: tudo o que podia ver, ao olhar para baixo, era um pescoço de comprimento gigantesco. Parecia se erguer como um caule no mar de folhas verdes daquele chão distante.

— O que *será* toda essa coisa verde? — perguntou Alice. — E *cadê* meus ombros? Coitadas das minhas mãos, como é que vou enxergá-las?

Ela se mexia enquanto falava, mas não havia resultado além das folhas se balançando lá embaixo.

Como parecia não ter jeito de levantar as mãos até a cabeça, ela tentou baixá-la até as mãos, e se maravilhou ao descobrir que seu pescoço dobrava facilmente em qualquer direção, feito uma serpente. Alice conseguiu curvá-lo em um gracioso ziguezague e estava prestes a mergulhar entre as folhas, que descobriu serem, de fato, a copa das árvores sob as quais havia passeado antes. Foi quando um assobio penetrante a fez se endireitar de volta: um pombo enorme voou na direção do seu rosto, batendo as asas violentamente contra Alice.

— Serpente! — gritou o Pombo.

— Eu não sou serpente! — ela afirmou indignada. — Me deixa em paz!

— Serpente, sim! — repetiu o Pombo, em um tom mais moderado.

E acrescentou, como num soluço:

— Tentei de todo jeito, mas elas não aprendem!

— Eu sei lá do que você está falando — ela disse.

— Tentei as raízes das árvores, tentei nos bancos, nas cercas — continuou o Pombo, sem ligar para Alice. — Mas essas serpentes! Nunca se contentam!

Alice ficou ainda mais confusa, mas achou melhor não dizer nada

antes de o Pombo terminar.

— Como se não bastasse cuidar de meus ovos — reclamou. — Preciso ficar atento, manter guarda e vigiar essas serpentes noite e dia! Faz três semanas que não durmo nem pelo tempo de um piscar de olhos!

— Eu sinto muito pelo incômodo — disse, começando a compreendê-lo.

— Logo agora que eu cheguei à árvore mais alta do bosque — continuou o Pombo, com a voz esganiçada de tão alta —, pensando que iria enfim me livrar, surge uma delas se contorcendo lá do céu! Sai fora, Serpente!

— Mas eu *não sou* uma serpente, estou dizendo! Eu sou uma… Sou uma…

— Certo! *O que* você é? — disse o Pombo. — Dá pra ver que você está tentando inventar alguma coisa!

— Eu… sou uma menina — ela disse, com bastante dúvida após lembrar-se do número de mudanças que tinha sofrido durante aquele dia.

— Uma história bem provável! — disse o Pombo, com o mais profundo desdém. — Eu vi um monte de meninas na vida, mas nenhuminha sequer com um pescoço desses! Nananinanão! Você é uma serpente, não adianta negar. Aposto que vai me contar que nunca experimentou um ovo!

— Já e*xperimentei* ovo, com certeza — Alice falou, pois era uma criança bem verdadeira. — Mas meninas, tanto quanto serpentes, comem ovos, você sabe muito bem disso.

— Não acredito — disse o Pombo. — Então, se elas comem, também são um tipo de serpente, é tudo o que lhe digo.

Essa ideia era tão nova para Alice que ela se calou durante alguns minutos, o que possibilitou ao Pombo acrescentar o seguinte:

— Você está procurando ovos, eu sei *muito bem* disso. O que importa se você é menina ou serpente?

— Importa bastante — respondeu Alice, no mesmo segundo. — Mas não estou procurando ovos e, se estivesse, não seriam os *seus*. Eu não gosto de ovo cru.

— Então, sai fora! — exclamou o Pombo, aborrecido enquanto voltava para seu ninho.

Alice engatinhava como podia entre as árvores. Seu pescoço se enroscava nos galhos, e a toda hora era preciso se desenroscar. Logo ela lembrou que ainda carregava pedaços de cogumelo e voltou ao trabalho com muito cuidado, mordiscando primeiro um e depois o outro, crescendo às vezes e diminuindo noutras, até que conseguiu voltar à sua estatura normal.

Fazia tanto tempo que não estava do tamanho certo que tudo pareceu bem esquisito no começo. Ela só se habituou minutos depois e, como de costume, começou a falar sozinha:

— Metade do plano já deu certo! Nossa! Que esquisitice todas essas mudanças! Eu nunca sei o que vou virar de uma hora pra outra! Agora que já voltei ao meu tamanho certo, só falta entrar naquele lindo jardim… como é que eu faço isso?

Enquanto falava, Alice repentinamente se deparou com um espaço aberto, com uma casinha de mais ou menos um metro de altura.

“Qualquer um que more aqui”, pensou Alice, “não ficaria nada feliz de encontrar alguém desse *meu* tamanho. Ficaria aterrorizado!”

Então, mordiscou novamente um pouco do que tinha na mão direita e não se aventurou a se aproximar da casa antes de chegar aos vinte centímetros de altura.

PORCA E PIMENTA

Por um ou dois minutos ela observou a casa, pensando no que fazer. De repente, um criado de uniforme surgiu correndo do bosque e bateu bem forte à porta com os nós dos dedos (Alice julgou ser um criado, porque vestia uniforme, caso contrário, julgando apenas por seu rosto, teria achado que era um peixe). Outro criado uniformizado abriu a porta. Tinha uma cara redonda e os olhos grandes de sapo. Alice notou que ambos usavam perucas com cabelos cheios de pó que se encaracolavam em torno da cabeça. Ela sentiu uma grande curiosidade de saber qual seria o assunto deles e rastejou pelo bosque para escutá-los.

O Peixe-Criado começou por mostrar uma carta enorme, praticamente do tamanho dele, e entregou-a para o outro, dizendo solenemente:

— Para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croqué — disse.

O Sapo-Criado repetiu no mesmo tom solene, mas mudando um pouco a ordem das palavras:

— Da Rainha. Um convite para a Duquesa para jogar croqué.

Ambos se inclinaram tanto em uma mesura que seus cachos se enroscaram.

Alice riu muito. Teve de correr de volta para o bosque para não ser ouvida. Assim que espiou de novo, o Peixe-Criado já havia

partido e o outro estava sentado no chão perto da porta, olhando para o céu feito bobo.

Ela caminhou timidamente até a porta e bateu.

— Você não precisa bater por dois motivos — disse o Criado. — Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque eles estão fazendo tanto barulho lá dentro que não há a menor chance de alguém ouvir.

Realmente a barulheira era espantosa. Berros e espirros sem parar. Toda hora ouvia-se algum estrondo, como se uma travessa ou bule de louça tivesse se despedaçado no chão.

— Por favor, então — ela disse. — Como poderei entrar?

— Faria algum sentido bater na porta se a porta estivesse entre nós — o Criado continuou sem dar atenção a ela. — Por exemplo: se você estivesse *dentro* e batesse, eu a deixaria sair, entende?

O Criado permanecia olhando para o céu enquanto falava, o que Alice achou uma grosseria.

— Mas talvez ele não possa fazer nada — disse baixinho consigo mesma. — Os olhos dele ficam *muito* perto do cocuruto. De qualquer maneira, talvez responda a algumas perguntas… Como eu faço pra entrar? — repetiu, mais alto.

— Ficarei sentado daqui — afirmou o Criado — até amanhã…

Nesse instante, a porta se abriu e uma bandeja girou em direção à cabeça do Criado: passou raspando pelo nariz e se despedaçou contra uma das árvores em frente à casa.

— Ou talvez até depois de amanhã… — continuou no mesmo tom de voz, como se absolutamente nada tivesse acontecido.

— Como farei pra entrar? — Alice perguntou de novo, ainda mais alto.

— Você *realmente precisa* entrar? — disse o Criado. — Essa é a primeira questão, entende?

Era mesmo, sem dúvida. Mas Alice não gostou do conselho.

— É horrível o jeito como essas criaturas discutem — resmungou consigo mesma. — Deixa qualquer pessoa louca!

O Criado pareceu ver aí uma boa oportunidade de repetir sua afirmação, com variações.

— Sentarei aqui — ele disse — por dias e dias.

— Mas e *eu*, vou fazer o quê? — ela perguntou.

— O que quiser — respondeu o Criado e começou a assobiar.

— Ah, não adianta falar com ele — ela disse, desesperada. — É um perfeito idiota!

Alice abriu a porta e entrou.

Foi parar em uma grande cozinha toda enfumaçada: a Duquesa estava sentada ao centro em um banco de três pés cuidando de uma bebê; a cozinheira, inclinada sobre o fogo, mexia um caldeirão aparentemente cheio de sopa.

— Essa sopa está com pimenta demais! — Alice concluiu, pois não parava de espirrar.

Havia muita pimenta no ar. Até a Duquesa espirrou algumas vezes; a criança não parava de espirrar e berrar, alternadamente. As únicas coisas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um enorme gato sentado sobre o forno, com um sorriso arreganhado de orelha a orelha.

— Com licença, você poderia me dizer por que seu gato sorri desse jeito? — Alice perguntou, um pouco envergonhada por não ter certeza se demonstrava bons modos ao falar primeiro.

— É um Gato de Sorriso — disse a Duquesa. — Por isso. Porca!

A última palavra foi dita com tanta violência que Alice até saltou. No momento seguinte, a menina percebeu que o grito era para a bebê, não para ela, então tomou coragem e continuou:

— Não sabia que os gatos lá da cidade de Sorriso sempre sorriem. Na verdade, eu não sabia que os gatos eram capazes de sorrir.

— Todos conseguem — respondeu a Duquesa. — E a maioria sorri.

— Não conheço nenhum gato que ri — Alice disse de maneira muito educada, sentindo-se contente de ter começado a conversar.

— Você não sabe de nada — afirmou a Duquesa. — Essa é a verdade.

Alice não gostou do tom dessa afirmação, por isso, tentou introduzir outro assunto na conversa. Enquanto pensava no que falar, a Cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e começou a jogar tudo que estava ao seu alcance na Duquesa e na bebê… primeiro vieram os ferros em brasa e então uma onda de panelas, bandejas e louças. A Duquesa não se dava conta nem quando os objetos a atingiam. Por sua vez, a bebê já berrava tão alto antes dos disparos que era impossível saber se eles a machucavam ou não.

— Ei, presta atenção no serviço, *por favor*! — gritou Alice, pulando de tanta agonia e terror. — Ai, lá vai o *precioso* narizinho

dela — reclamou, quando uma panela maior que de costume passou voando.

— Se cada um cuidasse da própria vida — rosnou a Duquesa —, o mundo giraria bem mais depressa.

— O que *não* seria uma vantagem — respondeu Alice, satisfeita pela possibilidade de mostrar um pouco do que sabia. — Só imagine o que aconteceria com o dia e a noite! Você sabe que a Terra demora vinte e quatro horas para realizar o movimento de revolução…

— Falou de revolução! — disse a Duquesa. — Cortem-lhe a cabeça!

Alice olhou com preocupação para a Cozinheira, checando se ela cumpriria as ordens. Porém, encontrou-a ocupada demais mexendo a sopa, nem pareceu ouvir. Então, lá foi Alice de novo:

— Vinte e quatro horas, eu *acho*. Ou seriam doze? Eu…

— Ah, não enche! — disse a Duquesa. — Nunca suportei números!

E voltou a cuidar da criança, cantando uma espécie de canção de ninar e chacoalhando a nenê ao fim de cada verso:

— Fala grosso com o nenê,
Dá cascudos na cabeça:
Ele só quer te aborrecer,
Não deixe que isso aconteça.

Refrão (com participação da Cozinheira e do bebê):

— Uá, uá, uá!

Enquanto cantava a segunda estrofe, a Duquesa jogava a bebê para cima e para baixo, com violência, e a pobrezinha berrava tanto que Alice nem conseguia ouvir a música:

— Dou soco no meu bacuri,
Se espirrar, aguenta;
Assim eu faço ele engolir
Um quilo de pimenta.

Refrão:

— Uá, uá, uá!

— Toma, já que você gosta tanto dela, então cuida — disse a Duquesa para Alice, arremessando a bebê. — Preciso me arrumar para jogar croqué com a Rainha. — E deixou a cozinha, apressada.

A Cozinheira atirou uma frigideira nela, mas errou o alvo.

Alice agarrou a bebê com um pouco de dificuldade, pois a criaturazinha tinha um formato esquisito, com braços e pernas espichados para tudo quanto era lado.

"Parece uma estrela-do-mar", pensou Alice.

A coitadinha bufava igual a uma máquina a vapor, não parava de se dobrar e voltar a se endireitar, tanto que segurá-la foi tudo que Alice conseguiu fazer nos primeiros minutos.

Assim que descobriu a maneira certa de embalar a bebê, isto é, amarrando-a em uma espécie de nó e agarrando com força a orelha direita e o pé esquerdo, para que não se soltasse, ela a levou para o ar livre.

“Se não levar a criança comigo”, Alice pensou, “ela vai morrer logo. Abandoná-la seria o mesmo que um assassinato.”

Disse alto as últimas palavras e a coisinha grunhiu em resposta (já não espirrava mais).

— Sem grunhir — ela disse —, não é o jeito apropriado de se expressar.

A nenê resmungou de novo. Alice olhou bem fundo em seu rosto para ver qual era o problema. A coisinha tinha, sem dúvida, um nariz *muito* virado para cima, bem mais parecido com um focinho do que com um nariz. Além disso, os olhos eram extremamente pequenos, mesmo para um recém-nascido. Definitivamente, Alice não gostou muito da aparência da coisa.

“Talvez ela só estivesse soluçando”, pensou.

Olhou fundo nos olhos da criatura para checar se havia lágrimas.

E não havia lágrima nenhuma.

— Querida, assim você vai se transformar em uma porca — ela disse, séria. — Se isso acontecer, não quero ter mais nada que ver com você. Fique atenta!

A coisinha chorou de novo, ou grunhiu, era difícil saber, e as duas seguiram em silêncio.

Alice começou a dizer para si:

— O que eu vou fazer com essa criatura quando chegar em casa?

A coisa grunhiu de novo, com tanta violência que Alice olhou alarmada. Desta vez *não* tinha erro: não era nem mais nem menos que uma porquinha. Nesse momento, pareceu absurdo continuar carregando-a.

Ela largou o bichinho no chão. Sentiu um grande alívio ao vê-la correr bem quietinha em direção ao bosque.

— Seria uma criança horrorosa — disse consigo mesma. — Mas até que é uma porquinha linda.

E começou a se recordar de outras crianças que conheceu e que dariam ótimos porcos, pensando alto:

— Se a gente soubesse o jeito de transformá-los…

Foi quando se assustou levemente ao ver o Gato de Sorriso sentado no galho de uma árvore a alguns metros dali.

O Gato apenas sorriu ao ver Alice. Parecia bem-intencionado, ela pensou. Além disso, tinha patas *bem* longas e um montão de dentes, o que a fez sentir que ele deveria ser tratado de maneira respeitosa.

— Gatinho de Sorriso — começou, bem tímida, pois não tinha ideia de como ele gostaria de ser chamado.

O Gato apenas arreganhou ainda mais o sorriso.

— Ufa, até aqui tudo bem — comentou Alice. — Você poderia me dizer, por favor, para qual lado devo seguir?

— Isso depende bastante de aonde você quer chegar — respondeu o Gato.

— O lugar não me importa… — disse ela.

— Então também não importa para qual lado você vai — afirmou o Gato.

— Só me importa chegar a *algum lugar* — Alice se explicou.

— Você vai chegar a algum lugar — decretou o Gato. — Para isso basta caminhar.

Alice percebeu que, realmente, isso era inegável, então tentou outra pergunta:

— Que tipo de gente mora por aqui?

— *Naquela* direção — apontou o Gato, acenando com a pata direita — mora um Chapeleiro. E *naquela* direção — afirmou acenando com a outra pata — mora uma Lebre de Março. Você pode visitar qualquer um dos dois, pois ambos são completamente malucos.

— Mas eu não quero me envolver com gente maluca — disse ela.

— Ah, mas então não tem jeito — falou o Gato. — Aqui todo mundo é maluco. Eu sou maluco. Você é maluca.

— Como você sabe que eu sou maluca?

— Deve ser — respondeu o Gato. — Do contrário, não teria vindo até aqui.

Para Alice, isso não provava absolutamente nada. No entanto, continuou:

— E como você sabe que é maluco?

— Simples — disse o Gato. — Cachorros não são malucos, certo?

— Não, não são — ela concordou.

— Pois então — continuou o Gato —, um cachorro late quando está nervoso e balança o rabo quando satisfeito. *Eu,* por minha vez,

balanço o rabo quando estou nervoso e lato quando estou satisfeito. Logo, sou maluco.

— *Eu* chamo de miar, não de latir — ela falou.

— Chame como quiser — respondeu o Gato. — Você jogará croqué com a Rainha hoje?

— Eu adoraria, mas não fui convidada.

— Nos vemos lá — disse o Gato e desapareceu.

Alice não estava surpresa: já havia se acostumado com um monte de coisa esquisita. Enquanto olhava para o lugar onde estava o Gato, ele reapareceu do nada.

— O que aconteceu com a bebê? — indagou o Gato. — Quase me esqueci de perguntar.

— Virou um porco — ela respondeu, tranquila, como se fosse completamente normal o Gato ressurgir do nada.

— Já imaginava — disse o Gato e desapareceu novamente.

Alice vacilou um pouco, meio esperançosa de que ele retornasse. Como isso não aconteceu, ela seguiu na direção da casa da Lebre de Março.

— Já vi chapeleiros antes — comentou consigo. — A Lebre de Março vai ser mais interessante. E, como estamos em maio, ela talvez não esteja muito louca… pelo menos não tão louca quanto em março.

Ao dizer isso, avistou novamente o Gato de Sorriso, sentado em um galho de árvore.

— Você disse porco ou corpo? — perguntou o Gato.

— Disse porco — ela respondeu. — E gostaria que você não ficasse aparecendo e desaparecendo assim: deixa a gente zonza.

— Tudo bem — falou o Gato.

Desta vez, ele desapareceu bem devagar. Primeiro a ponta do rabo, por último o sorriso, que permaneceu um tempo depois que o resto já tinha ido embora.

“Eita! Eu já vi gato sem sorriso”, pensou Alice. “Mas sorriso sem gato é a primeira vez!”

Ela não precisou caminhar muito para encontrar a casa da Lebre de Março, a qual tinha as chaminés em formato de orelhas e o teto coberto de pelos.

Era tão grande que só se aproximou depois de mordiscar um pouco mais do pedaço de cogumelo da mão esquerda, até ficar com uns sessenta centímetros: mesmo assim, caminhou até lá bem tímida, dizendo para si mesma:

— Essa Lebre de Março deve ser muito louca! Acho que eu deveria ter ido encontrar o Chapeleiro.

UM CHÁ DAS CINCO MUITO LOUCO

Havia uma mesa posta debaixo de uma árvore, em frente à casa. A Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá: uma preguiça dormia entre eles em sono profundo. Os dois a usavam como almofada e descansavam seus cotovelos nela enquanto falavam por cima de sua cabeça.

“Muito desconfortável para a Preguiça”, Alice pensou. “Pelo menos está dormindo. Acho que não se importa.”

A mesa era grande, mas, mesmo assim, os três se amontoavam em um canto.

— Não tem espaço! Não tem espaço! — gritaram ao ver Alice se aproximar.

— Tem *bastante* espaço! — ela disse, indignada, e se sentou em uma grande poltrona em uma das pontas da mesa.

— Beba um pouco de vinho — a Lebre de Março falou, encorajando-a.

Alice olhou ao redor da mesa, mas só havia chá.

— Não vejo vinho nenhum.

— Não tem mesmo — confirmou a Lebre de Março.

— Então não foi muito elegante oferecer — ela respondeu, injuriada.

— Também não foi muito elegante sentar-se sem ter sido convidada — retrucou a Lebre de Março.

— Não sabia que esta era a *sua* mesa — a menina falou. — Está posta para muito mais de três pessoas.

— Seu cabelo está pedindo para ser cortado — observou o Chapeleiro em seu primeiro pronunciamento, após algum tempo olhando Alice com muita curiosidade.

— Você deveria aprender a não fazer comentários pessoais — ela afirmou, severa. — É muita falta de educação.

O Chapeleiro abriu bem os olhos ao ouvir isso e disse:

— Por que um corvo é igual a uma escrivaninha?

"Eba, agora a gente vai se divertir!", Alice pensou.

— Que legal que começaram a fazer charadas… Acho que consigo adivinhar essa — ela respondeu.

— Quer dizer que acha que consegue descobrir a resposta? — perguntou a Lebre de Março.

— Exatamente isso — respondeu Alice.

— Então fale — continuou a Lebre.

— Eu vou… pelo menos… pelo menos eu digo o que quero falar… é a mesma coisa, percebe? — declarou Alice.

— Não é nem um pouco a mesma coisa! — opinou o Chapeleiro. — É como se você dissesse que "eu vejo o que como" é o mesmo que "eu como o que vejo"!

— É como se você dissesse — acrescentou a Lebre de Março — "eu gosto do que tenho" é o mesmo que "eu tenho o que gosto".

— É como se você dissesse — afirmou a Preguiça, que parecia falar enquanto dormia — que “eu respiro quando durmo” é o mesmo que “eu durmo quando respiro”.

— É o mesmo que você — disse o Chapeleiro. E todos ficaram em silêncio por um minuto, enquanto Alice pensava em tudo o que sabia sobre corvos e escrivaninhas (não era muita coisa).

O Chapeleiro quebrou o silêncio:

— Estamos em qual dia do mês? — indagou, voltando-se para Alice.

Ele havia tirado do bolso um relógio e o observava, inquieto, sacudindo-o a todo o momento e segurando-o perto do ouvido.

Alice refletiu um pouco, então disse:

— Dia quatro.

— Errou por dois dias! — suspirou o Chapeleiro. — Eu disse que a manteiga não consertaria o maquinário! — acrescentou, olhando com irritação para a Lebre de Março.

— Era manteiga *de primeira* — respondeu a Lebre humildemente.

— Sim, mas deve ter entrado um pouco de migalha junto — o Chapeleiro resmungou. — Você não deveria ter passado a manteiga com a faca do pão.

A Lebre de Março pegou o relógio e o observou com arrependimento. Então, mergulhou-o em sua xícara de chá para observá-lo novamente. Não conseguiu pensar em nada melhor que seu primeiro comentário:

— Era manteiga *de primeira*.

Alice fitava sobre os ombros da Lebre com curiosidade.

— Que relógio engraçado! — ela disse. — Diz o dia do mês, mas não as horas!

— E por que deveria? — o Chapeleiro perguntou. — O *seu* relógio diz em qual ano estamos?

— Óbvio que não — Alice respondeu prontamente. — Mas é assim porque permanecemos no mesmo ano por um tempão.

— Exatamente o mesmo caso do *meu* — disse o Chapeleiro.

Alice se sentiu terrivelmente embaralhada. O comentário do Chapeleiro não fazia sentido nenhum, apesar de as palavras serem conhecidas.

— Eu não entendi bem — ela disse, o mais educadamente possível.

— A Preguiça adormeceu novamente — o Chapeleiro observou, enquanto servia um pouco de chá diretamente no nariz da dorminhoca.

A Preguiça sacudiu a cabeça com impaciência e disse, abrindo os olhos:

— Óbvio, óbvio. Eu ia dizer exatamente isso.

— Já adivinhou a charada? — perguntou o Chapeleiro, voltando-se para Alice outra vez.

— Não, eu desisto. Qual é a resposta?

— Não faço a menor ideia — o Chapeleiro respondeu.

— Nem eu — disse a Lebre de Março.

Alice suspirou.

— Vocês deveriam usar melhor o tempo — ela afirmou. — Por que desperdiçá-lo perguntando charadas sem respostas?

— Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu — o Chapeleiro acrescentou —, não falaria em desperdício.

— Não entendi — ela disse.

— É claro que não! — concordou o Chapeleiro, baixando a cabeça com resignação. — Aposto que você nunca falou com ele!

— Talvez não — ela respondeu, cuidadosa. — Mas sei que preciso marcar o tempo na aula de música.

— Ah, agora entendi tudo — o Chapeleiro declarou. — O Tempo odeia marcação. Porém, se vocês estiverem bem um com o outro não há nada que ele não faça para te agradar. Por exemplo, imagine que são oito da manhã, hora de começar a aula: bastaria sussurrar no ouvido do Tempo para que o relógio girasse em um piscar de olhos! Meio-dia, hora do rango!

(— Bem que eu gostaria — a Lebre de Março disse baixinho.)

— Isso seria magnífico — ela afirmou, pensativa. — O problema é que eu não estaria com fome, percebe?

— Talvez não no começo — disse o Chapeleiro. — Mas você poderia continuar em uma e meia da tarde pelo tempo que quisesse.

— É assim que *você* faz? — Alice perguntou.

O Chapeleiro balançou a cabeça em um lamento:

— Eu não! — respondeu. — Eu briguei com o Tempo em março passado… foi antes da *Lebre* ficar maluca, sabe… — E apontou sua colher de chá para ela. — Foi no grande espetáculo da Rainha de Espadas, em que eu tive de cantar:

Brilha, brilha, morceguinho!

Quero ver você brilhar!

— Conhece essa música? — perguntou a Alice.

— Já ouvi uma parecida — ela respondeu.

— Continua, sabe — prosseguiu o Chapeleiro. — Assim:

Voa, voa sem parar,
Feito a bandeja do chá.
Brilha, brilha...

A Preguiça se agitou e começou a cantar enquanto dormia:

— Brilha, brilha… Brilha, brilha…

E continuou por tanto tempo que foi preciso um beliscão para calá-la.

— Então, eu mal havia acabado a primeira estrofe — o Chapeleiro contou —, quando a Rainha se levantou para me condenar: "Ele está matando o Tempo! Cortem-lhe a cabeça!".

— Que selvageria horrorosa! — exclamou Alice.

— E desde então — o Chapeleiro continuou, todo jururu —, o Tempo não faz nada que eu peço! Agora, são sempre cinco horas.

Uma brilhante ideia surgiu na cabeça de Alice:

— Por isso esse monte de chaleiras e xícaras? — perguntou.

— Sim — suspirou o Chapeleiro. — Desde aquele dia, é sempre hora do chá, a gente não tem tempo nem de lavar as coisas.

— Então vocês vão de cadeira em cadeira, imagino? — disse ela.

— Exato. Conforme as coisas vão sendo usadas — respondeu o Chapeleiro.

— Mas o que acontece quando vocês voltam ao começo? — Alice se aventurou a questionar.

— Vamos mudar de assunto — a Lebre de Março interrompeu, após um bocejo. — Já me cansei disso. Eu voto para que a senhorita nos conte uma história.

— Pois eu não sei nenhuma — a menina falou, assustada com a proposta.

— Então a Preguiça conta! Acorde! — ambos disseram, beliscando-a pelas duas bandas ao mesmo tempo.

A Preguiça abriu os olhos lentamente:

— Não estava dormindo — disse com a voz rouca, fraquinha. — Ouvi cada palavra que os amigos disseram.

— Conte uma história! — pediu a Lebre de Março.

— Sim, por favor! — implorou Alice.

— E seja breve — acrescentou o Chapeleiro. — Senão você adormece antes de terminar.

— Era uma vez três irmãzinhas — começou, com muita pressa. — Os nomes delas eram Elzinha, Laisinha e Tiquinha. Viviam no fundo de um poço…

— Elas se alimentavam do quê? — disse Alice, sempre muito interessada em questões sobre comida e bebida.

— Melaço — a Preguiça respondeu, após passar uns minutinhos refletindo.

— Impossível — Alice comentou gentilmente. — Ficariam doentes.

— Pois ficaram *muito* doentes — a Preguiça concordou.

Alice tentou imaginar como seria esse jeito extraordinário de viver, mas ficou muito perplexa. Então, fez outra pergunta:

— Mas por que viviam no fundo do poço?

— Beba mais chá — a Lebre de Março sugeriu a Alice, com veemência.

— Eu ainda nem bebi — respondeu, ofendida. — Então não é possível beber mais.

— Na verdade, você está querendo dizer que não dá para beber *menos*, certo? — o Chapeleiro indagou. — Aliás, é bem fácil beber *mais* que nada.

— Ninguém pediu a *sua* opinião maluca — ela disse.

— Quem está fazendo comentários pessoais agora? — o Chapeleiro perguntou, triunfante.

Alice não sabia o que dizer. Então, serviu-se de chá e pão com manteiga e voltou-se para a Preguiça, repetindo a pergunta:

— Por que viviam no fundo do poço?

A Preguiça, novamente, gastou um tempão refletindo. E disse:

— Era um poço de melaço.

— Isso não existe! — ela declarou, irritada.

O Chapeleiro e a Lebre pediram silêncio e a Preguiça comentou, mal-humorada:

— Se você não tem educação para ouvir, é melhor que você mesma termine a história.

— Não, continue, por favor! — ela disse, muito humildemente. — Não interrompo mais. Arrisco dizer que pode existir *um* poço de melaço por aí.

— Um, de fato! — disse a Preguiça, indignada. Entretanto, consentiu em continuar: — As três irmãzinhas… elas estavam aprendendo a tirar…

— O que elas tiravam? — perguntou Alice, já se esquecendo da sua promessa.

— Melaço — disse a Preguiça, desta vez sem refletir nem sequer um instante.

— Quero uma xícara limpa — o Chapeleiro interrompeu. — Vamos todos passar um lugar adiante.

Ele se moveu ainda enquanto falava e foi seguido pela Preguiça. A Lebre de Março passou para o lugar da dorminhoca e Alice tomou, a contragosto, o lugar da Lebre. O Chapeleiro foi o único que tirou vantagem da mudança. Alice ficou bem pior que antes, dado que a Lebre de Março havia derrubado toda a botija de leite onde estava, antes de sair.

Alice não queria ofender a Preguiça, então disse com muita cautela:

— Mas eu não compreendo. De onde tiravam o melaço?

— Você tira água de um poço de água, certo — o Chapeleiro perguntou. — Então, é óbvio que você pode tirar melaço de um poço de melaço, não é, sua tonta?

— Mas elas estavam *dentro* do poço — ela disse para a Preguiça, escolhendo ignorar esse último comentário.

— Claro que estavam — a Preguiça concordou. — Bem fundo.

Essa resposta confundiu a pobre Alice, o que permitiu à Preguiça seguir por um tempo sem interrupção.

— Estavam aprendendo a tirar — continuou a Preguiça, bocejando e coçando os olhos, pois já estava ficando com muito sono. — E tiravam todo tipo de coisa… tudo que começa com D…

— Por que com D? — ela disse.

— Por que não? — a Lebre de Março retrucou.

Alice ficou em silêncio.

A Preguiça fechou os olhos e dormiu; mas foi beliscada pelo Chapeleiro, despertou chiando e continuou:

— Tudo que começa com D, como dentes-de-leão, diamantes, desejos e a demasia… sabe, como quando dizemos que as coisas são "demasiado demais"… você já viu algo como tirar a demasia?

— Agora que você perguntou? — ela disse, confusa. — Acho que não…

— Então fique quieta — disse o Chapeleiro.

Essa demonstração de grosseria foi mais do que Alice poderia aguentar: ela se levantou muito contrariada e foi embora. A Preguiça adormeceu instantaneamente e nenhum dos outros dois se deu conta de que ela partia, apesar de Alice ter olhado para trás uma ou duas vezes, meio que esperando ser chamada de volta. Na última vez em que os avistou, estavam tentando enfiar a Preguiça na chaleira.

— Não volto *lá* nunca mais! — ela disse, enquanto tomava seu rumo pelo bosque. — É a festa de chá mais estúpida que já vi na vida!

Ao dizer isso, notou que uma das árvores continha uma porta.

"Que coisa estranha", pensou. "Mas tudo está esquisito hoje. Acho que eu vou entrar e pronto." E lá foi ela.

Mais uma vez, estava no salão, próxima à mesinha de vidro.

— Dessa vez, vou me sair melhor — comentou consigo mesma e começou por pegar a chavezinha dourada e destrancar a porta que dava para o jardim.

Então, mordiscou o cogumelo (tinha guardado um pedaço no bolso) até que tivesse trinta centímetros. Atravessou a pequena passagem e, finalmente, chegou ao lindo jardim, entre os canteiros de flores e as fontes refrescantes.

O CROQUÉ DA RAINHA

Havia uma grande roseira na entrada do jardim: floresciam rosas brancas, mas três jardineiros as pintavam de vermelho. Alice achou tudo muito curioso e se aproximou para vê-los, quando ouviu um deles dizer:

— Presta atenção, Cinco! Não fique esguichando tinta em mim assim!

— Não foi culpa minha — Cinco falou, zangado. — O Sete esbarrou no meu cotovelo!

Ao que o Sete respondeu imediatamente:

— Isso aí, Cinco! Sempre botando a culpa nos outros!

— É melhor você ficar quieto! — Cinco afirmou. — Ouvi a Rainha dizer ontem mesmo que você merecia ser decapitado!

— Por quê? — disse aquele que havia falado primeiro.

— Isso não é problema *seu*, Dois! — Sete respondeu zangado.

— É *sim* problema dele! — Cinco disse. — E vou contar: foi por trazer bulbos de tulipa em vez de cebolas.

Sete atirou o pincel no chão e começou:

— Olha, de todas as injustiças…

Foi quando seus olhos pousaram sobre Alice, que observava tudo parada. Ele se calou de repente. Os outros também olharam em volta e todos fizeram grandes reverências.

— Vocês poderiam me dizer por que estão pintando essas rosas? — perguntou Alice, um pouco tímida.

Cinco e Sete se calaram, mas olharam para Dois, que falou baixinho:

— Olha, moça, o negócio é o seguinte: essa deveria ser uma roseira *vermelha*. Plantamos uma branca por engano. Se a Rainha descobre, ela arranca nossa cabeça, você sabe. Então, estamos fazendo o melhor possível antes que ela venha para…

Nesse momento, Cinco, que inspecionava o jardim muito preocupado, gritou:

— A Rainha! A Rainha!

E os três jardineiros se jogaram de cara no chão imediatamente. Ouviu-se o som de muitos pés marchando. Alice olhou ao redor, ávida para ver a Rainha.

Primeiro surgiram dez soldados carregando porretes, todos com a musculatura dos jardineiros: alongados e achatados, com mãos e pés nos cantos. Vinham, então, dez palacianos, cobertos de diamantes, caminhando em duplas, como faziam os soldados. Depois, as crianças da corte: eram dez, saltitando de mãos dadas, ornamentadas com corações. Em seguida vieram os convidados, em sua maioria Reis e Rainhas, entre os quais Alice reconheceu o Coelho Branco: conversava de maneira atropelada e nervosa, rindo de qualquer coisa que diziam, por isso, passou sem notá-la. O Valete de Copas carregava a coroa real em uma almofada de veludo carmesim. E, ao fim da grande procissão, vinham o Rei e a Rainha de Copas.

Alice ficou em dúvida se deveria se deitar com o rosto enfiado no chão como fizeram os três jardineiros, mas nunca ouvira uma regra dessas em um cortejo.

"Além do mais, de que serve uma procissão se as pessoas estão deitadas com o rosto no chão, sem vê-la?", Alice pensou.

Ficou parada onde estava, esperando.

Quando o cortejo ficou frente a frente com Alice, todos pararam e a contemplaram. A Rainha disse, severa:

— Quem é essa? — perguntou ao Valete de Copas, que respondeu apenas com uma reverência e um sorriso.

— Idiota! — disse a Rainha balançando a cabeça com impaciência. Virando-se para Alice, continuou:

— Qual é seu nome, filha?

— Eu me chamo Alice, Vossa Majestade — ela disse, bem polida.

Mas acrescentou para si mesma:

— Ué, eles são apenas um baralho, afinal. Não preciso ter medo deles!

— E quem são esses? — perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros deitados sob a roseira.

Perceba: como eles enfiaram a cara no chão e a estampa em suas costas era a mesma da tropa, a Rainha não conseguia dizer se eram jardineiros, soldados, palacianos ou três de suas crianças.

— Como é que eu vou saber? — respondeu Alice, surpresa com a própria coragem. — Não é problema *meu*.

A Rainha ficou púrpura de tão furiosa e, após passar um instante fitando Alice feito um animal selvagem, gritou:

— Cortem-lhe a cabeça! Cortem…

— Bobagem! — respondeu Alice, em voz alta e decidida, silenciando a Rainha.

O Rei pousou a mão sobre o braço dela e disse, timidamente:

— Veja, querida, ela é só uma criança!

A Rainha livrou-se dele irritada e ordenou ao Valete:

— Revire-os!

Coisa que o Valete fez, cautelosamente, com o pé.

— Levantem-se! — disse a Rainha, em uma voz penetrante de tão aguda, e os três jardineiros instantaneamente se puseram em pé, reverenciando o Rei, a Rainha, as crianças da corte e todo o resto do povo.

— Parem com isso! — berrou a Rainha. — Acham que sou trouxa?

E, voltando-se para a roseira, continuou:

— O *que* vocês estavam fazendo aqui?

— Com licença, Vossa Majestade — disse Dois, muito humildemente, apoiando-se em um joelho enquanto falava. — Estávamos tentando…

— Estou vendo! — disse a Rainha, que, em uma batida de olhos, examinou as rosas. — Cortem-lhes as cabeças!

E o cortejo seguiu adiante, com três dos soldados na traseira, encarregados de executar os três desafortunados jardineiros, que correram em direção à Alice em busca de proteção.

— Ninguém vai cortar suas cabeças! — ela disse, colocando-os em um grande vaso de flores que estava por ali.

Os três soldados procuraram por eles, desbaratinados por alguns minutos, e depois continuaram em marcha atrás do cortejo.

— As cabeças foram arrancadas? — gritou a Rainha.

— As cabeças sumiram, Vossa Majestade! — os soldados gritaram em resposta.

— Ótimo! — gritou a Rainha. — Você sabe jogar croqué?

Os soldados se calaram e olharam para Alice, pois a pergunta era obviamente para ela.

— Sim! — respondeu Alice.

— Vamos lá, então! — urrou a Rainha, e Alice se juntou à procissão, imaginando o que aconteceria em seguida.

— É… é um belo dia! — afirmou uma voz tímida, próxima de Alice.

Era o Coelho Branco, que a olhava com sinais de nervosismo.

— É mesmo — ela disse. — Onde está a Duquesa?

— Shh! — sussurrou o Coelho, baixinho.

Ele olhou de soslaio sobre o próprio ombro enquanto falava. Levantou na ponta dos pés, aproximou a boca no ouvido de Alice e segredou:

— Ela foi sentenciada à morte.

— Por quê? — perguntou Alice.

— Você está com dó? — o Coelho devolveu a pergunta.

— Não — ela disse. — Nem um pouco. Eu perguntei “Por quê?”.

— Ela deu um tapa no pé do ouvido da Rainha — contou o Coelho.

Alice deu um gritinho de risada.

— Ei, shh! — o Coelho sussurrou apavorado. — A Rainha vai te ouvir! Foi o seguinte: ela chegou meio atrasada e a Rainha disse…

— Todos em seus lugares! — berrou a Rainha com voz de trovão, fazendo o povo correr feito bobo pra tudo quanto era lado, trombando uns nos outros.

Contudo, após alguns minutos, todos se organizaram e a partida começou. Alice pensou que jamais veria um campo de croqué tão esquisito na vida: coberto de buracos e morrinhos, as bolas eram ouriços vivos, os tacos eram flamingos e os soldados tinham de se dobrar e apoiar os pés e mãos uns dos outros para formar os arcos.

A primeira e maior dificuldade de Alice foi manejar o flamingo: ela conseguiu acomodar o corpo do bicho até com algum conforto sob seu braço, com as pernas esticadas para fora. Porém, quando conseguia endireitar o pescoço para dar uma tacada na cabeça do ouriço, o flamingo se *revirava*, observando o rosto dela com uma cara de confusão que era impossível não rir. Assim que ela baixava a cabeça dele, pronta para recomeçar, descobria que o ouriço havia se desenrolado e rastejava para longe. Além de tudo isso, havia buracos e morrinhos para todos os lados em que ela mandasse a bola e, como os soldados, dobrados, não paravam de mudar de lugar no campo, Alice percebeu rapidamente como era difícil jogar aquilo.

Todo mundo jogava ao mesmo tempo, sem esperar sua vez, brigando sem parar, lutando pelos ouriços. Bastou um instante para a Rainha se
envolver apaixonadamente na partida, pisando no chão com força e gritando “cortem-lhe a cabeça” para vários dos presentes.

Alice começou a se sentir incomodada: até então, não tinha entrado em nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que isso poderia acontecer a qualquer instante.

“E aí, o que vai ser de mim?”, pensou. “O pessoal aqui adora arrancar a cabeça dos outros, não sei como sobrou alguém vivo!”

Ela procurava um jeito de escapar, imaginando como sair dali sem ser vista, quando notou uma curiosa aparição no ar: no início ficou espantada.Logo depois, adivinhou que se tratava de um sorriso. Disse para si mesma:

— É o Gato de Sorriso: agora tenho alguém com quem conversar.

— Como vai? — disse o Gato, assim que teve boca o suficiente ao redor do sorriso.

Alice esperou até aparecerem os olhos e acenou.

“Não adianta falar com ele até chegarem os ouvidos”, pensou.

Quando apareceu a cabeça inteira, Alice largou o flamingo e começou a falar do jogo, muito contente por ter alguém para ouvi-la. O Gato parecia achar que já havia o suficiente dele por ali, pois nenhuma outra parte surgiu.

— Esse jogo não é justo — Alice reclamou. — Eles brigam de um jeito tão horrível que ninguém consegue se escutar… o jogo não segue nenhuma regra. Se há regra, ninguém respeita. Você não faz ideia da bagunça que é e do trabalho que dá. Está tudo vivo! Por exemplo, o arco que eu preciso acertar fica correndo ao redor do campo… e eu precisava acertar meu ouriço no ouriço da Rainha, mas ele fugiu quando viu o meu chegando!

— Gostou da Rainha? — disse o Gato, em voz baixa.

— Nem um pouco — respondeu a menina. — Ela é tão… — foi aí que notou que a Rainha estava pertinho dela, escutando — … tão boa que com certeza vai vencer, nem adianta jogar até o fim.

A Rainha sorriu e seguiu adiante.

— Com quem você está falando? — disse o Rei, correndo até Alice e olhando para a cabeça do Gato com muita curiosidade.

— É um amigo meu… o Gato de Sorriso — disse. — Permita-me apresentá-lo.

— Não me parece um bom sujeito — o Rei afirmou. — Mesmo assim, ele pode beijar minhas mãos se quiser.

— Não quero — afirmou o Gato.

— Não seja impertinente — o Rei disse. — E não olhe assim para mim! — Ele se escondeu atrás de Alice enquanto falava.

— Um gato pode olhar para um rei — Alice falou. — Li isso em um livro, não sei onde.

— Bom, esse aí deve ser removido — disse o Rei, decidido, e chamou a Rainha, que passava por ali: — Querida! Eu gostaria que você removesse esse gato!

A Rainha só tinha uma maneira de resolver seus problemas, fossem grandes ou pequenos:

— Cortem-lhe a cabeça! — disse, sem nem olhar em volta.

— Eu mesmo buscarei o Carrasco — disse o Rei, impaciente, e correu dali.

Alice pensou em retornar para ver como estava o jogo, pois tinha ouvido a voz da Rainha à distância, gritando com entusiasmo. Três jogadores já tinham sido sentenciados à morte por passarem a

vez. Alice não estava nada contente com o andar da carruagem, o jogo estava um caos tão grande que era impossível saber se era ou não sua vez. Decidiu procurar seu ouriço.

O bicho estava lutando com outro, uma excelente oportunidade para uma tacada: a única dificuldade era que seu flamingo tinha fugido para o outro lado do jardim, desesperado, e estava tentando subir em uma árvore.

Quando conseguiu trazer o flamingo de volta, a luta havia acabado e ambos os ouriços desapareceram.

"Não faz diferença", pensou. "Todos os arcos saíram deste lado do campo."

Então, botou o flamingo debaixo do braço, para que não escapasse outra vez, e voltou para conversar com seu amigo.

Ao retornar para a companhia do Gato de Sorriso, ela se surpreendeu com a multidão reunida ao redor dele: havia uma disputa entre o Carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam todos ao mesmo tempo, enquanto o resto permanecia calado e bastante incomodado.

Alice foi interpelada pelos três para solucionar a questão, todos repetindo seus argumentos. No entanto, como falavam ao mesmo tempo, era muito difícil entender o que diziam.

Este era o argumento do Carrasco: não era possível cortar uma cabeça se ela não tivesse um corpo. Ele não estava disposto a passar por tal situação *àquela* altura da vida.

O argumento do Rei era: tudo que tem cabeça pode ser decapitado, e que o Carrasco estava dizendo bobagem.

O argumento da Rainha era: se ninguém fizesse algo imediatamente, ela mandaria decapitar todo mundo. (Esse comentário deixou todos muito preocupados.)

Alice não conseguiu pensar em nada para dizer, além de:

— O Gato pertence à Duquesa, melhor perguntar a *ela*.

— Ela está presa — a Rainha disse ao Carrasco. — Vá buscá-la.

E lá correu o assassino, igual a uma flecha.

O Gato começou a desaparecer e, quando a Duquesa chegou, ele já não estava lá. Rei e Carrasco corriam de um lado para o outro, procurando-o, enquanto o resto da patota voltava para o jogo.

A HISTÓRIA DO JABUTI DE MENTIRA

Você não imagina como estou feliz em revê-la, minha velha amiga! — disse a Duquesa ao dar o braço para Alice, calorosamente. E saíram caminhando juntas.

Alice estava muito contente de encontrá-la de bom humor. Pensou que a fúria da Duquesa lá na cozinha talvez fosse apenas produto da enorme quantidade de pimenta.

“Quando *eu* for Duquesa”, pensou Alice (sem grandes esperanças), “não vai ter pimenta *nenhuma* na minha cozinha. A sopa fica gostosa sem pimenta… quem sabe não é a pimenta que deixa as pessoas tão esquentadas?”

E continuou, feliz por ter descoberto uma nova regra da vida: E o vinagre deixa o povo azedo… a camomila deixa as pessoas calmas e… e as balas de caramelo deixam as crianças tão docinhas! Só queria que as pessoas soubessem *disso.* Elas não seriam tão pão-duras conosco, sabe?”

Ela, que já tinha se esquecido da Duquesa, arregalou os olhos quando ouviu sua voz ao pé do ouvido:

— Você anda pensando em algo, querida, que te faz esquecer de falar. Eu agora não consigo te dizer qual é a moral da história, mas vou me lembrar daqui a pouco.

— Talvez não tenha moral nenhuma — Alice se aventurou a comentar.

— Nananina não — disse a Duquesa. — Tudo tem uma moral, basta você encontrá-la. — E se espremia para o lado de Alice enquanto falava.

A menina não gostou muito daquele grude. Primeiro, porque a Duquesa era feia *demais*; segundo, porque o queixo dela estava na altura do ombro de Alice, e era um queixo pontudo e desconfortável. Mas, por não querer ser rude, aguentou como podia.

— O jogo está bem melhor agora — observou Alice, tentando reavivar a conversa um pouco.

— Pois é! — disse a Duquesa. — E a moral da história é: “Ai esse amor, que faz o mundo girar!”.

— Alguém disse — sussurrou Alice — que o que faz o mundo girar é que cada um cuide da própria vida.

— Ah, bem! Quase a mesma coisa — disse a Duquesa, enfiando o queixinho pontudo no ombro de Alice ao acrescentar: — E a moral *disso* é… “Cuide dos sentidos, e os sons é que se virem”.

— Como ela adora achar moral em tudo — Alice comentou sozinha.

— Aposto que você está se perguntando por que eu não te abraço pela cintura? — falou a Duquesa, após uma pausa. — O motivo é: não sei se seu flamingo é mansinho. Posso tentar?

— Ele pode bicar — respondeu Alice, cautelosa, nada empolgada em presenciar o fato.

— É bem verdade… — concordou a Duquesa. — Flamingos e mostardas bicam. E a moral da história é: “Aves da mesma plumagem vadiam juntas”.

— Só que mostarda não é uma ave — Alice comentou.

— Certo — a Duquesa admitiu. — Para variar, seu jeito direto de ver as coisas!

— Mostarda é um mineral, eu acho— Alice respondeu.

— Claro que é. — A Duquesa parecia disposta a concordar com qualquer coisa que Alice dissesse. — Aqui perto tem uma enorme mina de mostarda. E a moral da história é: "Quanto mais tem do meu, menos tem do seu".

— Ah, já sei! — exclamou Alice, que nem prestou atenção nessa última fala. — É um vegetal. Não parece, mas é.

— Eu até concordo com você — a Duquesa afirmou. — E a moral dessa história é: "Seja o que você parece ser", ou, para simplificar: "Nunca imagine ser algo que não pareça aos outros que você foi ou poderia ter sido, ou que não é o que não poderia parecer a eles de uma outra forma".

— Acho que eu entenderia melhor se estivesse escrito no papel — Alice respondeu. — Assim eu não consigo acompanhar.

— Isso não é nada perto do que eu poderia dizer, se quisesse — a Duquesa declarou, satisfeita.

— Espero que não esquente a cabeça em falar mais do que já falou — Alice respondeu.

— Ah, para mim não é questão de esquentar a cabeça! — a Duquesa disse. — Vou te fazer um presente com tudo o que falei até agora.

"Que porcaria de presente!", Alice pensou, sem se aventurar a dizer em voz alta. "Ainda bem que não dão presentes de aniversário assim."

— Pensando de novo? — a Duquesa perguntou, após dar outra pontada com o queixo no ombro de Alice.

— Eu tenho o direito de pensar — respondeu, firme, pois estava ficando um pouco preocupada.

— Está certinha — a Duquesa falou. — Assim como os porcos têm direito de voar, e a mo…

Então, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa sumiu no meio de sua palavra favorita ("moral") e o braço que envolvia Alice começou a tremer. Avistaram a Rainha parada diante delas, braços cruzados, zangada a ponto de parecer carregar uma tempestade na testa.

— Que lindo dia, Majestade! — a Duquesa começou, com a voz fraca e baixa.

— Escuta, é um aviso que eu te dou! — a Rainha gritou batendo o pé no chão enquanto falava. — Você ou sua cabeça vão se arrancar daqui neste momento! Escolha logo entre uma ou outra!

A Duquesa fez sua escolha e desapareceu em um instante.

— Vamos continuar com o jogo — a Rainha disse a Alice.

A menina estava apavorada demais para falar qualquer coisa e seguiu a Rainha lentamente de volta para o campo de croqué. Os outros convidados tiravam proveito da ausência da Rainha, descansando à sombra. Porém, correram de volta para o jogo assim que a viram, sabendo que um segundo de atraso poderia custar-lhes a vida.

Durante toda a partida, a Rainha não parava de brigar com os outros jogadores, gritando "cortem-lhe a cabeça!". Os sentenciados à morte eram levados em custódia pelos soldados, que obviamente

precisaram abandonar suas funções de arcos. Dessa maneira, bastou meia hora para o jogo não ter mais nenhum arco. Com exceção do Rei, da Rainha e de Alice, todos os outros jogadores haviam sido levados, sob sentença de morte.

A Rainha então abandonou o jogo e perguntou a Alice, praticamente sem fôlego:

— Você já viu o Jabuti de Mentira por aí?

— Não — ela respondeu. — Eu nem sei o que é um Jabuti de Mentira.

— É a coisa com que fazem sopa de Jabuti de Mentira — a Rainha explicou.

— Nunca vi nem ouvi falar — Alice afirmou.

— Venha, então — a Rainha disse. — Ele vai contar sua própria história.

Enquanto saiam juntas, Alice ouviu o Rei dizendo, em voz baixa, para toda a companhia:

— Estão todos perdoados.

— Puxa, que coisa *boa*! — Alice disse consigo mesma, pois estava muito infeliz com o número de execuções ordenadas pela Rainha.

Elas logo se depararam com um Grifo dormindo ao sol. (Se você não sabe o que é um Grifo, olhe a imagem.)

— Levanta, preguiçoso! — a Rainha ordenou. — Leve esta moça até o Jabuti de Mentira. Ela precisa escutar a história dele. Tenho de voltar para dar conta de algumas execuções que ordenei. E a Rainha partiu, deixando Alice e o Grifo a sós. Ela não gostou muito da aparência da criatura, mas achou que seria mais seguro ficar com ele do que com aquela Rainha cruel. Então, esperou.

O Grifo sentou-se, coçou os olhos e assistiu à partida da Rainha até que ela sumisse de vista. Começou a rir.

— É pura diversão! — o Grifo disse, meio para si mesmo, meio para Alice.

— *Qual* é a graça? — ela perguntou.

— Ué, *ela* — o Grifo respondeu. — Isso aí é só fantasia dela: eles nunca matam ninguém, bicho. *Vambora*!

— Todo mundo aqui diz para onde a gente deve ir — Alice disse para si mesma, enquanto o seguia. — Nunca recebi tantas ordens na vida, nunca!

Não demorou muito até avistarem o Jabuti de Mentira, triste e solitário sobre um rochedo. Ao se aproximarem, Alice ouviu o bicho soluçando como se seu coração fosse se partir. Ela sentiu muito por ele.

— Por que ele está tão triste? — a menina perguntou ao Grifo, que respondeu usando praticamente as mesmas palavras da outra vez.

— Isso é só fantasia dele. Não tem tristeza nenhuma, bicho. *Vambora*!

Quando chegaram até ele, o Jabuti de Mentira os fitou com seus grandes olhos cheios de lágrimas, mas não disse nada.

— Essa moça aqui, olha — o Grifo apontou para Alice —, quer saber sua história. É isso aí, podes crer, bicho.

— Vou contar — o Jabuti de Mentira disse com voz vaga e grave. — Sentem-se os dois e não digam uma palavra antes que eu termine.

Sentaram-se e ninguém falou nada por alguns minutos. Alice pensou:

“Não sei *quando* ele vai terminar, nem se vai começar.”

Mas esperou pacientemente.

— Uma vez — o Jabuti de Mentira começou, após um grande suspiro —, eu já fui um Jabuti de Verdade.

Depois dessas palavras veio um longuíssimo silêncio, quebrado apenas por uma exclamação pontual do Grifo (“*Rrrrjcrh*!”) e o lamento constante do Jabuti de Mentira. Alice estava prestes a se levantar e dizer “Obrigada por sua interessantíssima história, meu senhor”, mas não conseguia parar de pensar no que sairia dali. Por isso, permaneceu sentada, sem dizer nada.

— Quando éramos pequenos — finalmente retomou o Jabuti de Mentira, mais calmo apesar de ainda soltar alguns soluços —, íamos para a escola debaixo d’água. O mestre era um velho jabuti… a gente o chamava de Tartarugo…

— Por que vocês o chamavam de Tartarugo, se ele não era um? — Alice perguntou.

— A gente o chamava assim porque ele nos ensinou assim — o Jabuti de Mentira disse, injuriado. — Que tonta você é!

— Você deveria ter vergonha de perguntar um negócio tão besta — acrescentou o Grifo.

Ficaram em silêncio, olhando para a pobre Alice, que a essa altura tinha vontade de sumir afundando na terra. Enfim, o Grifo disse para o Jabuti de Mentira:

— Segue em frente, parceiro! Chega de nove horas!

E o Jabuti continuou, assim:

— Sim, a gente ia para a escola debaixo d’água, apesar de vocês não acreditarem…

— Eu nunca disse que não acreditava! — interrompeu Alice.

— Disse sim — respondeu o Jabuti.

— Segura essa língua! — acrescentou o Grifo, antes que Alice pudesse voltar a dizer algo.

E o Jabuti seguiu:

— A gente tinha a melhor das educações. Na verdade, a gente ia para a escola todos os dias…

— *Eu* também já fui para a escola — disse a menina. — Não precisa falar com esse orgulho todo.

— Com aulas extras? — perguntou o Jabuti, um pouco ansioso.

— Sim. A gente aprendia francês e música.

— E a lavar, aprendiam? — disse o Jabuti.

— Óbvio que não! — ela disse, indignada.

— Ah, então sua escola nem era tão boa — constatou o Jabuti, aliviado. — Agora, *na nossa*, vinha escrito no calendário: francês, música *e lavanderia*, aulas extras.

— Você não precisaria muito — ela disse. — Morando dentro d'água.

— Eu não podia pagar — disse o Jabuti, em mais um soluço. — Só fazia a aula normal.

— Quais aulas tinha? — perguntou Alice.

— Língua tortuguesa, é claro, para começar — respondeu o Jabuti. — E então as diferentes operações da aritmética: ambição, distração, irrisão e enfeiamento.

— Nunca ouvi falar de "enfeiamento" — Alice se aventurou a dizer. — O que é?

O Grifo levantou as patas, surpreso:

— O quê?! Nunca ouviu falar de enfeiamento?! — exclamou. — Você sabe o que é embelezamento, imagino.

— Sim — ela disse, incerta. — Significa… deixar… uma coisa… mais bonita.

— Isso — continuou o Grifo. — Se você não entende o que é enfear, então é uma tonta.

Alice se sentiu desencorajada a fazer qualquer outra pergunta sobre isso, então voltou-se para o Jabuti:

— O que mais você aprendia?

— Olha, tinha aula de estória — respondeu o Jabuti de Mentira, contando os assuntos nas patas. — Estória antiga e moderna, com aguografia. E aula de arrastação física. O professor de arrastação física era uma velha enguia, que vinha uma vez por semana. *Ele* nos ensinou arrastação, espreguiçamento e enrolação de molagem.

— Como é que era *isso*? — ela perguntou.

— Olha, não consigo te mostrar — disse o Jabuti de Mentira. — Eu não tenho ginga e o Grifo nunca aprendeu.

— Não tive tempo — disse o Grifo. — Mas fui à aula de estudos clássicos. O professor era um caranguejo velho, ô se era…

— Não fui ao curso dele — disse o Jabuti de Mentira, em um suspiro. — Ele dava aulas de cética e risadaria, não é?

— Era isso mesmo, era isso mesmo… — disse o Grifo, suspirando.

Ambos esconderam o rosto em suas patas.

— E vocês tinham quantas horas de aula por dia? — disse Alice, com pressa de mudar de assunto.

— Dez horas no primeiro dia — disse o Jabuti de Mentira. — Nove horas no segundo, e assim por diante.

— Que grade esquisita! — exclamou Alice.

— Por isso que se chama grade — comentou o Grifo. — Ela vai se abrindo dia após dia.

Essa era uma ideia bem nova para Alice, que refletiu antes de fazer o seguinte comentário:

— Então o décimo primeiro dia era feriado?

— Claro que sim — respondeu o Jabuti de Mentira.

— E como era no décimo segundo? — Alice indagou, entusiasmada.

— Chega de falar da grade — o Grifo interrompeu. — Agora conte a ela algo sobre os jogos.

A QUADRILHA DAS LAGOSTAS

O Jabuti de Mentira suspirou fundo e cobriu o rosto com uma das patas. Depois, olhou para Alice e tentou falar, mas por alguns minutos os soluços se sobrepuseram à sua voz.

—É como se ele tivesse um osso na garganta — disse o Grifo e lançou-se ao trabalho de sacudir e bater nas costas do Jabuti.

Enfim, o Jabuti de Mentira recuperou a voz e, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, retomou:

— Você não deve ter vivido muito embaixo d’água…

— Não mesmo —respondeu Alice.

— E talvez você nunca tenha sido apresentada a uma lagosta… — disse o Jabuti.

Alice começou a dizer “Uma vez eu experiment…”, mas logo percebeu o que estava prestes a fazer e trocou a resposta:

— Não, nunca.

— Então você não tem ideia da maravilha que é a Quadrilha das Lagostas! — disse o Jabuti.

— Não mesmo — ela disse. — Que tipo de dança é essa?

— Ora — disse o Grifo — primeiro você forma uma fila na beira d’água.

— Duas filas! — exclamou o Jabuti. — Focas, jabutis, salmões e por aí vai. Então, depois de tirar todas as águas-vivas do caminho…

— *Isso* costuma levar tempo — interrompeu o Grifo.

— Dois passos para frente… — disse o Jabuti.

— Cada um com sua lagosta! — exclamou o Grifo.

— É claro — disse o Jabuti de Mentira. — Dois para frente, cumprimenta o companheiro…

— Troca de lagosta e *returnê* — continuou o Grifo.

— Aí, você sabe — disse o Jabuti —, é hora de jogar…

— As lagostas! — vibrou o Grifo saltando no ar.

— O mais longe possível, dentro d'água…

— Agora nade atrás delas! — exclamou o Grifo.

— E dá um mortal dentro d'água — gritou o Jabuti de Mentira, rebolando com alegria.

— Troque de lagosta outra vez! — berrou o Grifo, a plenos pulmões.

— De volta pra terra! E essa é a primeira parte — disse o Jabuti, repentinamente baixando a voz.

As duas criaturas, que pulavam loucamente esse tempo todo, voltaram a se sentar: tristes, calados e olhando para Alice.

— Deve ser uma dança muito bonita — ela disse, timidamente.

— Gostaria de ver um pouco? — disse o Jabuti de Mentira.

— Certamente — ela disse.

— Viva, vamos tentar essa primeira parte! — disse o Jabuti ao Grifo. — A gente faz sem as lagostas. Quem canta?

— Ah, *você* canta — disse o Grifo. — Esqueci a letra.

E começaram a dançar em torno de Alice, pisando nos dedos dela a toda hora e sacudindo as patas da frente para marcar o tempo. Enquanto isso, o Jabuti de Mentira cantava, bem devagar e melancolicamente:

— "Acelera aí!", diz a piaba ao caramujo.
"A cavalinha aqui atrás 'tá cheirando a rabujo."

Na Quadrilha das Lagostas o jabuti sacode a pança.
Caiu na água, dança. Não caiu, segura a criança

Quem dança, quer dança. Quem não dança segura a criança.
Quem dança, quer dança. Vai dançar ou ficar com a criança?

"Você não tem ideia da maravilha que vai ser
Quando a gente se jogar: eu, as lagostas e você?"
Caramujo olhou torto, enjoado da festança:
Agradeceu ao badejo, mas não quis cair na dança.

Caramujo não dança, caramujo segura a criança.
Caramujo não dança, caramujo segura a criança.

"Do que importa a lonjura?", respondeu o escamoso.
"Vamos! Na outra borda d'água, viver é mais gostoso."
Quanto mais longe daqui, mais perto de Madagascar.

Não se avexe, caramujo, é lá que a gente vai dançar.

Quem dança, quer dança. Quem não dança segura a criança.
Quem dança, quer dança. Vai dançar ou ficar com a criança?

— Obrigada, é uma dança muito boa de assistir — ela disse, sentindo-se muito contente por ter terminado. — E também adorei essa música interessantíssima sobre o peixe!

— Ah, sobre a piaba — disse o Jabuti de Mentira. — Eles… você já viu uma piaba, certo?

— Sim — ela disse. — Eu costumo vê-las no jant… — E interrompeu a si mesma.

— Não sei onde fica esse tal jant… — disse o Jabuti. — Mas se você vê piaba com frequência, sabe como elas são.

— Acredito que sim — Alice respondeu, pensativa. — Elas têm cauda na boca… e vêm empanadas.

— Empanadas, não — disse o Jabuti de Mentira. — A farinha sairia na água. Mas cauda na boca elas têm mesmo. E é porque… — Bocejou, fechou os olhos e disse ao Grifo: — Conte a ela o porquê.

— É porque elas *iam* para a dança com as lagostas — disse o Grifo. — Daí foram atiradas na água. Daí foram atiradas para longe… Daí precisaram travar a cauda na boca. Daí não conseguiram arrancar de volta. É isso.

— Obrigada — ela disse. — É muito interessante, nunca aprendi tanto sobre piabas.

— Posso ensinar mais, se quiser — disse o Grifo. — Sabe por que elas têm esse nome?

— Nunca pensei sobre isso — ela disse. — Por quê?

— *Crianças são criadas à base de piaba* — o Grifo respondeu, muito solenemente.

Alice ficou completamente perplexa.

— *Crianças são criadas à base de piaba* — ela repetiu, em um tom de devaneio.

— Ué, você foi criada *como*? — pediu o Grifo. — Digo, o que faz você crescer?

Alice olhou para si mesma e refletiu um pouco antes de responder.

— Comida, eu acho.

— Embaixo d'água — continuou o Grifo, grave —, criança cresce na base da piaba.

— E como é que vivem as crianças embaixo d'água? — Alice perguntou, com muita curiosidade.

— É óbvio: filho de peixe, peixinho é — respondeu o Grifo já perdendo a paciência. — Qualquer camarão poderia te dizer isso.

— Se eu fosse a piaba — ela disse, ainda pensando na música —, diria para a cavalinha: "Espere aí, por favor: a gente não quer ir com *você*!".

— Precisavam se manter juntas — disse o Jabuti de Mentira. — Peixe esperto não anda sem cavalinha.

— Jura que não? — ela disse, muito surpresa.

— Juro que não — disse o Jabuti. — Ora, se um peixe viesse falar *comigo*, dizendo que sairia em uma jornada, eu diria: "Vai de cavalinha?".

— De cavalo, você quer dizer? — ela perguntou.

— Eu digo o que quero dizer — respondeu o Jabuti, ofendido.

E o Grifo acrescentou:

— Oba, vamos ouvir alguma de *suas* aventuras.

— Eu poderia te contar minhas aventuras… começando pela manhã de hoje — disse Alice, um pouco tímida. — Mas não faz sentido falar de ontem, porque eu era uma outra pessoa.

— Explique-se — pediu o Jabuti.

— Não, não! As aventuras primeiro — disse o Grifo, impaciente. — Explicações tomam um tempo terrível.

Então Alice começou a contar suas aventuras desde que avistou o Coelho Branco. Ela estava um pouco nervosa no começo, pois as criaturas chegaram muito pertinho dela, cada uma de um lado, com olhos e bocas *bem* abertos. Mas ela tomou coragem e continuou. Seus ouvintes estavam absolutamente quietos até chegar na parte em que cantou o "Já tá velho, seu Guilherme" para a Taturana, e a letra saiu toda diferente. Foi quando o Jabuti de Mentira respirou bem fundo e disse:

— Isso é muito esquisito.

— É o cúmulo da esquisitice — disse o Grifo.

— Saiu tudo diferente — repetiu o Jabuti de Mentira, pensativo. — Eu gostaria de ouvi-la cantar algo agora. Diga a ela para começar.

O Jabuti olhou para o Grifo como se este tivesse alguma autoridade sobre Alice.

— Levante-se e cante “A voz da preguiça” — disse o Grifo.

“Essas criaturas nos dão ordem e fazem as pessoas repetirem as músicas”, pensou Alice. “Preferia estar na escola.”

No entanto, ela se levantou e começou a cantar, mas sua cabeça estava tão cheia de Quadrilha de Lagosta que mal sabia o que estava dizendo. A letra saiu bem esquisita mesmo:

— A voz da lagosta cantava bem assim:
“Que bronze! Mamãe passou açúcar em mim.”
Põe a roupa de sair, se enfeita todo,
Mora lá na água, mas vai passar o rodo.

Na areia seca, se acha o espertão
Mostra gingado e fala mal de tubarão.
Quando a maré sobe, chegam os maiorais,
Lagosta fica mansa, vira leva-e-traz.

— É diferente do que *eu* cantava quando criança — disse o Grifo.

— Bom, eu nunca tinha escutado — disse o Jabuti de Mentira. — Achei uma bobagem fora do normal.

Alice não disse nada. Estava sentada com as mãos cobrindo o rosto, imaginando se as coisas voltariam ao normal ainda nesta vida.

— Gostaria que você explicasse — disse o Jabuti.

— Ela não consegue — dissse o Grifo. — Continue com a próxima estrofe.

— Mas e aquela história do rodo? — persistiu o Jabuti. — *Como* ele passava rodo morando dentro d'água?

— Passar o rodo é uma expressão — ela disse.

Alice estava terrivelmente perplexa com a coisa toda, querendo muito mudar de assunto.

— Canta a próxima parte — repetiu o Grifo, impaciente. — Começa com "Passei pelo jardim".

Alice não ousou desobedecer, apesar da certeza de que cantaria tudo errado. Continuou, com a voz trêmula:

— Passei pelo jardim e vi de soslaio
A coruja e o gato-do-mato cambaio.

O bichano jantava carne com molho,
A coruja manjava torta de repolho.
No fim, a coruja fez uma oração,
Embolsou a colher: "Tchau, meu anfitrião."
E o gato-do-mato foi muito gentil
Grunhiu satisfeito.

— *Por que* cantar esse negócio todo — interrompeu o Jabuti de Mentira —, se você não explica o que está dizendo? É, de longe, a

coisa mais confusa que já ouvi!

— Sim, acho melhor você parar com isso — disse o Grifo, para a alegria de Alice.

— Vamos tentar outra parte da Quadrilha das Lagostas? — continuou o Grifo. — Ou você quer o Jabuti cantando uma música?

— Uma música, por favor, se o Jabuti nos fizer essa gentileza — respondeu Alice, com tanta impaciência que o Grifo se ofendeu:

— Hum! O gosto vai de cada um! Cante a "Sopa de Jabuti" para ela, meu parceiro.

O Jabuti de Mentira suspirou fundo e começou, com a voz soluçante:

— Que bela sopa, verde e singela
Bem quentinha na tigela!
Quem resistiria a essa iguaria?
Sopa da noite, bela sopinha.

Sopa da noite, bela sopinha.
Beeeee... la! Sopinha!
Beeeee... la! Sopinha!
So... pa da noi... te,
Lin... da sopinha!

Bela sopinha verde-abacate.
Muito melhor que comer chocolate.

Quem não daria a grana todinha
Só por um prato da bela sopinha?
Só por um prato da bela sopinha?
Beeeee... la! Sopinha!
Beeeee... la! Sopinha!
So... pa da noi... te,
Lin... da, lin... da sopinha!"

— O refrão mais uma vez! — berrou o Grifo, e o Jabuti de Mentira já começava a repeti-lo, quando um grito de "O julgamento vai começar!" foi ouvido à distância.

— Vambora! — exclamou o Grifo e, levando Alice pela mão, saiu apressado, sem nem esperar a música terminar.

— É julgamento do quê? — ela disse, ofegante.

Mas o Grifo só respondeu:

— Vambora! — e correu ainda mais rápido.

Conforme caminhavam, a brisa trazia um canto melancólico e cada vez mais fraco:

— So... pa da noi... te,
Beeeeee... la! So... pinha!

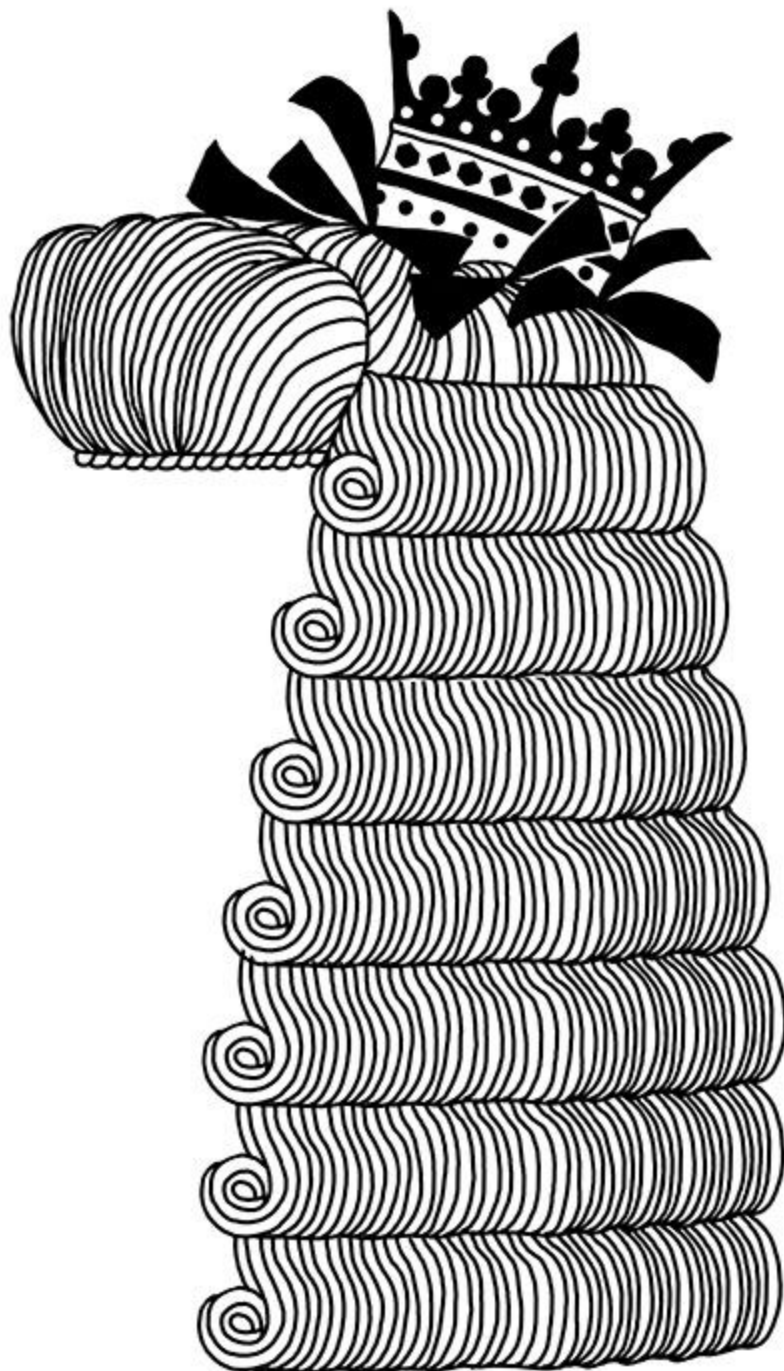
QUEM ROUBOU AS TORTAS?

O Rei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos. Uma multidão se reunia em torno deles: eram todos os tipos de passarinhos e criaturas, além do baralho completo. O Valete, de pé, estava acorrentado atrás do trono sob vigia de dois soldados, um de cada lado. Perto do Rei estava o Coelho Branco, com um trompete em uma das mãos e um pergaminho na outra. No centro da corte estava uma mesa, com grande prataria e recheada de tortas: elas pareciam tão gostosas que Alice ficou esfomeada só de vê-las…

"Queria que terminassem logo esse julgamento e servissem logo o rango", pensou.

Mas não parecia haver essa possibilidade, então Alice começou a observar tudo que estava ao seu redor para passar o tempo. Ela nunca estivera em um tribunal antes, mas já lera a respeito nos livros. Ficou contente de saber o nome de praticamente tudo e todos os que estavam ali.

— Aquele é o juiz — disse para si mesma —, por causa da peruca enorme.

O juiz, a propósito, era o Rei. Como usava a coroa por cima da peruca (observe a ilustração para ver como ele conseguia), não parecia nada confortável, bonito menos ainda.

— E aquela é a banca do júri — Alice disse para si mesma. — E aquelas doze criaturas — ela foi obrigada a dizer “criaturas”, perceba, porque alguns eram animais e, outros, pássaros —, imagino que sejam os membros do júri.

Disse essa última palavra duas ou três vezes, orgulhosa por conhecê-la: ela achava — corretamente — que pouquíssimas meninas de sua idade saberiam o significado de "membros do júri". No entanto, a palavra "jurado" também serviria.

Os doze jurados estavam atarefadíssimos escrevendo em suas lousas.

— O que eles estão fazendo? — Alice perguntou ao Grifo. — Eles não têm nada para anotar, o julgamento nem começou.

— Estão anotando os próprios nomes — sussurrou o Grifo, em resposta. — Por medo de se esquecerem antes do fim da sessão.

— Que estupidez! — exclamou Alice, indignada, mas foi rapidamente interrompida pelo berro do Coelho Branco:

— Silêncio no tribunal! — E o Rei colocou os óculos para olhar em volta, procurando quem falava.

Alice conseguia perceber, como se olhasse por cima de seus ombros, os jurados todos escrevendo "que estupidez!" nas lousas. Ela até adivinhou que um deles não sabia soletrar a palavra "estupidez", e precisou perguntar ao vizinho.

— Essas lousas estarão uma bagunça até o final do julgamento! — pensou Alice.

O lápis de um dos jurados rangia. Isso, evidentemente, Alice *não* era capaz de suportar: ficou atrás dele, buscando uma oportunidade de tomar para si aquele lápis. Fez isso de maneira tão ligeira que o pobrezinho do jurado (era Bill, a Lagartixa) não foi capaz de entender o que havia acontecido. Assim, depois de caçá-la por todos os lados, Bill foi obrigado a escrever com o dedo pelo resto do dia —

o que não adiantou nada, pois seus dedos não deixavam nenhuma marca na lousa.

— Oficial, leia a acusação! — disse o Rei.

Foi então que o Coelho Branco deu três sopradas no trompete, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

— A Rainha fez umas tortas
Em um belo dia quente.
O Valete roubou as tortas
E fugiu sorridente!

— Apresentem o veredito! — o Rei disse ao júri.

— Ainda não, ainda não! — o Coelho interrompeu, apressado. — Tem muita coisa antes disso!

— Chame a primeira testemunha! — disse o Rei.

O Coelho Branco tocou mais três vezes o trompete e convocou:

— Primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Trazia uma xícara de chá em uma das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra.

— Perdoe-me, Majestade — ele disse —, por trazer isso comigo. Ainda não havia terminado de tomar meu chá quando fui intimado.

— Já deveria ter terminado — disse o Rei. — Começou quando?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o acompanhou corte adentro, de braços dados com a Preguiça.

— Catorze de março, eu *acho* — disse o Chapeleiro.

— Quinze — disse a Lebre de Março.

— Dezesseis — disse a Preguiça.

— Anotem isso — o Rei disse ao júri, e todos os jurados impulsivamente anotaram as três datas em suas lousas, fizeram uma conta de adição com as datas e reduziram a resposta a um valor em dinheiro.

— Retire seu chapéu — o Rei disse ao Chapeleiro.

— Não é meu — respondeu o Chapeleiro.

— *Ladrão!* — exclamou o Rei, voltando-se ao júri, que imediatamente relatou o fato.

— São para vender — o Chapeleiro disse, explicando-se. — Nenhum deles é meu. Eu sou um chapeleiro.

A Rainha colocou seus óculos e fitou o Chapeleiro, que empalideceu, inquieto.

— Apresente seu depoimento — disse o Rei. — E não fique nervoso, senão mando executarem você agora mesmo.

Aquilo não pareceu encorajar em nada a testemunha, que seguiu se movendo freneticamente, sempre com o olhar constrangido em direção à Rainha. Nesse estado de confusão, o Chapeleiro mordeu um pedaço da xícara em vez do pão com manteiga.

Bem nesse momento, Alice sentiu algo curioso. Ela estava crescendo outra vez. Primeiro pensou em se levantar e deixar a corte. Mas, após refletir um pouco, decidiu permanecer enquanto houvesse espaço para ela.

— Queria que você não me espremesse assim — disse a Preguiça, que sentava ao seu lado. — Eu mal consigo respirar.

— Não posso fazer nada — ela disse, resignada. — Estou crescendo.

— Você não tem o direito de crescer *aqui* — disse a Preguiça.

— Ora, não diga besteira — ela afirmou, atrevida. — Você sabe muito bem que também está crescendo.

— Sim, mas *eu* cresço em um ritmo razoável — disse a Preguiça. — Não desse jeito ridículo. — Levantou-se emburrada e foi para o outro lado da corte.

Tudo isso acontecia sem que a Rainha parasse de olhar para o Chapeleiro. Só depois que a Preguiça atravessou lentamente o tribunal, ela disse a um dos oficiais:

— Tragam-me a lista de cantores do último espetáculo! — O que estremeceu o Chapeleiro de tal maneira que até seus sapatos escaparam dos pés.

— Apresente seu depoimento — o Rei repetiu, irritado —, senão ordeno sua execução, não me importa se estiver nervoso ou não.

— Eu sou pobre, Majestade — começou o Chapeleiro, com voz trêmula. — Não tinha começado a tomar meu chá… faz uma ou duas semanas… e o pão com manteiga minguando… e o chá cintilando…

— O chá estava fazendo o *quê*? — disse o Rei.

— *Começa* com "c" — respondeu o Chapeleiro.

— É óbvio que chá começa com "c"! — disse o Rei. — Você acha que eu sou idiota? Continue!

— Eu sou pobre — continuou o Chapeleiro —, e a maioria das coisas cintilaram depois disso… foi quando a Lebre de Março disse

que…

— Eu não disse — interrompeu a Lebre, com a maior pressa.

— Disse sim! — gritou o Chapeleiro.

— Eu nego! — retrucou a Lebre de Março no mesmo tom.

— Ele nega — disse o Rei. — Esqueçam essa parte.

— Bom, de qualquer maneira, a Preguiça disse… — continuou o Chapeleiro, olhando ao redor com impaciência para ver se ela também negaria.

Mas a Preguiça não negou, pois estava dormindo.

— Depois — continuou o Chapeleiro —, cortei mais um pedaço de pão com manteiga…

— Mas o que a Preguiça disse? — perguntou um membro do júri.

— Disso eu não lembro — disse o Chapeleiro.

— Você *precisa* lembrar — afirmou o Rei. — Ou ordenarei sua execução.

O coitado do Chapeleiro derrubou a xícara de chá e o pão com manteiga antes de se ajoelhar.

— Eu sou pobre, Majestade — ele começou.

— Seu *discurso* é *muito* pobre — disse o Rei.

Um dos porquinhos-da-índia vibrou e foi imediatamente suprimido pelos oficiais.

(Como essa palavra "suprimido" é um pouco estranha, vou explicar como tudo aconteceu: eles pegaram uma sacola de lona, amarrada com cordas, e enfiaram o porquinho-da-índia lá dentro, pela cabeça. Depois, sentaram-se em cima do saco.)

— Que legal poder presenciar tudo sendo feito — Alice comentou sozinha. — Já li sobre isso nos jornais, quando a notícia a respeito do julgamento informa que: "As tentativas de aplausos foram imediatamente suprimidas pelos oficiais da corte". Eu não tinha entendido o significado até agora.

— Se isso é tudo o que sabe, está dispensado — disse o Rei.

— Não consigo despensar — disse o Chapeleiro. — Agora já pensei.

— Então sente-se e pronto — respondeu o Rei.

Neste momento, outro porquinho-da-índia vibrou e foi suprimido também.

"Viva, acabaram-se os porquinhos!", pensou Alice. "Agora vai melhorar."

— Prefiro terminar meu chá — disse o Chapeleiro, olhando impaciente para a Rainha, que lia a lista de cantores.

— Você pode ir — disse o Rei.

Imediatamente, o Chapeleiro saiu correndo do tribunal tão rápido que sequer calçou os sapatos.

— … e arranquem a cabeça dele lá fora — a Rainha disse a um dos oficiais, mas o Chapeleiro já estava longe e inalcançável.

— Próxima testemunha — disse o Rei.

Era a vez da cozinheira da Duquesa. Trazia consigo uma caixa de pimenta. Alice adivinhou quem era antes mesmo de ela entrar na corte, pelo jeito com que as pessoas perto da porta começaram a espirrar todas de uma vez.

— Apresente seu depoimento — disse o Rei.

— Apresento nada — disse a Cozinheira.

O Rei olhou nervoso para o Coelho Branco, que disse em voz baixa:

— Vossa Majestade deve interrogar esta testemunha.

— Bom, se devo, então devo — disse o Rei, com certa melancolia.

Após cruzar os braços e franzir o rosto até que seus olhos quase desaparecessem, disse em um tom grave:

— De que são feitas as tortas?

— De pimenta, principalmente — disse a Cozinheira.

— Melaço — disse uma voz sonolenta atrás dela.

— Prendam essa Preguiça! — gritou a Rainha. — Cortem a cabeça da Preguiça! Removam a Preguiça do tribunal! Suprimam! Espremam! Arranquem seus olhos!

Por alguns minutos, o tribunal inteiro afundou no caos ao buscar uma solução para se livrar da Preguiça. Quando se organizaram novamente, a Cozinheira havia desaparecido.

— Não tem problema! — disse o Rei, muito aliviado. — Próxima testemunha!

E acrescentou, baixinho, à Rainha:

— Querida, de verdade, *você* deve interrogar a próxima testemunha. Ela me dá enxaqueca!

Alice viu o Coelho Branco fuçando na lista, muito curiosa para saber quem seria a próxima testemunha.

— *Até agora* eles não têm evidência de nada — disse consigo mesma.

Imaginem a surpresa de Alice quando o Coelho Branco leu, com a máxima potência de sua vozinha:

— Alice!

AS EVIDÊNCIAS DE ALICE

Estou aqui! — gritou Alice.

Ela havia esquecido, no calor da hora, do quanto crescera naqueles minutos. Alice levantou-se com tanta pressa que derrubou a banca do júri com a barra da saia e arremessou todos os jurados para cima da plateia. A menina teve uma forte recordação do aquário redondo, com um peixinho dourado, que derrubara acidentalmente uma semana antes.

— *Perdão*! — ela exclamou, desesperada, e começou a pegá-los o mais rápido que podia, pois o acidente com o peixinho parecia se repetir, o que dava a Alice uma ideia confusa de que se não os colocasse rapidamente de volta na banca do júri todos morreriam.

— O julgamento não pode seguir — disse o Rei, com voz grave — até que todos os membros do júri estejam de volta aos seus respectivos lugares. *Todos* — repetiu, enfático, olhando fixamente para Alice.

Alice olhou para a banca do júri e percebeu que, na pressa, tinha colocado a Lagartixa de cabeça para baixo. A pobre criatura mexia a cauda com melancolia, incapaz de se mexer. Ela logo apanhou o bicho e o recolocou do lado certo.

— Não que isso signifique muita coisa — disse consigo mesma. — Para esse julgamento, a Lagartixa é *tão* útil virada para cima quanto para baixo.

Assim que os jurados se recuperaram do choque de terem sido arremessados, e como já tinham suas lousas e riscadores de volta, empenharam-se em escrever relatos sobre o incidente. Todos menos a Lagartixa, que parecia encarar como um desafio impossível qualquer coisa mais complexa do que ficar de boca aberta olhando para o teto da corte.

— O que você sabe sobre esse negócio? — o Rei disse para Alice.

— Nada — ela respondeu.

— *Nadica* de nada? — persistiu o Rei.

— Nadica de nada — ela repetiu.

— Isso é muito importante — disse o Rei, voltando-se para o júri.

O pessoal já anotava o fato em suas lousas quando o Coelho Branco interrompeu:

— *Des*importante, Vossa Majestade quis dizer, é claro — pronunciou em um tom muito respeitoso, mas fazia caras e bocas.

— *Desimportante*, é claro, foi o que eu quis dizer — o Rei concordou, precipitadamente, e continuou falando baixinho consigo mesmo. — Desimportante… importante… desimportante… importante… — Como se experimentasse qual palavra soava melhor.

Uma parte do júri anotou "importante", a outra, "desimportante". Alice podia vê-los escrevendo, estava próxima o bastante para espiar as lousas.

"Mas isso não importa em nada", pensou consigo mesma.

Nesse momento, o Rei, que esteve muito ocupado fazendo anotações por alguns momentos, berrou:

— Silêncio! — E leu de seu livro: — Regra Número Quarenta e Dois. *Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem deixar a corte.*

Todos olharam para Alice.

— *Eu não* tenho um quilômetro de altura — ela disse.

— Tem sim — disse o Rei.

— Quase dois — acrescentou a Rainha.

— Bom, eu não vou embora, não tem conversa — ela disse. — Além disso, essa não é uma regra normal. Você acabou de inventá-la.

— É a regra mais antiga do livro — disse o Rei.

— Então deveria ser a Regra Número Um — ela corrigiu.

O Rei empalideceu e fechou seu livro com tudo.

— Apresentem seu veredito — ele pediu ao júri com voz baixa e trêmula.

— Ainda há evidências a serem apresentadas, Majestade — afirmou o Coelho Branco, saltando apressado. — Este documento apareceu agorinha.

— O que está escrito nele? — perguntou a Rainha.

— Ainda não vi — disse o Coelho Branco. — Mas parece ser uma carta escrita pelo prisioneiro para… para alguém…

— Deve ter sido — concordou o Rei. — A menos que tenha sido escrita para ninguém, o que não é muito comum.

— A carta é direcionada a quem? — inquiriu um dos membros do júri.

— Direcionada a ninguém — disse o Coelho Branco. — Na verdade, não tem nada escrito no *lado de fora*.

O Coelho desdobrou o documento enquanto falava, e acrescentou:

— Não é uma carta, no fim das contas. São versos.

— Têm a caligrafia do prisioneiro? — perguntou outro membro do júri.

— Não, não têm — respondeu o Coelho Branco. — O que é muito esquisito.

(O júri estava perplexo.)

— Ele deve ter imitado a caligrafia de outra pessoa — disse o Rei.

(O júri estava esclarecido.)

— Por favor, Majestade — disse o Valete. — Eu não a escrevi. Também não é possível provar que eu a tenha escrito, pois não há nenhuma assinatura no fim.

— Se você não assinou — afirmou o Rei —, isso só piora a situação. Você *quis* causar confusão, caso contrário, assinaria como qualquer homem honesto.

Uma salva de palmas veio da audiência. Todos consideraram que aquela era a primeira coisa realmente inteligente que o Rei havia dito naquele dia.

— Então *isso* prova sua culpa — completou a Rainha.

— Isso não prova nada! — falou Alice. — Você nem sabe sobre o que são os versos!

— Leia! — disse o Rei.

O Coelho Branco colocou os óculos.

— De onde devo começar, Majestade? — ele perguntou.

— Comece do começo — o Rei disse gravemente. — Vá até o fim. Então, pare.

E os versos lidos pelo Coelho Branco eram assim:

— Disseram que você foi lá
falar com o indivíduo:
"O cara não sabe nadar,
mas é um bom partido."

Disseram, então, que não fui
(Sabemos que é verdade)
Pensa como seria ruim
se ela continuasse.

Dei um pra ela, deram dois,
Você deu três ou mais.
Voltaram pra você depois
Mas eram meus, rapaz.

Se eu e você estivéssemos
No meio da confusão

Ele nos livraria, intrépido,
Do tenso paredão.

Minha noção, no comecinho,
(Antes de ela dar um jeito)
Era que a pedra no caminho
Quem pôs foi seu malfeito.

Mas nunca o deixe saber
Que deles ela gostava.
Guarde o segredo com você
Como flecha n'aljava.

— Essa é prova mais importante que analisamos até agora — disse o Rei, esfregando as mãos. — Agora, deixemos o júri…

— Se alguém puder explicar os versos, eu pago 10 contos! — exclamou Alice (tinha crescido tanto nos últimos minutos que não estava nem um pouco intimidada ao interrompê-lo). — Eu não vejo nenhum átomo de sentido nisso.

O júri todo anotou em suas lousas: "*Ela* não vê nenhum átomo de sentido nisso". Mas ninguém tentou explicar o poema.

— Se não tem significado, maravilha — disse o Rei. — Assim a gente não precisa tentar entender. Se bem que… — continuou, conferindo os versos expostos sobre o joelho. — Acho que vejo algum significado neles, afinal. "*O cara não sabe nadar*"… você não sabe nadar, sabe? — acrescentou, voltando-se para o Valete.

O Valete meneou a cabeça, triste:

— Eu pareço saber nadar, Majestade? — perguntou.

E ele certamente *não* parecia saber nadar, pois era feito de papel-cartão.

— Até aqui, tudo bem — disse o Rei, murmurando os versos consigo mesmo. — *"Sabemos que é verdade..."* esse é o júri, claro... *"Dei um pra ela, deram dois..."* Ora, isso é o que ele fez com as tortas...

— Mas continua com *"voltaram para você depois"* — Alice completou.

— Ué, estão ali! — disse o Rei, triunfante, apontando para as tortas na mesa. — Nada pode ser mais claro que *isso*. Veja: *"antes de ela dar um jeito"*. Você nunca deu um jeito, não é, minha querida? — ele disse para a Rainha.

— Nunca! — respondeu a Rainha, furiosa, arremessando um tinteiro na Lagartixa.

(Nosso desafortunado Bill tinha desistido de escrever em sua lousa com o dedo, pois notou que não funcionava. Mas se apressou a retomar o trabalho usando a tinta que escorria de seu rosto.)

— Então as palavras não se *ajeitam* a você — disse o Rei, olhando ao redor da corte com um sorriso.

Houve um silêncio mortal.

— É um trocadilho! — o Rei acrescentou, ofendido, e todos sorriram. — Deixemos que o júri apresente o veredito — ele disse, pela vigésima vez naquele dia.

— Não, não! — exclamou a Rainha. — Primeiro a sentença, depois o veredito.

— Nada a ver! — respondeu Alice, em voz alta. — É uma ideia completamente absurda a sentença vir primeiro!

— Segure sua língua, menina! — disse a Rainha, ficando roxa.

— Eu não! — respondeu Alice.

— Cortem-lhe a cabeça! — a Rainha gritou a plenos pulmões.

Ninguém se mexeu.

— Quem liga pra vocês? — respondeu Alice (ela tinha voltado ao seu tamanho normal a essa hora). — Vocês não passam de um baralho!

Foi então que o carteado todo se jogou para cima e desceu voando em direção a ela. Alice gritou, meio de medo meio de nervoso. Tentou obstruí-los e viu-se deitada no banco, com a cabeça no colo de sua irmã, que delicadamente retirava folhas mortas que pousaram das árvores no rosto de Alice.

— Acorde, Alice querida! — disse a irmã. — Nossa, que soneca longa você tirou!

— Ah, eu tive um sonho muito curioso! — respondeu Alice, e contou à irmã, tão bem quanto se lembrava, todas as estranhas aventuras que você leu por aqui.

Quando terminou, sua irmã lhe deu um beijo e disse:

— O sonho *foi* muito curioso, querida, certamente. Mas agora vá comer seu lanche, já está ficando tarde.

Alice se levantou e saiu correndo, pensando no sonho maravilhoso que tivera.

Sua irmã permaneceu sentada do mesmo jeito, recostando a cabeça nas mãos, assistindo ao sol poente e pensando na pequena

Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que mal e mal começou a sonhar também algo mais ou menos assim:

Primeiro, a própria Alice, de mãozinhas agarradas nos joelhos, com os olhos claros e espertos fitando os da irmã… ela até podia ouvir o tom de voz de Alice, e percebia a sacudida com a cabeça que evitava que o cabelo errante caísse nos olhos… escutava, ou parecia escutar, todo o espaço ao seu redor ganhando vida com as estranhas criaturas do sonho de sua irmã.

A grama alta farfalhou ao seus pés enquanto o Coelho Branco passava apressado… O Camundongo assustado se debateu na piscina de lágrimas… Ela ouviu a barulheira das xícaras de chá da refeição sem fim que a Lebre de Março dividia com seus amigos e também ouviu a voz aguda da Rainha condenando seus infelizes convidados à morte… Mais uma vez, a bebê-porco espirrou no joelho da Duquesa enquanto as louças se arrebentavam em torno deles… Mais uma vez o berro do Grifo, o chiado do lápis da Lagartixa e o sufoco dos porquinhos-da-índia suprimidos preencheram o ar, misturados com lamentos distantes do miserável Jabuti de Mentira.

Calada e de olhos cerrados, a irmã quase acreditou estar no País das Maravilhas. No entanto, sabia que precisava abrir os olhos e ver tudo se transformar em uma realidade sem qualquer brilho… A grama só farfalharia com o vento, e as águas se movimentariam com as ondas dos juncos… O estrépito das xícaras viraria o tilintar dos sinos das ovelhas, os berros agudos da Rainha, a voz do menino do pastoreio… os espirros da bebê, as exclamações do Grifo e todos os outros barulhos esquisitos se transformariam (ela sabia) no clamor

confuso da fazenda… E o mugido distante do gado tomaria o lugar dos lamentos do Jabuti de Mentira.

Por último, ela imaginou sua irmãzinha no futuro. Uma mulher feita. Idealizou Alice durante seus melhores anos, ainda com o coração simples e amoroso da infância. Ela reuniria mais criancinhas em torno dela e iluminaria *seus* olhares com muitas histórias estranhas, talvez até com seu antigo sonho do País das Maravilhas. Pensou em como Alice sentiria tristezas tolas e encontraria prazer em alegrias bobas, ao recordar-se da infância e dos dias felizes de verão.

NOTAS

1. Relato de Alice Pleasance Liddell, ou senhora Reginald Hargreaves, extraído do livro *The Life and Letters of Lewis Carroll* (Rev. C. L. Dodgson), de Stuart Dodgson Collingwood. Ela é a criança que inspirou Lewis Carroll a escrever as aventuras de Alice. Quarta dos dez filhos de Henry Liddell, decano da Christ Church, em Oxford, e sua esposa Lorina Hanna.

2. A maioria dos poemas transcritos nos dois livros de Alice são paródias de Lewis Carroll sobre poemas e canções da época em que as obras foram escritas. Nesses casos, a paródia sobreviveu aos originais, que hoje em dia são lembrados apenas em razão do sucesso dos próprios livros.

3. As máquinas de banho, espécie de coche usado na praia, eram muito comuns na Inglaterra do século 19. À época, mulheres não podiam ser vistas com roupas de banho. Assim, as máquinas serviam para que elas pudessem aproveitar a água do mar sem serem vistas — a mulher ia até a praia vestida como se estivesse na cidade, adentrava a máquina e, uma vez lá dentro, saía já no mar vestida com sua roupa de veraneio.

4. Guilherme, o Conquistador (1035-1087), foi o primeiro rei da Inglaterra vindo da Normandia, região que hoje faz parte da França.

THROUGH THE LOOKING-GLASS ADVENTURES

Lewis Carroll

CHAPTER I.
DOWN THE RABBIT-HOLE

Alice was beginning to get very tired of sitting by her sister on the bank, and of having nothing to do: once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it, “and what is the use of a book,” thought Alice “without pictures or conversations?”

So she was considering in her own mind (as well as she could, for the hot day made her feel very sleepy and stupid), whether the pleasure of making a daisy-chain would be worth the trouble of getting up and picking the daisies, when suddenly a White Rabbit with pink eyes ran close by her.

There was nothing so *very* remarkable in that; nor did Alice think it so *very* much out of the way to hear the Rabbit say to itself, “Oh dear! Oh dear! I shall be late!” (when she thought it over afterwards, it occurred to her that she ought to have wondered at this, but at the time it all seemed quite natural); but when the Rabbit actually *took a watch out of its waistcoat-pocket*, and looked at it, and then hurried on, Alice started to her feet, for it flashed across her mind that she had never before seen a rabbit with either a waistcoat-pocket, or a watch to take out of it, and burning with curiosity, she ran across the field after it, and fortunately was just in time to see it pop down a large rabbit-hole under the hedge.

In another moment down went Alice after it, never once considering how in the world she was to get out again.

The rabbit-hole went straight on like a tunnel for some way, and then dipped suddenly down, so suddenly that Alice had not a moment to think about stopping herself before she found herself falling down a very deep well.

Either the well was very deep, or she fell very slowly, for she had plenty of time as she went down to look about her and to wonder what was going to happen next. First, she tried to look down and make out what she was coming to, but it was too dark to see anything; then she looked at the sides of the well, and noticed that they were filled with cupboards and book-shelves; here and there she saw maps and pictures hung upon pegs. She took down a jar from one of the shelves as she passed; it was labelled “ORANGE MARMALADE”, but to her great disappointment it was empty: she did not like to drop the jar for fear of killing somebody underneath, so managed to put it into one of the cupboards as she fell past it.

“Well!” thought Alice to herself, “after such a fall as this, I shall think nothing of tumbling down stairs! How brave they’ll all think me at home! Why, I wouldn’t say anything about it, even if I fell off the top of the house!” (Which was very likely true.)

Down, down, down. Would the fall *never* come to an end? “I wonder how many miles I’ve fallen by this time?” she said aloud. “I must be getting somewhere near the centre of the earth. Let me see: that would be four thousand miles down, I think—” (for, you see, Alice had learnt several things of this sort in her lessons in the schoolroom, and though this was not a *very* good opportunity for showing off her knowledge, as there was no one to listen to her, still it was good practice to say it over) “—yes, that’s about the right distance—but then I wonder what Latitude or Longitude I’ve got to?”

(Alice had no idea what Latitude was, or Longitude either, but thought they were nice grand words to say.)

Presently she began again. “I wonder if I shall fall right *through* the earth! How funny it’ll seem to come out among the people that walk with their heads downward! The Antipathies, I think—” (she was rather glad there *was* no one listening, this time, as it didn’t sound at all the right word) “—but I shall have to ask them what the name of the country is, you know. Please, Ma’am, is this New Zealand or Australia?” (and she tried to curtsey as she spoke—fancy *curtseying* as you’re falling through the air! Do you think you could manage it?) “And what an ignorant little girl she’ll think me for asking! No, it’ll never do to ask: perhaps I shall see it written up somewhere.”

Down, down, down. There was nothing else to do, so Alice soon began talking again. “Dinah’ll miss me very much to-night, I should think!” (Dinah was the cat.) “I hope they’ll remember her saucer of milk at tea-time. Dinah my dear! I wish you were down here with me! There are no mice in the air, I’m afraid, but you might catch a bat, and that’s very like a mouse, you know. But do cats eat bats, I wonder?” And here Alice began to get rather sleepy, and went on saying to herself, in a dreamy sort of way, “Do cats eat bats? Do cats eat bats?” and sometimes, “Do bats eat cats?” for, you see, as she couldn’t answer either question, it didn’t much matter which way she put it. She felt that she was dozing off, and had just begun to dream that she was walking hand in hand with Dinah, and saying to her very earnestly, “Now, Dinah, tell me the truth: did you ever eat a bat?” when suddenly, thump! thump! down she came upon a heap of sticks and dry leaves, and the fall was over.

Alice was not a bit hurt, and she jumped up on to her feet in a moment: she looked up, but it was all dark overhead; before her was another long passage, and the White Rabbit was still in sight, hurrying down it. There was not a moment to be lost: away went Alice like the wind, and was just in time to hear it say, as it turned a corner, "Oh my ears and whiskers, how late it's getting!" She was close behind it when she turned the corner, but the Rabbit was no longer to be seen: she found herself in a long, low hall, which was lit up by a row of lamps hanging from the roof.

There were doors all round the hall, but they were all locked; and when Alice had been all the way down one side and up the other, trying every door, she walked sadly down the middle, wondering how she was ever to get out again.

Suddenly she came upon a little three-legged table, all made of solid glass; there was nothing on it except a tiny golden key, and Alice's first thought was that it might belong to one of the doors of the hall; but, alas! either the locks were too large, or the key was too small, but at any rate it would not open any of them. However, on the second time round, she came upon a low curtain she had not noticed before, and behind it was a little door about fifteen inches high: she tried the little golden key in the lock, and to her great delight it fitted!

Alice opened the door and found that it led into a small passage, not much larger than a rat-hole: she knelt down and looked along the passage into the loveliest garden you ever saw. How she longed to get out of that dark hall, and wander about among those beds of bright flowers and those cool fountains, but she could not even get her head through the doorway; "and even if my head would go

through," thought poor Alice, "it would be of very little use without my shoulders. Oh, how I wish I could shut up like a telescope! I think I could, if I only knew how to begin." For, you see, so many out-of-the-way things had happened lately, that Alice had begun to think that very few things indeed were really impossible.

There seemed to be no use in waiting by the little door, so she went back to the table, half hoping she might find another key on it, or at any rate a book of rules for shutting people up like telescopes: this time she found a little bottle on it, ("which certainly was not here before," said Alice,) and round the neck of the bottle was a paper label, with the words "DRINK ME," beautifully printed on it in large letters.

It was all very well to say "Drink me," but the wise little Alice was not going to do *that* in a hurry. "No, I'll look first," she said, "and see whether it's marked '*poison*' or not"; for she had read several nice little histories about children who had got burnt, and eaten up by wild beasts and other unpleasant things, all because they *would* not remember the simple rules their friends had taught them: such as, that a red-hot poker will burn you if you hold it too long; and that if you cut your finger *very* deeply with a knife, it usually bleeds; and she had never forgotten that, if you drink much from a bottle marked "poison," it is almost certain to disagree with you, sooner or later.

However, this bottle was *not* marked "poison," so Alice ventured to taste it, and finding it very nice, (it had, in fact, a sort of mixed flavour of cherry-tart, custard, pine-apple, roast turkey, toffee, and hot buttered toast,) she very soon finished it off.

*   *   *   *   *   *   *

“What a curious feeling!” said Alice; “I must be shutting up like a telescope.”

And so it was indeed: she was now only ten inches high, and her face brightened up at the thought that she was now the right size for going through the little door into that lovely garden. First, however, she waited for a few minutes to see if she was going to shrink any further: she felt a little nervous about this; “for it might end, you know,” said Alice to herself, “in my going out altogether, like a candle. I wonder what I should be like then?” And she tried to fancy what the flame of a candle is like after the candle is blown out, for she could not remember ever having seen such a thing.

After a while, finding that nothing more happened, she decided on going into the garden at once; but, alas for poor Alice! when she got to the door, she found she had forgotten the little golden key, and when she went back to the table for it, she found she could not possibly reach it: she could see it quite plainly through the glass, and she tried her best to climb up one of the legs of the table, but it was too slippery; and when she had tired herself out with trying, the poor little thing sat down and cried.

“Come, there’s no use in crying like that!” said Alice to herself, rather sharply; “I advise you to leave off this minute!” She generally gave herself very good advice, (though she very seldom followed it), and sometimes she scolded herself so severely as to bring tears into her eyes; and once she remembered trying to box her own ears for having cheated herself in a game of croquet she was playing against

herself, for this curious child was very fond of pretending to be two people. "But it's no use now," thought poor Alice, "to pretend to be two people! Why, there's hardly enough of me left to make *one* respectable person!"

Soon her eye fell on a little glass box that was lying under the table: she opened it, and found in it a very small cake, on which the words "EAT ME" were beautifully marked in currants. "Well, I'll eat it," said Alice, "and if it makes me grow larger, I can reach the key; and if it makes me grow smaller, I can creep under the door; so either way I'll get into the garden, and I don't care which happens!"

She ate a little bit, and said anxiously to herself, "Which way? Which way?", holding her hand on the top of her head to feel which way it was growing, and she was quite surprised to find that she remained the same size: to be sure, this generally happens when one eats cake, but Alice had got so much into the way of expecting nothing but out-of-the-way things to happen, that it seemed quite dull and stupid for life to go on in the common way.

So she set to work, and very soon finished off the cake.

* * * * * * *

CHAPTER II.
THE POOL OF TEARS

"Curiouser and curiouser!" cried Alice (she was so much surprised, that for the moment she quite forgot how to speak good English); "now I'm opening out like the largest telescope that ever was! Good-bye, feet!" (for when she looked down at her feet, they seemed to be almost out of sight, they were getting so far off). "Oh, my poor little feet, I wonder who will put on your shoes and stockings for you now, dears? I'm sure *I* shan't be able! I shall be a great deal too far off to trouble myself about you: you must manage the best way you can;—but I must be kind to them," thought Alice, "or perhaps they won't walk the way I want to go! Let me see: I'll give them a new pair of boots every Christmas."

And she went on planning to herself how she would manage it. "They must go by the carrier," she thought; "and how funny it'll seem, sending presents to one's own feet! And how odd the directions will look!

Alice's Right Foot, Esq., Hearthrug, near the Fender,
(*with Alice's love*).

Oh dear, what nonsense I'm talking!"

Just then her head struck against the roof of the hall: in fact she was now more than nine feet high, and she at once took up the little golden key and hurried off to the garden door.

Poor Alice! It was as much as she could do, lying down on one side, to look through into the garden with one eye; but to get through was more hopeless than ever: she sat down and began to cry again.

"You ought to be ashamed of yourself," said Alice, "a great girl like you," (she might well say this), "to go on crying in this way! Stop this moment, I tell you!" But she went on all the same, shedding gallons of tears, until there was a large pool all round her, about four inches deep and reaching half down the hall.

After a time she heard a little pattering of feet in the distance, and she hastily dried her eyes to see what was coming. It was the White Rabbit returning, splendidly dressed, with a pair of white kid gloves in one hand and a large fan in the other: he came trotting along in a great hurry, muttering to himself as he came, "Oh! the Duchess, the Duchess! Oh! won't she be savage if I've kept her waiting!" Alice felt so desperate that she was ready to ask help of any one; so, when the Rabbit came near her, she began, in a low, timid voice, "If you please, sir—" The Rabbit started violently, dropped the white kid gloves and the fan, and skurried away into the darkness as hard as he could go.

Alice took up the fan and gloves, and, as the hall was very hot, she kept fanning herself all the time she went on talking: "Dear, dear! How queer everything is to-day! And yesterday things went on just as usual. I wonder if I've been changed in the night? Let me think: was I the same when I got up this morning? I almost think I can remember feeling a little different. But if I'm not the same, the next question is, Who in the world am I? Ah, *that's* the great puzzle!" And she began thinking over all the children she knew that were of the

same age as herself, to see if she could have been changed for any of them.

"I'm sure I'm not Ada," she said, "for her hair goes in such long ringlets, and mine doesn't go in ringlets at all; and I'm sure I can't be Mabel, for I know all sorts of things, and she, oh! she knows such a very little! Besides, *she's* she, and *I'm* I, and—oh dear, how puzzling it all is! I'll try if I know all the things I used to know. Let me see: four times five is twelve, and four times six is thirteen, and four times seven is—oh dear! I shall never get to twenty at that rate! However, the Multiplication Table doesn't signify: let's try Geography. London is the capital of Paris, and Paris is the capital of Rome, and Rome—no, *that's* all wrong, I'm certain! I must have been changed for Mabel! I'll try and say '*How doth the little—*'" and she crossed her hands on her lap as if she were saying lessons, and began to repeat it, but her voice sounded hoarse and strange, and the words did not come the same as they used to do:—

"How doth the little crocodile
Improve his shining tail,
And pour the waters of the Nile
On every golden scale!

"How cheerfully he seems to grin,
How neatly spread his claws,
And welcome little fishes in
With gently smiling jaws!"

“I’m sure those are not the right words,” said poor Alice, and her eyes filled with tears again as she went on, “I must be Mabel after all, and I shall have to go and live in that poky little house, and have next to no toys to play with, and oh! ever so many lessons to learn! No, I’ve made up my mind about it; if I’m Mabel, I’ll stay down here! It’ll be no use their putting their heads down and saying ‘Come up again, dear!’ I shall only look up and say ‘Who am I then? Tell me that first, and then, if I like being that person, I’ll come up: if not, I’ll stay down here till I’m somebody else’—but, oh dear!” cried Alice, with a sudden burst of tears, “I do wish they *would* put their heads down! I am so *very* tired of being all alone here!”

As she said this she looked down at her hands, and was surprised to see that she had put on one of the Rabbit’s little white kid gloves while she was talking. “How *can* I have done that?” she thought. “I must be growing small again.” She got up and went to the table to measure herself by it, and found that, as nearly as she could guess, she was now about two feet high, and was going on shrinking rapidly: she soon found out that the cause of this was the fan she was holding, and she dropped it hastily, just in time to avoid shrinking away altogether.

“That *was* a narrow escape!” said Alice, a good deal frightened at the sudden change, but very glad to find herself still in existence; “and now for the garden!” and she ran with all speed back to the little door: but, alas! the little door was shut again, and the little golden key was lying on the glass table as before, “and things are worse than ever,” thought the poor child, “for I never was so small as this before, never! And I declare it’s too bad, that it is!”

As she said these words her foot slipped, and in another moment, splash! she was up to her chin in salt water. Her first idea was that she had somehow fallen into the sea, "and in that case I can go back by railway," she said to herself. (Alice had been to the seaside once in her life, and had come to the general conclusion, that wherever you go to on the English coast you find a number of bathing machines in the sea, some children digging in the sand with wooden spades, then a row of lodging houses, and behind them a railway station.) However, she soon made out that she was in the pool of tears which she had wept when she was nine feet high.

"I wish I hadn't cried so much!" said Alice, as she swam about, trying to find her way out. "I shall be punished for it now, I suppose, by being drowned in my own tears! That *will* be a queer thing, to be sure! However, everything is queer to-day."

Just then she heard something splashing about in the pool a little way off, and she swam nearer to make out what it was: at first she thought it must be a walrus or hippopotamus, but then she remembered how small she was now, and she soon made out that it was only a mouse that had slipped in like herself.

"Would it be of any use, now," thought Alice, "to speak to this mouse? Everything is so out-of-the-way down here, that I should think very likely it can talk: at any rate, there's no harm in trying." So she began: "O Mouse, do you know the way out of this pool? I am very tired of swimming about here, O Mouse!" (Alice thought this must be the right way of speaking to a mouse: she had never done such a thing before, but she remembered having seen in her brother's Latin Grammar, "A mouse—of a mouse—to a mouse—a mouse—O

mouse!") The Mouse looked at her rather inquisitively, and seemed to her to wink with one of its little eyes, but it said nothing.

"Perhaps it doesn't understand English," thought Alice; "I daresay it's a French mouse, come over with William the Conqueror." (For, with all her knowledge of history, Alice had no very clear notion how long ago anything had happened.) So she began again: "Où est ma chatte?" which was the first sentence in her French lesson-book. The Mouse gave a sudden leap out of the water, and seemed to quiver all over with fright. "Oh, I beg your pardon!" cried Alice hastily, afraid that she had hurt the poor animal's feelings. "I quite forgot you didn't like cats."

"Not like cats!" cried the Mouse, in a shrill, passionate voice. "Would *you* like cats if you were me?"

"Well, perhaps not," said Alice in a soothing tone: "don't be angry about it. And yet I wish I could show you our cat Dinah: I think you'd take a fancy to cats if you could only see her. She is such a dear quiet thing," Alice went on, half to herself, as she swam lazily about in the pool, "and she sits purring so nicely by the fire, licking her paws and washing her face—and she is such a nice soft thing to nurse—and she's such a capital one for catching mice—oh, I beg your pardon!" cried Alice again, for this time the Mouse was bristling all over, and she felt certain it must be really offended. "We won't talk about her any more if you'd rather not."

"We indeed!" cried the Mouse, who was trembling down to the end of his tail. "As if *I* would talk on such a subject! Our family always *hated* cats: nasty, low, vulgar things! Don't let me hear the name again!"

“I won’t indeed!” said Alice, in a great hurry to change the subject of conversation. “Are you—are you fond—of—of dogs?” The Mouse did not answer, so Alice went on eagerly: “There is such a nice little dog near our house I should like to show you! A little bright-eyed terrier, you know, with oh, such long curly brown hair! And it’ll fetch things when you throw them, and it’ll sit up and beg for its dinner, and all sorts of things—I can’t remember half of them—and it belongs to a farmer, you know, and he says it’s so useful, it’s worth a hundred pounds! He says it kills all the rats and—oh dear!” cried Alice in a sorrowful tone, “I’m afraid I’ve offended it again!” For the Mouse was swimming away from her as hard as it could go, and making quite a commotion in the pool as it went.

So she called softly after it, “Mouse dear! Do come back again, and we won’t talk about cats or dogs either, if you don’t like them!” When the Mouse heard this, it turned round and swam slowly back to her: its face was quite pale (with passion, Alice thought), and it said in a low trembling voice, “Let us get to the shore, and then I’ll tell you my history, and you’ll understand why it is I hate cats and dogs.”

It was high time to go, for the pool was getting quite crowded with the birds and animals that had fallen into it: there were a Duck and a Dodo, a Lory and an Eaglet, and several other curious creatures. Alice led the way, and the whole party swam to the shore.

CHAPTER III.
A CAUCUS-RACE AND A LONG TALE

They were indeed a queer-looking party that assembled on the bank—the birds with draggled feathers, the animals with their fur clinging close to them, and all dripping wet, cross, and uncomfortable.

The first question of course was, how to get dry again: they had a consultation about this, and after a few minutes it seemed quite natural to Alice to find herself talking familiarly with them, as if she had known them all her life. Indeed, she had quite a long argument with the Lory, who at last turned sulky, and would only say, “I am older than you, and must know better;” and this Alice would not allow without knowing how old it was, and, as the Lory positively refused to tell its age, there was no more to be said.

At last the Mouse, who seemed to be a person of authority among them, called out, “Sit down, all of you, and listen to me! *I’ll* soon make you dry enough!” They all sat down at once, in a large ring, with the Mouse in the middle. Alice kept her eyes anxiously fixed on it, for she felt sure she would catch a bad cold if she did not get dry very soon.

“Ahem!” said the Mouse with an important air, “are you all ready? This is the driest thing I know. Silence all round, if you please! ‘William the Conqueror, whose cause was favoured by the pope, was soon submitted to by the English, who wanted leaders, and had been of late much accustomed to usurpation and conquest. Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria—’”

“Ugh!” said the Lory, with a shiver.

“I beg your pardon!” said the Mouse, frowning, but very politely: “Did you speak?”

“Not I!” said the Lory hastily.

“I thought you did,” said the Mouse. “—I proceed. ‘Edwin and Morcar, the earls of Mercia and Northumbria, declared for him: and even Stigand, the patriotic archbishop of Canterbury, found it advisable—’”

“Found *what*?” said the Duck.

“Found *it*,” the Mouse replied rather crossly: “of course you know what ‘it’ means.”

“I know what ‘it’ means well enough, when *I* find a thing,” said the Duck: “it’s generally a frog or a worm. The question is, what did the archbishop find?”

The Mouse did not notice this question, but hurriedly went on, “‘—found it advisable to go with Edgar Atheling to meet William and offer him the crown. William’s conduct at first was moderate. But the insolence of his Normans—’ How are you getting on now, my dear?” it continued, turning to Alice as it spoke.

“As wet as ever,” said Alice in a melancholy tone: “it doesn’t seem to dry me at all.”

“In that case,” said the Dodo solemnly, rising to its feet, “I move that the meeting adjourn, for the immediate adoption of more energetic remedies—”

“Speak English!” said the Eaglet. “I don’t know the meaning of half those long words, and, what’s more, I don’t believe you do

either!" And the Eaglet bent down its head to hide a smile: some of the other birds tittered audibly.

"What I was going to say," said the Dodo in an offended tone, "was, that the best thing to get us dry would be a Caucus-race."

"What *is* a Caucus-race?" said Alice; not that she wanted much to know, but the Dodo had paused as if it thought that *somebody* ought to speak, and no one else seemed inclined to say anything.

"Why," said the Dodo, "the best way to explain it is to do it." (And, as you might like to try the thing yourself, some winter day, I will tell you how the Dodo managed it.)

First it marked out a race-course, in a sort of circle, ("the exact shape doesn't matter," it said,) and then all the party were placed along the course, here and there. There was no "One, two, three, and away," but they began running when they liked, and left off when they liked, so that it was not easy to know when the race was over. However, when they had been running half an hour or so, and were quite dry again, the Dodo suddenly called out "The race is over!" and they all crowded round it, panting, and asking, "But who has won?"

This question the Dodo could not answer without a great deal of thought, and it sat for a long time with one finger pressed upon its forehead (the position in which you usually see Shakespeare, in the pictures of him), while the rest waited in silence. At last the Dodo said, "*Everybody* has won, and all must have prizes."

"But who is to give the prizes?" quite a chorus of voices asked.

"Why, *she*, of course," said the Dodo, pointing to Alice with one finger; and the whole party at once crowded round her, calling out in a confused way, "Prizes! Prizes!"

Alice had no idea what to do, and in despair she put her hand in her pocket, and pulled out a box of comfits, (luckily the salt water had not got into it), and handed them round as prizes. There was exactly one a-piece, all round.

"But she must have a prize herself, you know," said the Mouse.

"Of course," the Dodo replied very gravely. "What else have you got in your pocket?" he went on, turning to Alice.

"Only a thimble," said Alice sadly.

"Hand it over here," said the Dodo.

Then they all crowded round her once more, while the Dodo solemnly presented the thimble, saying "We beg your acceptance of this elegant thimble;" and, when it had finished this short speech, they all cheered.

Alice thought the whole thing very absurd, but they all looked so grave that she did not dare to laugh; and, as she could not think of anything to say, she simply bowed, and took the thimble, looking as solemn as she could.

The next thing was to eat the comfits: this caused some noise and confusion, as the large birds complained that they could not taste theirs, and the small ones choked and had to be patted on the back. However, it was over at last, and they sat down again in a ring, and begged the Mouse to tell them something more.

"You promised to tell me your history, you know," said Alice, "and why it is you hate—C and D," she added in a whisper, half afraid that it would be offended again.

"Mine is a long and a sad tale!" said the Mouse, turning to Alice, and sighing.

“It *is* a long tail, certainly,” said Alice, looking down with wonder at the Mouse’s tail; “but why do you call it sad?” And she kept on puzzling about it while the Mouse was speaking, so that her idea of the tale was something like this:—

“Fury said to a
mouse, That he
met in the
house,
‘Let us
both go to
law: *I* will
prosecute
you.—Come,
I’ll take no
denial; We
must have a
trial: For
really this
morning I’ve
nothing
to do.’
Said the
mouse to the
cur, ‘Such
a trial,
dear sir,
With
no jury
or judge,
would be
wasting
our
breath.’
‘I’ll be
judge, I’ll
be jury,’
Said
cunning

```
          old Fury:
          ‘I’ll
          try the
            whole
            cause,
              and
           condemn
           you
          to
           death.’”
```

“You are not attending!” said the Mouse to Alice severely. “What are you thinking of?”

“I beg your pardon,” said Alice very humbly: “you had got to the fifth bend, I think?”

“I had *not!*” cried the Mouse, sharply and very angrily.

“A knot!” said Alice, always ready to make herself useful, and looking anxiously about her. “Oh, do let me help to undo it!”

“I shall do nothing of the sort,” said the Mouse, getting up and walking away. “You insult me by talking such nonsense!”

“I didn’t mean it!” pleaded poor Alice. “But you’re so easily offended, you know!”

The Mouse only growled in reply.

“Please come back and finish your story!” Alice called after it; and the others all joined in chorus, “Yes, please do!” but the Mouse only shook its head impatiently, and walked a little quicker.

“What a pity it wouldn’t stay!” sighed the Lory, as soon as it was quite out of sight; and an old Crab took the opportunity of saying to her daughter “Ah, my dear! Let this be a lesson to you never to lose

your temper!" "Hold your tongue, Ma!" said the young Crab, a little snappishly. "You're enough to try the patience of an oyster!"

"I wish I had our Dinah here, I know I do!" said Alice aloud, addressing nobody in particular. "She'd soon fetch it back!"

"And who is Dinah, if I might venture to ask the question?" said the Lory.

Alice replied eagerly, for she was always ready to talk about her pet: "Dinah's our cat. And she's such a capital one for catching mice you can't think! And oh, I wish you could see her after the birds! Why, she'll eat a little bird as soon as look at it!"

This speech caused a remarkable sensation among the party. Some of the birds hurried off at once: one old Magpie began wrapping itself up very carefully, remarking, "I really must be getting home; the night-air doesn't suit my throat!" and a Canary called out in a trembling voice to its children, "Come away, my dears! It's high time you were all in bed!" On various pretexts they all moved off, and Alice was soon left alone.

"I wish I hadn't mentioned Dinah!" she said to herself in a melancholy tone. "Nobody seems to like her, down here, and I'm sure she's the best cat in the world! Oh, my dear Dinah! I wonder if I shall ever see you any more!" And here poor Alice began to cry again, for she felt very lonely and low-spirited. In a little while, however, she again heard a little pattering of footsteps in the distance, and she looked up eagerly, half hoping that the Mouse had changed his mind, and was coming back to finish his story.

CHAPTER IV.
THE RABBIT SENDS IN A LITTLE BILL

It was the White Rabbit, trotting slowly back again, and looking anxiously about as it went, as if it had lost something; and she heard it muttering to itself "The Duchess! The Duchess! Oh my dear paws! Oh my fur and whiskers! She'll get me executed, as sure as ferrets are ferrets! Where *can* I have dropped them, I wonder?" Alice guessed in a moment that it was looking for the fan and the pair of white kid gloves, and she very good-naturedly began hunting about for them, but they were nowhere to be seen—everything seemed to have changed since her swim in the pool, and the great hall, with the glass table and the little door, had vanished completely.

Very soon the Rabbit noticed Alice, as she went hunting about, and called out to her in an angry tone, "Why, Mary Ann, what *are* you doing out here? Run home this moment, and fetch me a pair of gloves and a fan! Quick, now!" And Alice was so much frightened that she ran off at once in the direction it pointed to, without trying to explain the mistake it had made.

"He took me for his housemaid," she said to herself as she ran. "How surprised he'll be when he finds out who I am! But I'd better take him his fan and gloves—that is, if I can find them." As she said this, she came upon a neat little house, on the door of which was a bright brass plate with the name "W. RABBIT," engraved upon it. She went in without knocking, and hurried upstairs, in great fear lest she should meet the real Mary Ann, and be turned out of the house before she had found the fan and gloves.

"How queer it seems," Alice said to herself, "to be going messages for a rabbit! I suppose Dinah'll be sending me on messages next!" And she began fancying the sort of thing that would happen: "'Miss Alice! Come here directly, and get ready for your walk!' 'Coming in a minute, nurse! But I've got to see that the mouse doesn't get out.' Only I don't think," Alice went on, "that they'd let Dinah stop in the house if it began ordering people about like that!"

By this time she had found her way into a tidy little room with a table in the window, and on it (as she had hoped) a fan and two or three pairs of tiny white kid gloves: she took up the fan and a pair of the gloves, and was just going to leave the room, when her eye fell upon a little bottle that stood near the looking-glass. There was no label this time with the words "DRINK ME," but nevertheless she uncorked it and put it to her lips. "I know *something* interesting is sure to happen," she said to herself, "whenever I eat or drink anything; so I'll just see what this bottle does. I do hope it'll make me grow large again, for really I'm quite tired of being such a tiny little thing!"

It did so indeed, and much sooner than she had expected: before she had drunk half the bottle, she found her head pressing against the ceiling, and had to stoop to save her neck from being broken. She hastily put down the bottle, saying to herself "That's quite enough—I hope I shan't grow any more—As it is, I can't get out at the door—I do wish I hadn't drunk quite so much!"

Alas! it was too late to wish that! She went on growing, and growing, and very soon had to kneel down on the floor: in another minute there was not even room for this, and she tried the effect of lying down with one elbow against the door, and the other arm

curled round her head. Still she went on growing, and, as a last resource, she put one arm out of the window, and one foot up the chimney, and said to herself "Now I can do no more, whatever happens. What *will* become of me?"

Luckily for Alice, the little magic bottle had now had its full effect, and she grew no larger: still it was very uncomfortable, and, as there seemed to be no sort of chance of her ever getting out of the room again, no wonder she felt unhappy.

"It was much pleasanter at home," thought poor Alice, "when one wasn't always growing larger and smaller, and being ordered about by mice and rabbits. I almost wish I hadn't gone down that rabbit-hole—and yet—and yet—it's rather curious, you know, this sort of life! I do wonder what *can* have happened to me! When I used to read fairy-tales, I fancied that kind of thing never happened, and now here I am in the middle of one! There ought to be a book written about me, that there ought! And when I grow up, I'll write one—but I'm grown up now," she added in a sorrowful tone; "at least there's no room to grow up any more *here*."

"But then," thought Alice, "shall I *never* get any older than I am now? That'll be a comfort, one way—never to be an old woman—but then—always to have lessons to learn! Oh, I shouldn't like *that!*"

"Oh, you foolish Alice!" she answered herself. "How can you learn lessons in here? Why, there's hardly room for *you*, and no room at all for any lesson-books!"

And so she went on, taking first one side and then the other, and making quite a conversation of it altogether; but after a few minutes she heard a voice outside, and stopped to listen.

“Mary Ann! Mary Ann!” said the voice. “Fetch me my gloves this moment!” Then came a little pattering of feet on the stairs. Alice knew it was the Rabbit coming to look for her, and she trembled till she shook the house, quite forgetting that she was now about a thousand times as large as the Rabbit, and had no reason to be afraid of it.

Presently the Rabbit came up to the door, and tried to open it; but, as the door opened inwards, and Alice’s elbow was pressed hard against it, that attempt proved a failure. Alice heard it say to itself “Then I’ll go round and get in at the window.”

“*That* you won’t!” thought Alice, and, after waiting till she fancied she heard the Rabbit just under the window, she suddenly spread out her hand, and made a snatch in the air. She did not get hold of anything, but she heard a little shriek and a fall, and a crash of broken glass, from which she concluded that it was just possible it had fallen into a cucumber-frame, or something of the sort.

Next came an angry voice—the Rabbit’s—“Pat! Pat! Where are you?” And then a voice she had never heard before, “Sure then I’m here! Digging for apples, yer honour!”

“Digging for apples, indeed!” said the Rabbit angrily. “Here! Come and help me out of *this!*” (Sounds of more broken glass.)

“Now tell me, Pat, what’s that in the window?”

“Sure, it’s an arm, yer honour!” (He pronounced it “arrum.”)

“An arm, you goose! Who ever saw one that size? Why, it fills the whole window!”

“Sure, it does, yer honour: but it’s an arm for all that.”

“Well, it’s got no business there, at any rate: go and take it away!”

There was a long silence after this, and Alice could only hear whispers now and then; such as, "Sure, I don't like it, yer honour, at all, at all!" "Do as I tell you, you coward!" and at last she spread out her hand again, and made another snatch in the air. This time there were *two* little shrieks, and more sounds of broken glass. "What a number of cucumber-frames there must be!" thought Alice. "I wonder what they'll do next! As for pulling me out of the window, I only wish they *could!* I'm sure *I* don't want to stay in here any longer!"

She waited for some time without hearing anything more: at last came a rumbling of little cartwheels, and the sound of a good many voices all talking together: she made out the words: "Where's the other ladder?—Why, I hadn't to bring but one; Bill's got the other—Bill! fetch it here, lad!—Here, put 'em up at this corner—No, tie 'em together first—they don't reach half high enough yet—Oh! they'll do well enough; don't be particular—Here, Bill! catch hold of this rope—Will the roof bear?—Mind that loose slate—Oh, it's coming down! Heads below!" (a loud crash)—"Now, who did that?—It was Bill, I fancy—Who's to go down the chimney?—Nay, *I* shan't! *You* do it!—*That* I won't, then!—Bill's to go down—Here, Bill! the master says you're to go down the chimney!"

"Oh! So Bill's got to come down the chimney, has he?" said Alice to herself. "Shy, they seem to put everything upon Bill! I wouldn't be in Bill's place for a good deal: this fireplace is narrow, to be sure; but I *think* I can kick a little!"

She drew her foot as far down the chimney as she could, and waited till she heard a little animal (she couldn't guess of what sort it was) scratching and scrambling about in the chimney close above

her: then, saying to herself "This is Bill," she gave one sharp kick, and waited to see what would happen next.

The first thing she heard was a general chorus of "There goes Bill!" then the Rabbit's voice along—"Catch him, you by the hedge!" then silence, and then another confusion of voices—"Hold up his head—Brandy now—Don't choke him—How was it, old fellow? What happened to you? Tell us all about it!"

Last came a little feeble, squeaking voice, ("That's Bill," thought Alice,) "Well, I hardly know—No more, thank ye; I'm better now—but I'm a deal too flustered to tell you—all I know is, something comes at me like a Jack-in-the-box, and up I goes like a sky-rocket!"

"So you did, old fellow!" said the others.

"We must burn the house down!" said the Rabbit's voice; and Alice called out as loud as she could, "If you do, I'll set Dinah at you!"

There was a dead silence instantly, and Alice thought to herself, "I wonder what they *will* do next! If they had any sense, they'd take the roof off." After a minute or two, they began moving about again, and Alice heard the Rabbit say, "A barrowful will do, to begin with."

"A barrowful of *what?*" thought Alice; but she had not long to doubt, for the next moment a shower of little pebbles came rattling in at the window, and some of them hit her in the face. "I'll put a stop to this," she said to herself, and shouted out, "You'd better not do that again!" which produced another dead silence.

Alice noticed with some surprise that the pebbles were all turning into little cakes as they lay on the floor, and a bright idea came into her head. "If I eat one of these cakes," she thought, "it's sure to make *some* change in my size; and as it can't possibly make me larger, it must make me smaller, I suppose."

So she swallowed one of the cakes, and was delighted to find that she began shrinking directly. As soon as she was small enough to get through the door, she ran out of the house, and found quite a crowd of little animals and birds waiting outside. The poor little Lizard, Bill, was in the middle, being held up by two guinea-pigs, who were giving it something out of a bottle. They all made a rush at Alice the moment she appeared; but she ran off as hard as she could, and soon found herself safe in a thick wood.

"The first thing I've got to do," said Alice to herself, as she wandered about in the wood, "is to grow to my right size again; and the second thing is to find my way into that lovely garden. I think that will be the best plan."

It sounded an excellent plan, no doubt, and very neatly and simply arranged; the only difficulty was, that she had not the smallest idea how to set about it; and while she was peering about anxiously among the trees, a little sharp bark just over her head made her look up in a great hurry.

An enormous puppy was looking down at her with large round eyes, and feebly stretching out one paw, trying to touch her. "Poor little thing!" said Alice, in a coaxing tone, and she tried hard to whistle to it; but she was terribly frightened all the time at the thought that it might be hungry, in which case it would be very likely to eat her up in spite of all her coaxing.

Hardly knowing what she did, she picked up a little bit of stick, and held it out to the puppy; whereupon the puppy jumped into the air off all its feet at once, with a yelp of delight, and rushed at the stick, and made believe to worry it; then Alice dodged behind a great thistle, to keep herself from being run over; and the moment she

appeared on the other side, the puppy made another rush at the stick, and tumbled head over heels in its hurry to get hold of it; then Alice, thinking it was very like having a game of play with a cart-horse, and expecting every moment to be trampled under its feet, ran round the thistle again; then the puppy began a series of short charges at the stick, running a very little way forwards each time and a long way back, and barking hoarsely all the while, till at last it sat down a good way off, panting, with its tongue hanging out of its mouth, and its great eyes half shut.

This seemed to Alice a good opportunity for making her escape; so she set off at once, and ran till she was quite tired and out of breath, and till the puppy's bark sounded quite faint in the distance.

"And yet what a dear little puppy it was!" said Alice, as she leant against a buttercup to rest herself, and fanned herself with one of the leaves: "I should have liked teaching it tricks very much, if—if I'd only been the right size to do it! Oh dear! I'd nearly forgotten that I've got to grow up again! Let me see—how *is* it to be managed? I suppose I ought to eat or drink something or other; but the great question is, what?"

The great question certainly was, what? Alice looked all round her at the flowers and the blades of grass, but she did not see anything that looked like the right thing to eat or drink under the circumstances. There was a large mushroom growing near her, about the same height as herself; and when she had looked under it, and on both sides of it, and behind it, it occurred to her that she might as well look and see what was on the top of it.

She stretched herself up on tiptoe, and peeped over the edge of the mushroom, and her eyes immediately met those of a large

caterpillar, that was sitting on the top with its arms folded, quietly smoking a long hookah, and taking not the smallest notice of her or of anything else.

CHAPTER V.
ADVICE FROM A CATERPILLAR

The Caterpillar and Alice looked at each other for some time in silence: at last the Caterpillar took the hookah out of its mouth, and addressed her in a languid, sleepy voice.

"Who are *you?*" said the Caterpillar.

This was not an encouraging opening for a conversation. Alice replied, rather shyly, "I—I hardly know, sir, just at present—at least I know who I *was* when I got up this morning, but I think I must have been changed several times since then."

"What do you mean by that?" said the Caterpillar sternly. "Explain yourself!"

"I can't explain *myself*, I'm afraid, sir," said Alice, "because I'm not myself, you see."

"I don't see," said the Caterpillar.

"I'm afraid I can't put it more clearly," Alice replied very politely, "for I can't understand it myself to begin with; and being so many different sizes in a day is very confusing."

"It isn't," said the Caterpillar.

"Well, perhaps you haven't found it so yet," said Alice; "but when you have to turn into a chrysalis—you will some day, you know—and then after that into a butterfly, I should think you'll feel it a little queer, won't you?"

"Not a bit," said the Caterpillar.

"Well, perhaps your feelings may be different," said Alice; "all I know is, it would feel very queer to *me*."

"You!" said the Caterpillar contemptuously. "Who are *you?*"

Which brought them back again to the beginning of the conversation. Alice felt a little irritated at the Caterpillar's making such *very* short remarks, and she drew herself up and said, very gravely, "I think, you ought to tell me who *you* are, first."

"Why?" said the Caterpillar.

Here was another puzzling question; and as Alice could not think of any good reason, and as the Caterpillar seemed to be in a *very* unpleasant state of mind, she turned away.

"Come back!" the Caterpillar called after her. "I've something important to say!"

This sounded promising, certainly: Alice turned and came back again.

"Keep your temper," said the Caterpillar.

"Is that all?" said Alice, swallowing down her anger as well as she could.

"No," said the Caterpillar.

Alice thought she might as well wait, as she had nothing else to do, and perhaps after all it might tell her something worth hearing. For some minutes it puffed away without speaking, but at last it unfolded its arms, took the hookah out of its mouth again, and said, "So you think you're changed, do you?"

"I'm afraid I am, sir," said Alice; "I can't remember things as I used —and I don't keep the same size for ten minutes together!"

"Can't remember *what* things?" said the Caterpillar.

"Well, I've tried to say "How doth the little busy bee," but it all came different!" Alice replied in a very melancholy voice.

"Repeat, "*You are old, Father William,*"" said the Caterpillar.

Alice folded her hands, and began:—

"You are old, Father William," the young man said,
"And your hair has become very white;
And yet you incessantly stand on your head—
Do you think, at your age, it is right?"

"In my youth," Father William replied to his son,
"I feared it might injure the brain;
But, now that I'm perfectly sure I have none,
Why, I do it again and again."

"You are old," said the youth, "as I mentioned before,
And have grown most uncommonly fat;
Yet you turned a back-somersault in at the door—
Pray, what is the reason of that?"

"In my youth," said the sage, as he shook his grey locks,
"I kept all my limbs very supple
By the use of this ointment—one shilling the box—
Allow me to sell you a couple?"

"You are old," said the youth, "and your jaws are too weak
For anything tougher than suet;
Yet you finished the goose, with the bones and the beak—
Pray, how did you manage to do it?"

"In my youth," said his father, "I took to the law,
And argued each case with my wife;
And the muscular strength, which it gave to my jaw,
Has lasted the rest of my life."

"You are old," said the youth, "one would hardly suppose
That your eye was as steady as ever;
Yet you balanced an eel on the end of your nose—
What made you so awfully clever?"

"I have answered three questions, and that is enough,"
Said his father; "don't give yourself airs!
Do you think I can listen all day to such stuff?
Be off, or I'll kick you down stairs!"

"That is not said right," said the Caterpillar.

"Not *quite* right, I'm afraid," said Alice, timidly; "some of the words have got altered."

"It is wrong from beginning to end," said the Caterpillar decidedly, and there was silence for some minutes.

The Caterpillar was the first to speak.

"What size do you want to be?" it asked.

"Oh, I'm not particular as to size," Alice hastily replied; "only one doesn't like changing so often, you know."

"I *don't* know," said the Caterpillar.

Alice said nothing: she had never been so much contradicted in her life before, and she felt that she was losing her temper.

"Are you content now?" said the Caterpillar.

"Well, I should like to be a *little* larger, sir, if you wouldn't mind," said Alice: "three inches is such a wretched height to be."

"It is a very good height indeed!" said the Caterpillar angrily, rearing itself upright as it spoke (it was exactly three inches high).

"But I'm not used to it!" pleaded poor Alice in a piteous tone. And she thought of herself, "I wish the creatures wouldn't be so easily offended!"

"You'll get used to it in time," said the Caterpillar; and it put the hookah into its mouth and began smoking again.

This time Alice waited patiently until it chose to speak again. In a minute or two the Caterpillar took the hookah out of its mouth and yawned once or twice, and shook itself. Then it got down off the mushroom, and crawled away in the grass, merely remarking as it went, "One side will make you grow taller, and the other side will make you grow shorter."

"One side of *what?* The other side of *what?*" thought Alice to herself.

"Of the mushroom," said the Caterpillar, just as if she had asked it aloud; and in another moment it was out of sight.

Alice remained looking thoughtfully at the mushroom for a minute, trying to make out which were the two sides of it; and as it was perfectly round, she found this a very difficult question. However, at last she stretched her arms round it as far as they would go, and broke off a bit of the edge with each hand.

“And now which is which?” she said to herself, and nibbled a little of the right-hand bit to try the effect: the next moment she felt a violent blow underneath her chin: it had struck her foot!

She was a good deal frightened by this very sudden change, but she felt that there was no time to be lost, as she was shrinking rapidly; so she set to work at once to eat some of the other bit. Her chin was pressed so closely against her foot, that there was hardly room to open her mouth; but she did it at last, and managed to swallow a morsel of the lefthand bit.

* * * * * * *

“Come, my head’s free at last!” said Alice in a tone of delight, which changed into alarm in another moment, when she found that her shoulders were nowhere to be found: all she could see, when she looked down, was an immense length of neck, which seemed to rise like a stalk out of a sea of green leaves that lay far below her.

“What *can* all that green stuff be?” said Alice. “And where *have* my shoulders got to? And oh, my poor hands, how is it I can’t see you?”

She was moving them about as she spoke, but no result seemed to follow, except a little shaking among the distant green leaves.

As there seemed to be no chance of getting her hands up to her head, she tried to get her head down to them, and was delighted to find that her neck would bend about easily in any direction, like a serpent. She had just succeeded in curving it down into a graceful zigzag, and was going to dive in among the leaves, which she found to be nothing but the tops of the trees under which she had been wandering, when a sharp hiss made her draw back in a hurry: a large pigeon had flown into her face, and was beating her violently with its wings.

"Serpent!" screamed the Pigeon.

"I'm *not* a serpent!" said Alice indignantly. "Let me alone!"

"Serpent, I say again!" repeated the Pigeon, but in a more subdued tone, and added with a kind of sob, "I've tried every way, and nothing seems to suit them!"

"I haven't the least idea what you're talking about," said Alice.

"I've tried the roots of trees, and I've tried banks, and I've tried hedges," the Pigeon went on, without attending to her; "but those serpents! There's no pleasing them!"

Alice was more and more puzzled, but she thought there was no use in saying anything more till the Pigeon had finished.

"As if it wasn't trouble enough hatching the eggs," said the Pigeon; "but I must be on the look-out for serpents night and day! Why, I haven't had a wink of sleep these three weeks!"

"I'm very sorry you've been annoyed," said Alice, who was beginning to see its meaning.

"And just as I'd taken the highest tree in the wood," continued the Pigeon, raising its voice to a shriek, "and just as I was thinking I should be free of them at last, they must needs come wriggling down from the sky! Ugh, Serpent!"

"But I'm *not* a serpent, I tell you!" said Alice. "I'm a—I'm a—"

"Well! *What* are you?" said the Pigeon. "I can see you're trying to invent something!"

"I—I'm a little girl," said Alice, rather doubtfully, as she remembered the number of changes she had gone through that day.

"A likely story indeed!" said the Pigeon in a tone of the deepest contempt. "I've seen a good many little girls in my time, but never *one* with such a neck as that! No, no! You're a serpent; and there's no use denying it. I suppose you'll be telling me next that you never tasted an egg!"

"I *have* tasted eggs, certainly," said Alice, who was a very truthful child; "but little girls eat eggs quite as much as serpents do, you know."

"I don't believe it," said the Pigeon; "but if they do, why then they're a kind of serpent, that's all I can say."

This was such a new idea to Alice, that she was quite silent for a minute or two, which gave the Pigeon the opportunity of adding, "You're looking for eggs, I know *that* well enough; and what does it matter to me whether you're a little girl or a serpent?"

"It matters a good deal to *me*," said Alice hastily; "but I'm not looking for eggs, as it happens; and if I was, I shouldn't want *yours*: I don't like them raw."

“Well, be off, then!” said the Pigeon in a sulky tone, as it settled down again into its nest. Alice crouched down among the trees as well as she could, for her neck kept getting entangled among the branches, and every now and then she had to stop and untwist it. After a while she remembered that she still held the pieces of mushroom in her hands, and she set to work very carefully, nibbling first at one and then at the other, and growing sometimes taller and sometimes shorter, until she had succeeded in bringing herself down to her usual height.

It was so long since she had been anything near the right size, that it felt quite strange at first; but she got used to it in a few minutes, and began talking to herself, as usual. “Come, there’s half my plan done now! How puzzling all these changes are! I’m never sure what I’m going to be, from one minute to another! However, I’ve got back to my right size: the next thing is, to get into that beautiful garden—how *is* that to be done, I wonder?” As she said this, she came suddenly upon an open place, with a little house in it about four feet high. “Whoever lives there,” thought Alice, “it’ll never do to come upon them *this* size: why, I should frighten them out of their wits!” So she began nibbling at the righthand bit again, and did not venture to go near the house till she had brought herself down to nine inches high.

CHAPTER VI.
PIG AND PEPPER

For a minute or two she stood looking at the house, and wondering what to do next, when suddenly a footman in livery came running out of the wood—(she considered him to be a footman because he was in livery: otherwise, judging by his face only, she would have called him a fish)—and rapped loudly at the door with his knuckles. It was opened by another footman in livery, with a round face, and large eyes like a frog; and both footmen, Alice noticed, had powdered hair that curled all over their heads. She felt very curious to know what it was all about, and crept a little way out of the wood to listen.

The Fish-Footman began by producing from under his arm a great letter, nearly as large as himself, and this he handed over to the other, saying, in a solemn tone, “For the Duchess. An invitation from the Queen to play croquet.” The Frog-Footman repeated, in the same solemn tone, only changing the order of the words a little, “From the Queen. An invitation for the Duchess to play croquet.”

Then they both bowed low, and their curls got entangled together.

Alice laughed so much at this, that she had to run back into the wood for fear of their hearing her; and when she next peeped out the Fish-Footman was gone, and the other was sitting on the ground near the door, staring stupidly up into the sky.

Alice went timidly up to the door, and knocked.

“There’s no sort of use in knocking,” said the Footman, “and that for two reasons. First, because I’m on the same side of the door as you are; secondly, because they’re making such a noise inside, no one could possibly hear you.” And certainly there *was* a most extraordinary noise going on within—a constant howling and sneezing, and every now and then a great crash, as if a dish or kettle had been broken to pieces.

“Please, then,” said Alice, “how am I to get in?”

“There might be some sense in your knocking,” the Footman went on without attending to her, “if we had the door between us. For instance, if you were *inside*, you might knock, and I could let you out, you know.” He was looking up into the sky all the time he was speaking, and this Alice thought decidedly uncivil. “But perhaps he can’t help it,” she said to herself; “his eyes are so *very* nearly at the top of his head. But at any rate he might answer questions.—How am I to get in?” she repeated, aloud.

“I shall sit here,” the Footman remarked, “till tomorrow—”

At this moment the door of the house opened, and a large plate came skimming out, straight at the Footman’s head: it just grazed his nose, and broke to pieces against one of the trees behind him.

“—or next day, maybe,” the Footman continued in the same tone, exactly as if nothing had happened.

“How am I to get in?” asked Alice again, in a louder tone.

“*Are* you to get in at all?” said the Footman. “That’s the first question, you know.”

It was, no doubt: only Alice did not like to be told so. “It’s really dreadful,” she muttered to herself, “the way all the creatures argue.

It's enough to drive one crazy!"

The Footman seemed to think this a good opportunity for repeating his remark, with variations. "I shall sit here," he said, "on and off, for days and days."

"But what am *I* to do?" said Alice.

"Anything you like," said the Footman, and began whistling.

"Oh, there's no use in talking to him," said Alice desperately: "he's perfectly idiotic!" And she opened the door and went in.

The door led right into a large kitchen, which was full of smoke from one end to the other: the Duchess was sitting on a three-legged stool in the middle, nursing a baby; the cook was leaning over the fire, stirring a large cauldron which seemed to be full of soup.

"There's certainly too much pepper in that soup!" Alice said to herself, as well as she could for sneezing.

There was certainly too much of it in the air. Even the Duchess sneezed occasionally; and as for the baby, it was sneezing and howling alternately without a moment's pause. The only things in the kitchen that did not sneeze, were the cook, and a large cat which was sitting on the hearth and grinning from ear to ear.

"Please would you tell me," said Alice, a little timidly, for she was not quite sure whether it was good manners for her to speak first, "why your cat grins like that?"

"It's a Cheshire cat," said the Duchess, "and that's why. Pig!"

She said the last word with such sudden violence that Alice quite jumped; but she saw in another moment that it was addressed to the baby, and not to her, so she took courage, and went on again:—

"I didn't know that Cheshire cats always grinned; in fact, I didn't know that cats *could* grin."

"They all can," said the Duchess; "and most of 'em do."

"I don't know of any that do," Alice said very politely, feeling quite pleased to have got into a conversation.

"You don't know much," said the Duchess; "and that's a fact."

Alice did not at all like the tone of this remark, and thought it would be as well to introduce some other subject of conversation. While she was trying to fix on one, the cook took the cauldron of soup off the fire, and at once set to work throwing everything within her reach at the Duchess and the baby—the fire-irons came first; then followed a shower of saucepans, plates, and dishes. The Duchess took no notice of them even when they hit her; and the baby was howling so much already, that it was quite impossible to say whether the blows hurt it or not.

"Oh, *please* mind what you're doing!" cried Alice, jumping up and down in an agony of terror. "Oh, there goes his *precious* nose!" as an unusually large saucepan flew close by it, and very nearly carried it off.

"If everybody minded their own business," the Duchess said in a hoarse growl, "the world would go round a deal faster than it does."

"Which would *not* be an advantage," said Alice, who felt very glad to get an opportunity of showing off a little of her knowledge. "Just think of what work it would make with the day and night! You see the earth takes twenty-four hours to turn round on its axis—"

"Talking of axes," said the Duchess, "chop off her head!"

Alice glanced rather anxiously at the cook, to see if she meant to take the hint; but the cook was busily stirring the soup, and seemed not to be listening, so she went on again: "Twenty-four hours, I *think*; or is it twelve? I—"

"Oh, don't bother *me*," said the Duchess; "I never could abide figures!" And with that she began nursing her child again, singing a sort of lullaby to it as she did so, and giving it a violent shake at the end of every line:

"Speak roughly to your little boy,
And beat him when he sneezes:
He only does it to annoy,
Because he knows it teases."

CHORUS.
(In which the cook and the baby joined):

"Wow! wow! wow!"

While the Duchess sang the second verse of the song, she kept tossing the baby violently up and down, and the poor little thing howled so, that Alice could hardly hear the words:—

"I speak severely to my boy,
I beat him when he sneezes;
For he can thoroughly enjoy
The pepper when he pleases!"

CHORUS.

"Wow! wow! wow!"

"Here! you may nurse it a bit, if you like!" the Duchess said to Alice, flinging the baby at her as she spoke. "I must go and get ready to play croquet with the Queen," and she hurried out of the room. The cook threw a frying-pan after her as she went out, but it just missed her.

Alice caught the baby with some difficulty, as it was a queer-shaped little creature, and held out its arms and legs in all directions, "just like a star-fish," thought Alice. The poor little thing was snorting like a steam-engine when she caught it, and kept doubling itself up and straightening itself out again, so that altogether, for the first minute or two, it was as much as she could do to hold it.

As soon as she had made out the proper way of nursing it, (which was to twist it up into a sort of knot, and then keep tight hold of its right ear and left foot, so as to prevent its undoing itself,) she carried it out into the open air. "If I don't take this child away with me," thought Alice, "they're sure to kill it in a day or two: wouldn't it be murder to leave it behind?" She said the last words out loud, and the little thing grunted in reply (it had left off sneezing by this time). "Don't grunt," said Alice; "that's not at all a proper way of expressing yourself."

The baby grunted again, and Alice looked very anxiously into its face to see what was the matter with it. There could be no doubt that it had a *very* turn-up nose, much more like a snout than a real nose; also its eyes were getting extremely small for a baby: altogether Alice

did not like the look of the thing at all. "But perhaps it was only sobbing," she thought, and looked into its eyes again, to see if there were any tears.

No, there were no tears. "If you're going to turn into a pig, my dear," said Alice, seriously, "I'll have nothing more to do with you. Mind now!" The poor little thing sobbed again (or grunted, it was impossible to say which), and they went on for some while in silence.

Alice was just beginning to think to herself, "Now, what am I to do with this creature when I get it home?" when it grunted again, so violently, that she looked down into its face in some alarm. This time there could be *no* mistake about it: it was neither more nor less than a pig, and she felt that it would be quite absurd for her to carry it further.

So she set the little creature down, and felt quite relieved to see it trot away quietly into the wood. "If it had grown up," she said to herself, "it would have made a dreadfully ugly child: but it makes rather a handsome pig, I think." And she began thinking over other children she knew, who might do very well as pigs, and was just saying to herself, "if one only knew the right way to change them—" when she was a little startled by seeing the Cheshire Cat sitting on a bough of a tree a few yards off.

The Cat only grinned when it saw Alice. It looked good-natured, she thought: still it had *very* long claws and a great many teeth, so she felt that it ought to be treated with respect.

"Cheshire Puss," she began, rather timidly, as she did not at all know whether it would like the name: however, it only grinned a little wider. "Come, it's pleased so far," thought Alice, and she went on. "Would you tell me, please, which way I ought to go from here?"

"That depends a good deal on where you want to get to," said the Cat.

"I don't much care where—" said Alice.

"Then it doesn't matter which way you go," said the Cat.

"—so long as I get *somewhere*," Alice added as an explanation.

"Oh, you're sure to do that," said the Cat, "if you only walk long enough."

Alice felt that this could not be denied, so she tried another question. "What sort of people live about here?"

"In *that* direction," the Cat said, waving its right paw round, "lives a Hatter: and in *that* direction," waving the other paw, "lives a March Hare. Visit either you like: they're both mad."

"But I don't want to go among mad people," Alice remarked.

"Oh, you can't help that," said the Cat: "we're all mad here. I'm mad. You're mad."

"How do you know I'm mad?" said Alice.

"You must be," said the Cat, "or you wouldn't have come here."

Alice didn't think that proved it at all; however, she went on "And how do you know that you're mad?"

"To begin with," said the Cat, "a dog's not mad. You grant that?"

"I suppose so," said Alice.

"Well, then," the Cat went on, "you see, a dog growls when it's angry, and wags its tail when it's pleased. Now *I* growl when I'm pleased, and wag my tail when I'm angry. Therefore I'm mad."

"*I* call it purring, not growling," said Alice.

“Call it what you like,” said the Cat. “Do you play croquet with the Queen to-day?”

“I should like it very much,” said Alice, “but I haven’t been invited yet.”

“You’ll see me there,” said the Cat, and vanished.

Alice was not much surprised at this, she was getting so used to queer things happening. While she was looking at the place where it had been, it suddenly appeared again.

“By-the-bye, what became of the baby?” said the Cat. “I’d nearly forgotten to ask.”

“It turned into a pig,” Alice quietly said, just as if it had come back in a natural way.

“I thought it would,” said the Cat, and vanished again.

Alice waited a little, half expecting to see it again, but it did not appear, and after a minute or two she walked on in the direction in which the March Hare was said to live. “I’ve seen hatters before,” she said to herself; “the March Hare will be much the most interesting, and perhaps as this is May it won’t be raving mad—at least not so mad as it was in March.” As she said this, she looked up, and there was the Cat again, sitting on a branch of a tree.

“Did you say pig, or fig?” said the Cat.

“I said pig,” replied Alice; “and I wish you wouldn’t keep appearing and vanishing so suddenly: you make one quite giddy.”

“All right,” said the Cat; and this time it vanished quite slowly, beginning with the end of the tail, and ending with the grin, which remained some time after the rest of it had gone.

“Well! I’ve often seen a cat without a grin,” thought Alice; “but a grin without a cat! It’s the most curious thing I ever saw in my life!”

She had not gone much farther before she came in sight of the house of the March Hare: she thought it must be the right house, because the chimneys were shaped like ears and the roof was thatched with fur. It was so large a house, that she did not like to go nearer till she had nibbled some more of the lefthand bit of mushroom, and raised herself to about two feet high: even then she walked up towards it rather timidly, saying to herself “Suppose it should be raving mad after all! I almost wish I’d gone to see the Hatter instead!”

CHAPTER VII.
A MAD TEA-PARTY

There was a table set out under a tree in front of the house, and the March Hare and the Hatter were having tea at it: a Dormouse was sitting between them, fast asleep, and the other two were using it as a cushion, resting their elbows on it, and talking over its head. "Very uncomfortable for the Dormouse," thought Alice; "only, as it's asleep, I suppose it doesn't mind."

The table was a large one, but the three were all crowded together at one corner of it: "No room! No room!" they cried out when they saw Alice coming. "There's *plenty* of room!" said Alice indignantly, and she sat down in a large arm-chair at one end of the table.

"Have some wine," the March Hare said in an encouraging tone.

Alice looked all round the table, but there was nothing on it but tea. "I don't see any wine," she remarked.

"There isn't any," said the March Hare.

"Then it wasn't very civil of you to offer it," said Alice angrily.

"It wasn't very civil of you to sit down without being invited," said the March Hare.

"I didn't know it was *your* table," said Alice; "it's laid for a great many more than three."

"Your hair wants cutting," said the Hatter. He had been looking at Alice for some time with great curiosity, and this was his first speech.

"You should learn not to make personal remarks," Alice said with some severity; "it's very rude."

The Hatter opened his eyes very wide on hearing this; but all he *said* was, "Why is a raven like a writing-desk?"

"Come, we shall have some fun now!" thought Alice. "I'm glad they've begun asking riddles.—I believe I can guess that," she added aloud.

"Do you mean that you think you can find out the answer to it?" said the March Hare.

"Exactly so," said Alice.

"Then you should say what you mean," the March Hare went on.

"I do," Alice hastily replied; "at least—at least I mean what I say—that's the same thing, you know."

"Not the same thing a bit!" said the Hatter. "You might just as well say that 'I see what I eat' is the same thing as 'I eat what I see'!"

"You might just as well say," added the March Hare, "that 'I like what I get' is the same thing as 'I get what I like'!"

"You might just as well say," added the Dormouse, who seemed to be talking in his sleep, "that 'I breathe when I sleep' is the same thing as 'I sleep when I breathe'!"

"It *is* the same thing with you," said the Hatter, and here the conversation dropped, and the party sat silent for a minute, while Alice thought over all she could remember about ravens and writing-desks, which wasn't much.

The Hatter was the first to break the silence. "What day of the month is it?" he said, turning to Alice: he had taken his watch out of his pocket, and was looking at it uneasily, shaking it every now and then, and holding it to his ear.

Alice considered a little, and then said "The fourth."

“Two days wrong!” sighed the Hatter. “I told you butter wouldn’t suit the works!” he added looking angrily at the March Hare.

“It was the *best* butter,” the March Hare meekly replied.

“Yes, but some crumbs must have got in as well,” the Hatter grumbled: “you shouldn’t have put it in with the bread-knife.”

The March Hare took the watch and looked at it gloomily: then he dipped it into his cup of tea, and looked at it again: but he could think of nothing better to say than his first remark, “It was the *best* butter, you know.”

Alice had been looking over his shoulder with some curiosity. “What a funny watch!” she remarked. “It tells the day of the month, and doesn’t tell what o’clock it is!”

“Why should it?” muttered the Hatter. “Does *your* watch tell you what year it is?”

“Of course not,” Alice replied very readily: “but that’s because it stays the same year for such a long time together.”

“Which is just the case with *mine*,” said the Hatter.

Alice felt dreadfully puzzled. The Hatter’s remark seemed to have no sort of meaning in it, and yet it was certainly English. “I don’t quite understand you,” she said, as politely as she could.

“The Dormouse is asleep again,” said the Hatter, and he poured a little hot tea upon its nose.

The Dormouse shook its head impatiently, and said, without opening its eyes, “Of course, of course; just what I was going to remark myself.”

“Have you guessed the riddle yet?” the Hatter said, turning to Alice again.

"No, I give it up," Alice replied: "what's the answer?"

"I haven't the slightest idea," said the Hatter.

"Nor I," said the March Hare.

Alice sighed wearily. "I think you might do something better with the time," she said, "than waste it in asking riddles that have no answers."

"If you knew Time as well as I do," said the Hatter, "you wouldn't talk about wasting *it*. It's *him*."

"I don't know what you mean," said Alice.

"Of course you don't!" the Hatter said, tossing his head contemptuously. "I dare say you never even spoke to Time!"

"Perhaps not," Alice cautiously replied: "but I know I have to beat time when I learn music."

"Ah! that accounts for it," said the Hatter. "He won't stand beating. Now, if you only kept on good terms with him, he'd do almost anything you liked with the clock. For instance, suppose it were nine o'clock in the morning, just time to begin lessons: you'd only have to whisper a hint to Time, and round goes the clock in a twinkling! Half-past one, time for dinner!"

("I only wish it was," the March Hare said to itself in a whisper.)

"That would be grand, certainly," said Alice thoughtfully: "but then—I shouldn't be hungry for it, you know."

"Not at first, perhaps," said the Hatter: "but you could keep it to half-past one as long as you liked."

"Is that the way *you* manage?" Alice asked.

The Hatter shook his head mournfully. "Not I!" he replied. "We quarrelled last March—just before *he* went mad, you know—"

(pointing with his tea spoon at the March Hare,) "—it was at the great concert given by the Queen of Hearts, and I had to sing

'Twinkle, twinkle, little bat!
How I wonder what you're at!'

You know the song, perhaps?"

"I've heard something like it," said Alice.

"It goes on, you know," the Hatter continued, "in this way:—

'Up above the world you fly,
Like a tea-tray in the sky.
Twinkle, twinkle—'"

Here the Dormouse shook itself, and began singing in its sleep "*Twinkle, twinkle, twinkle, twinkle*—" and went on so long that they had to pinch it to make it stop.

"Well, I'd hardly finished the first verse," said the Hatter, "when the Queen jumped up and bawled out, 'He's murdering the time! Off with his head!'"

"How dreadfully savage!" exclaimed Alice.

"And ever since that," the Hatter went on in a mournful tone, "he won't do a thing I ask! It's always six o'clock now."

A bright idea came into Alice's head. "Is that the reason so many tea-things are put out here?" she asked.

"Yes, that's it," said the Hatter with a sigh: "it's always tea-time, and we've no time to wash the things between whiles."

"Then you keep moving round, I suppose?" said Alice.

"Exactly so," said the Hatter: "as the things get used up."

"But what happens when you come to the beginning again?" Alice ventured to ask.

"Suppose we change the subject," the March Hare interrupted, yawning. "I'm getting tired of this. I vote the young lady tells us a story."

"I'm afraid I don't know one," said Alice, rather alarmed at the proposal.

"Then the Dormouse shall!" they both cried. "Wake up, Dormouse!" And they pinched it on both sides at once.

The Dormouse slowly opened his eyes. "I wasn't asleep," he said in a hoarse, feeble voice: "I heard every word you fellows were saying."

"Tell us a story!" said the March Hare.

"Yes, please do!" pleaded Alice.

"And be quick about it," added the Hatter, "or you'll be asleep again before it's done."

"Once upon a time there were three little sisters," the Dormouse began in a great hurry; "and their names were Elsie, Lacie, and Tillie; and they lived at the bottom of a well—"

"What did they live on?" said Alice, who always took a great interest in questions of eating and drinking.

"They lived on treacle," said the Dormouse, after thinking a minute or two.

"They couldn't have done that, you know," Alice gently remarked; "they'd have been ill."

"So they were," said the Dormouse; "*very* ill."

Alice tried to fancy to herself what such an extraordinary ways of living would be like, but it puzzled her too much, so she went on: "But why did they live at the bottom of a well?"

"Take some more tea," the March Hare said to Alice, very earnestly.

"I've had nothing yet," Alice replied in an offended tone, "so I can't take more."

"You mean you can't take *less*," said the Hatter: "it's very easy to take *more* than nothing."

"Nobody asked *your* opinion," said Alice.

"Who's making personal remarks now?" the Hatter asked triumphantly.

Alice did not quite know what to say to this: so she helped herself to some tea and bread-and-butter, and then turned to the Dormouse, and repeated her question. "Why did they live at the bottom of a well?"

The Dormouse again took a minute or two to think about it, and then said, "It was a treacle-well."

"There's no such thing!" Alice was beginning very angrily, but the Hatter and the March Hare went "Sh! sh!" and the Dormouse sulkily remarked, "If you can't be civil, you'd better finish the story for yourself."

"No, please go on!" Alice said very humbly; "I won't interrupt again. I dare say there may be *one*."

“One, indeed!” said the Dormouse indignantly. However, he consented to go on. “And so these three little sisters—they were learning to draw, you know—”

“What did they draw?” said Alice, quite forgetting her promise.

“Treacle,” said the Dormouse, without considering at all this time.

“I want a clean cup,” interrupted the Hatter: “let’s all move one place on.”

He moved on as he spoke, and the Dormouse followed him: the March Hare moved into the Dormouse’s place, and Alice rather unwillingly took the place of the March Hare. The Hatter was the only one who got any advantage from the change: and Alice was a good deal worse off than before, as the March Hare had just upset the milk-jug into his plate.

Alice did not wish to offend the Dormouse again, so she began very cautiously: “But I don’t understand. Where did they draw the treacle from?”

“You can draw water out of a water-well,” said the Hatter; “so I should think you could draw treacle out of a treacle-well—eh, stupid?”

“But they were *in* the well,” Alice said to the Dormouse, not choosing to notice this last remark.

“Of course they were,” said the Dormouse; “—well in.”

This answer so confused poor Alice, that she let the Dormouse go on for some time without interrupting it.

“They were learning to draw,” the Dormouse went on, yawning and rubbing its eyes, for it was getting very sleepy; “and they drew all manner of things—everything that begins with an M—”

“Why with an M?” said Alice.

“Why not?” said the March Hare.

Alice was silent.

The Dormouse had closed its eyes by this time, and was going off into a doze; but, on being pinched by the Hatter, it woke up again with a little shriek, and went on: “—that begins with an M, such as mouse-traps, and the moon, and memory, and muchness—you know you say things are “much of a muchness”—did you ever see such a thing as a drawing of a muchness?”

“Really, now you ask me,” said Alice, very much confused, “I don’t think—”

“Then you shouldn’t talk,” said the Hatter.

This piece of rudeness was more than Alice could bear: she got up in great disgust, and walked off; the Dormouse fell asleep instantly, and neither of the others took the least notice of her going, though she looked back once or twice, half hoping that they would call after her: the last time she saw them, they were trying to put the Dormouse into the teapot.

“At any rate I’ll never go *there* again!” said Alice as she picked her way through the wood. “It’s the stupidest tea-party I ever was at in all my life!”

Just as she said this, she noticed that one of the trees had a door leading right into it. “That’s very curious!” she thought. “But everything’s curious today. I think I may as well go in at once.” And in she went.

Once more she found herself in the long hall, and close to the little glass table. “Now, I’ll manage better this time,” she said to

herself, and began by taking the little golden key, and unlocking the door that led into the garden. Then she went to work nibbling at the mushroom (she had kept a piece of it in her pocket) till she was about a foot high: then she walked down the little passage: and *then*—she found herself at last in the beautiful garden, among the bright flower-beds and the cool fountains.

CHAPTER VIII.
THE QUEEN’S CROQUET-GROUND

A large rose-tree stood near the entrance of the garden: the roses growing on it were white, but there were three gardeners at it, busily painting them red. Alice thought this a very curious thing, and she went nearer to watch them, and just as she came up to them she heard one of them say, “Look out now, Five! Don’t go splashing paint over me like that!”

“I couldn’t help it,” said Five, in a sulky tone; “Seven jogged my elbow.”

On which Seven looked up and said, “That’s right, Five! Always lay the blame on others!”

“*You’d* better not talk!” said Five. “I heard the Queen say only yesterday you deserved to be beheaded!”

“What for?” said the one who had spoken first.

“That’s none of *your* business, Two!” said Seven.

“Yes, it *is* his business!” said Five, “and I’ll tell him—it was for bringing the cook tulip-roots instead of onions.”

Seven flung down his brush, and had just begun “Well, of all the unjust things—” when his eye chanced to fall upon Alice, as she stood watching them, and he checked himself suddenly: the others looked round also, and all of them bowed low.

“Would you tell me,” said Alice, a little timidly, “why you are painting those roses?”

Five and Seven said nothing, but looked at Two. Two began in a low voice, "Why the fact is, you see, Miss, this here ought to have been a *red* rose-tree, and we put a white one in by mistake; and if the Queen was to find it out, we should all have our heads cut off, you know. So you see, Miss, we're doing our best, afore she comes, to—" At this moment Five, who had been anxiously looking across the garden, called out "The Queen! The Queen!" and the three gardeners instantly threw themselves flat upon their faces. There was a sound of many footsteps, and Alice looked round, eager to see the Queen.

First came ten soldiers carrying clubs; these were all shaped like the three gardeners, oblong and flat, with their hands and feet at the corners: next the ten courtiers; these were ornamented all over with diamonds, and walked two and two, as the soldiers did. After these came the royal children; there were ten of them, and the little dears came jumping merrily along hand in hand, in couples: they were all ornamented with hearts. Next came the guests, mostly Kings and Queens, and among them Alice recognised the White Rabbit: it was talking in a hurried nervous manner, smiling at everything that was said, and went by without noticing her. Then followed the Knave of Hearts, carrying the King's crown on a crimson velvet cushion; and, last of all this grand procession, came THE KING AND QUEEN OF HEARTS.

Alice was rather doubtful whether she ought not to lie down on her face like the three gardeners, but she could not remember ever having heard of such a rule at processions; "and besides, what would be the use of a procession," thought she, "if people had all to lie down upon their faces, so that they couldn't see it?" So she stood still where she was, and waited.

When the procession came opposite to Alice, they all stopped and looked at her, and the Queen said severely "Who is this?" She said it to the Knave of Hearts, who only bowed and smiled in reply.

"Idiot!" said the Queen, tossing her head impatiently; and, turning to Alice, she went on, "What's your name, child?"

"My name is Alice, so please your Majesty," said Alice very politely; but she added, to herself, "Why, they're only a pack of cards, after all. I needn't be afraid of them!"

"And who are *these?*" said the Queen, pointing to the three gardeners who were lying round the rose-tree; for, you see, as they were lying on their faces, and the pattern on their backs was the same as the rest of the pack, she could not tell whether they were gardeners, or soldiers, or courtiers, or three of her own children.

"How should *I* know?" said Alice, surprised at her own courage. "It's no business of *mine*."

The Queen turned crimson with fury, and, after glaring at her for a moment like a wild beast, screamed "Off with her head! Off—"

"Nonsense!" said Alice, very loudly and decidedly, and the Queen was silent.

The King laid his hand upon her arm, and timidly said "Consider, my dear: she is only a child!"

The Queen turned angrily away from him, and said to the Knave "Turn them over!"

The Knave did so, very carefully, with one foot.

"Get up!" said the Queen, in a shrill, loud voice, and the three gardeners instantly jumped up, and began bowing to the King, the Queen, the royal children, and everybody else.

"Leave off that!" screamed the Queen. "You make me giddy." And then, turning to the rose-tree, she went on, "What *have* you been doing here?"

"May it please your Majesty," said Two, in a very humble tone, going down on one knee as he spoke, "we were trying—"

"*I* see!" said the Queen, who had meanwhile been examining the roses. "Off with their heads!" and the procession moved on, three of the soldiers remaining behind to execute the unfortunate gardeners, who ran to Alice for protection.

"You shan't be beheaded!" said Alice, and she put them into a large flower-pot that stood near. The three soldiers wandered about for a minute or two, looking for them, and then quietly marched off after the others.

"Are their heads off?" shouted the Queen.

"Their heads are gone, if it please your Majesty!" the soldiers shouted in reply.

"That's right!" shouted the Queen. "Can you play croquet?"

The soldiers were silent, and looked at Alice, as the question was evidently meant for her.

"Yes!" shouted Alice.

"Come on, then!" roared the Queen, and Alice joined the procession, wondering very much what would happen next.

"It's—it's a very fine day!" said a timid voice at her side. She was walking by the White Rabbit, who was peeping anxiously into her face.

"Very," said Alice: "—where's the Duchess?"

“Hush! Hush!” said the Rabbit in a low, hurried tone. He looked anxiously over his shoulder as he spoke, and then raised himself upon tiptoe, put his mouth close to her ear, and whispered “She’s under sentence of execution.”

“What for?” said Alice.

“Did you say ‘What a pity!’?” the Rabbit asked.

“No, I didn’t,” said Alice: “I don’t think it’s at all a pity. I said ‘What for?’”

“She boxed the Queen’s ears—” the Rabbit began. Alice gave a little scream of laughter. “Oh, hush!” the Rabbit whispered in a frightened tone. “The Queen will hear you! You see, she came rather late, and the Queen said—”

“Get to your places!” shouted the Queen in a voice of thunder, and people began running about in all directions, tumbling up against each other; however, they got settled down in a minute or two, and the game began. Alice thought she had never seen such a curious croquet-ground in her life; it was all ridges and furrows; the balls were live hedgehogs, the mallets live flamingoes, and the soldiers had to double themselves up and to stand on their hands and feet, to make the arches.

The chief difficulty Alice found at first was in managing her flamingo: she succeeded in getting its body tucked away, comfortably enough, under her arm, with its legs hanging down, but generally, just as she had got its neck nicely straightened out, and was going to give the hedgehog a blow with its head, it *would* twist itself round and look up in her face, with such a puzzled expression that she could not help bursting out laughing: and when she had got its head down, and was going to begin again, it was very provoking

to find that the hedgehog had unrolled itself, and was in the act of crawling away: besides all this, there was generally a ridge or furrow in the way wherever she wanted to send the hedgehog to, and, as the doubled-up soldiers were always getting up and walking off to other parts of the ground, Alice soon came to the conclusion that it was a very difficult game indeed.

The players all played at once without waiting for turns, quarrelling all the while, and fighting for the hedgehogs; and in a very short time the Queen was in a furious passion, and went stamping about, and shouting "Off with his head!" or "Off with her head!" about once in a minute.

Alice began to feel very uneasy: to be sure, she had not as yet had any dispute with the Queen, but she knew that it might happen any minute, "and then," thought she, "what would become of me? They're dreadfully fond of beheading people here; the great wonder is, that there's any one left alive!"

She was looking about for some way of escape, and wondering whether she could get away without being seen, when she noticed a curious appearance in the air: it puzzled her very much at first, but, after watching it a minute or two, she made it out to be a grin, and she said to herself "It's the Cheshire Cat: now I shall have somebody to talk to."

"How are you getting on?" said the Cat, as soon as there was mouth enough for it to speak with.

Alice waited till the eyes appeared, and then nodded. "It's no use speaking to it," she thought, "till its ears have come, or at least one of them." In another minute the whole head appeared, and then Alice put down her flamingo, and began an account of the game, feeling

very glad she had someone to listen to her. The Cat seemed to think that there was enough of it now in sight, and no more of it appeared.

"I don't think they play at all fairly," Alice began, in rather a complaining tone, "and they all quarrel so dreadfully one can't hear oneself speak—and they don't seem to have any rules in particular; at least, if there are, nobody attends to them—and you've no idea how confusing it is all the things being alive; for instance, there's the arch I've got to go through next walking about at the other end of the ground—and I should have croqueted the Queen's hedgehog just now, only it ran away when it saw mine coming!"

"How do you like the Queen?" said the Cat in a low voice.

"Not at all," said Alice: "she's so extremely—" Just then she noticed that the Queen was close behind her, listening: so she went on, "—likely to win, that it's hardly worth while finishing the game."

The Queen smiled and passed on.

"Who *are* you talking to?" said the King, going up to Alice, and looking at the Cat's head with great curiosity.

"It's a friend of mine—a Cheshire Cat," said Alice: "allow me to introduce it."

"I don't like the look of it at all," said the King: "however, it may kiss my hand if it likes."

"I'd rather not," the Cat remarked.

"Don't be impertinent," said the King, "and don't look at me like that!" He got behind Alice as he spoke.

"A cat may look at a king," said Alice. "I've read that in some book, but I don't remember where."

“Well, it must be removed,” said the King very decidedly, and he called the Queen, who was passing at the moment, “My dear! I wish you would have this cat removed!”

The Queen had only one way of settling all difficulties, great or small. “Off with his head!” she said, without even looking round.

“I’ll fetch the executioner myself,” said the King eagerly, and he hurried off.

Alice thought she might as well go back, and see how the game was going on, as she heard the Queen’s voice in the distance, screaming with passion. She had already heard her sentence three of the players to be executed for having missed their turns, and she did not like the look of things at all, as the game was in such confusion that she never knew whether it was her turn or not. So she went in search of her hedgehog.

The hedgehog was engaged in a fight with another hedgehog, which seemed to Alice an excellent opportunity for croqueting one of them with the other: the only difficulty was, that her flamingo was gone across to the other side of the garden, where Alice could see it trying in a helpless sort of way to fly up into a tree.

By the time she had caught the flamingo and brought it back, the fight was over, and both the hedgehogs were out of sight: “but it doesn’t matter much,” thought Alice, “as all the arches are gone from this side of the ground.” So she tucked it away under her arm, that it might not escape again, and went back for a little more conversation with her friend.

When she got back to the Cheshire Cat, she was surprised to find quite a large crowd collected round it: there was a dispute going on between the executioner, the King, and the Queen, who were all

talking at once, while all the rest were quite silent, and looked very uncomfortable.

The moment Alice appeared, she was appealed to by all three to settle the question, and they repeated their arguments to her, though, as they all spoke at once, she found it very hard indeed to make out exactly what they said.

The executioner's argument was, that you couldn't cut off a head unless there was a body to cut it off from: that he had never had to do such a thing before, and he wasn't going to begin at *his* time of life.

The King's argument was, that anything that had a head could be beheaded, and that you weren't to talk nonsense.

The Queen's argument was, that if something wasn't done about it in less than no time she'd have everybody executed, all round. (It was this last remark that had made the whole party look so grave and anxious.)

Alice could think of nothing else to say but "It belongs to the Duchess: you'd better ask *her* about it."

"She's in prison," the Queen said to the executioner: "fetch her here." And the executioner went off like an arrow.

The Cat's head began fading away the moment he was gone, and, by the time he had come back with the Duchess, it had entirely disappeared; so the King and the executioner ran wildly up and down looking for it, while the rest of the party went back to the game.

CHAPTER IX.
THE MOCK TURTLE'S STORY

"You can't think how glad I am to see you again, you dear old thing!" said the Duchess, as she tucked her arm affectionately into Alice's, and they walked off together.

Alice was very glad to find her in such a pleasant temper, and thought to herself that perhaps it was only the pepper that had made her so savage when they met in the kitchen.

"When *I'm* a Duchess," she said to herself, (not in a very hopeful tone though), "I won't have any pepper in my kitchen *at all*. Soup does very well without—Maybe it's always pepper that makes people hot-tempered," she went on, very much pleased at having found out a new kind of rule, "and vinegar that makes them sour—and camomile that makes them bitter—and—and barley-sugar and such things that make children sweet-tempered. I only wish people knew *that*: then they wouldn't be so stingy about it, you know—"

She had quite forgotten the Duchess by this time, and was a little startled when she heard her voice close to her ear. "You're thinking about something, my dear, and that makes you forget to talk. I can't tell you just now what the moral of that is, but I shall remember it in a bit."

"Perhaps it hasn't one," Alice ventured to remark.

"Tut, tut, child!" said the Duchess. "Everything's got a moral, if only you can find it." And she squeezed herself up closer to Alice's side as she spoke.

Alice did not much like keeping so close to her: first, because the Duchess was *very* ugly; and secondly, because she was exactly the right height to rest her chin upon Alice's shoulder, and it was an uncomfortably sharp chin. However, she did not like to be rude, so she bore it as well as she could.

"The game's going on rather better now," she said, by way of keeping up the conversation a little.

"'Tis so," said the Duchess: "and the moral of that is—'Oh, 'tis love, 'tis love, that makes the world go round!'"

"Somebody said," Alice whispered, "that it's done by everybody minding their own business!"

"Ah, well! It means much the same thing," said the Duchess, digging her sharp little chin into Alice's shoulder as she added, "and the moral of *that* is—'Take care of the sense, and the sounds will take care of themselves.'"

"How fond she is of finding morals in things!" Alice thought to herself.

"I dare say you're wondering why I don't put my arm round your waist," the Duchess said after a pause: "the reason is, that I'm doubtful about the temper of your flamingo. Shall I try the experiment?"

"He might bite," Alice cautiously replied, not feeling at all anxious to have the experiment tried.

"Very true," said the Duchess: "flamingoes and mustard both bite. And the moral of that is—'Birds of a feather flock together.'"

"Only mustard isn't a bird," Alice remarked.

"Right, as usual," said the Duchess: "what a clear way you have of putting things!"

"It's a mineral, I *think*," said Alice.

"Of course it is," said the Duchess, who seemed ready to agree to everything that Alice said; "there's a large mustard-mine near here. And the moral of that is—'The more there is of mine, the less there is of yours.'"

"Oh, I know!" exclaimed Alice, who had not attended to this last remark, "it's a vegetable. It doesn't look like one, but it is."

"I quite agree with you," said the Duchess; "and the moral of that is—'Be what you would seem to be'—or if you'd like it put more simply—'Never imagine yourself not to be otherwise than what it might appear to others that what you were or might have been was not otherwise than what you had been would have appeared to them to be otherwise.'"

"I think I should understand that better," Alice said very politely, "if I had it written down: but I can't quite follow it as you say it."

"That's nothing to what I could say if I chose," the Duchess replied, in a pleased tone.

"Pray don't trouble yourself to say it any longer than that," said Alice.

"Oh, don't talk about trouble!" said the Duchess. "I make you a present of everything I've said as yet."

"A cheap sort of present!" thought Alice. "I'm glad they don't give birthday presents like that!" But she did not venture to say it out loud.

“Thinking again?” the Duchess asked, with another dig of her sharp little chin.

“I’ve a right to think,” said Alice sharply, for she was beginning to feel a little worried.

“Just about as much right,” said the Duchess, “as pigs have to fly; and the m—”

But here, to Alice’s great surprise, the Duchess’s voice died away, even in the middle of her favourite word ‘moral,’ and the arm that was linked into hers began to tremble. Alice looked up, and there stood the Queen in front of them, with her arms folded, frowning like a thunderstorm.

“A fine day, your Majesty!” the Duchess began in a low, weak voice.

“Now, I give you fair warning,” shouted the Queen, stamping on the ground as she spoke; “either you or your head must be off, and that in about half no time! Take your choice!”

The Duchess took her choice, and was gone in a moment.

“Let’s go on with the game,” the Queen said to Alice; and Alice was too much frightened to say a word, but slowly followed her back to the croquet-ground.

The other guests had taken advantage of the Queen’s absence, and were resting in the shade: however, the moment they saw her, they hurried back to the game, the Queen merely remarking that a moment’s delay would cost them their lives.

All the time they were playing the Queen never left off quarrelling with the other players, and shouting “Off with his head!” or “Off with her head!” Those whom she sentenced were taken into

custody by the soldiers, who of course had to leave off being arches to do this, so that by the end of half an hour or so there were no arches left, and all the players, except the King, the Queen, and Alice, were in custody and under sentence of execution.

Then the Queen left off, quite out of breath, and said to Alice, "Have you seen the Mock Turtle yet?"

"No," said Alice. "I don't even know what a Mock Turtle is."

"It's the thing Mock Turtle Soup is made from," said the Queen.

"I never saw one, or heard of one," said Alice.

"Come on, then," said the Queen, "and he shall tell you his history,"

As they walked off together, Alice heard the King say in a low voice, to the company generally, "You are all pardoned." "Come, *that's* a good thing!" she said to herself, for she had felt quite unhappy at the number of executions the Queen had ordered.

They very soon came upon a Gryphon, lying fast asleep in the sun. (If you don't know what a Gryphon is, look at the picture.) "Up, lazy thing!" said the Queen, "and take this young lady to see the Mock Turtle, and to hear his history. I must go back and see after some executions I have ordered;" and she walked off, leaving Alice alone with the Gryphon. Alice did not quite like the look of the creature, but on the whole she thought it would be quite as safe to stay with it as to go after that savage Queen: so she waited.

The Gryphon sat up and rubbed its eyes: then it watched the Queen till she was out of sight: then it chuckled. "What fun!" said the Gryphon, half to itself, half to Alice.

"What *is* the fun?" said Alice.

"Why, *she*," said the Gryphon. "It's all her fancy, that: they never executes nobody, you know. Come on!"

"Everybody says 'come on!' here," thought Alice, as she went slowly after it: "I never was so ordered about in all my life, never!"

They had not gone far before they saw the Mock Turtle in the distance, sitting sad and lonely on a little ledge of rock, and, as they came nearer, Alice could hear him sighing as if his heart would break. She pitied him deeply. "What is his sorrow?" she asked the Gryphon, and the Gryphon answered, very nearly in the same words as before, "It's all his fancy, that: he hasn't got no sorrow, you know. Come on!"

So they went up to the Mock Turtle, who looked at them with large eyes full of tears, but said nothing.

"This here young lady," said the Gryphon, "she wants for to know your history, she do."

"I'll tell it her," said the Mock Turtle in a deep, hollow tone: "sit down, both of you, and don't speak a word till I've finished."

So they sat down, and nobody spoke for some minutes. Alice thought to herself, "I don't see how he can *ever* finish, if he doesn't begin." But she waited patiently.

"Once," said the Mock Turtle at last, with a deep sigh, "I was a real Turtle."

These words were followed by a very long silence, broken only by an occasional exclamation of "Hjckrrh!" from the Gryphon, and the constant heavy sobbing of the Mock Turtle. Alice was very nearly getting up and saying, "Thank you, sir, for your interesting story,"

but she could not help thinking there *must* be more to come, so she sat still and said nothing.

"When we were little," the Mock Turtle went on at last, more calmly, though still sobbing a little now and then, "we went to school in the sea. The master was an old Turtle—we used to call him Tortoise—"

"Why did you call him Tortoise, if he wasn't one?" Alice asked.

"We called him Tortoise because he taught us," said the Mock Turtle angrily: "really you are very dull!"

"You ought to be ashamed of yourself for asking such a simple question," added the Gryphon; and then they both sat silent and looked at poor Alice, who felt ready to sink into the earth. At last the Gryphon said to the Mock Turtle, "Drive on, old fellow! Don't be all day about it!" and he went on in these words:

"Yes, we went to school in the sea, though you mayn't believe it—"

"I never said I didn't!" interrupted Alice.

"You did," said the Mock Turtle.

"Hold your tongue!" added the Gryphon, before Alice could speak again. The Mock Turtle went on.

"We had the best of educations—in fact, we went to school every day—"

"*I've* been to a day-school, too," said Alice; "you needn't be so proud as all that."

"With extras?" asked the Mock Turtle a little anxiously.

"Yes," said Alice, "we learned French and music."

"And washing?" said the Mock Turtle.

"Certainly not!" said Alice indignantly.

"Ah! then yours wasn't a really good school," said the Mock Turtle in a tone of great relief. "Now at *ours* they had at the end of the bill, 'French, music, *and washing*—extra.'"

"You couldn't have wanted it much," said Alice; "living at the bottom of the sea."

"I couldn't afford to learn it." said the Mock Turtle with a sigh. "I only took the regular course."

"What was that?" inquired Alice.

"Reeling and Writhing, of course, to begin with," the Mock Turtle replied; "and then the different branches of Arithmetic—Ambition, Distraction, Uglification, and Derision."

"I never heard of 'Uglification,'" Alice ventured to say. "What is it?"

The Gryphon lifted up both its paws in surprise. "What! Never heard of uglifying!" it exclaimed. "You know what to beautify is, I suppose?"

"Yes," said Alice doubtfully: "it means—to—make—anything—prettier."

"Well, then," the Gryphon went on, "if you don't know what to uglify is, you *are* a simpleton."

Alice did not feel encouraged to ask any more questions about it, so she turned to the Mock Turtle, and said "What else had you to learn?"

"Well, there was Mystery," the Mock Turtle replied, counting off the subjects on his flappers, "—Mystery, ancient and modern, with Seaography: then Drawling—the Drawling-master was an old

conger-eel, that used to come once a week: *he* taught us Drawling, Stretching, and Fainting in Coils."

"What was *that* like?" said Alice.

"Well, I can't show it you myself," the Mock Turtle said: "I'm too stiff. And the Gryphon never learnt it."

"Hadn't time," said the Gryphon: "I went to the Classics master, though. He was an old crab, *he* was."

"I never went to him," the Mock Turtle said with a sigh: "he taught Laughing and Grief, they used to say."

"So he did, so he did," said the Gryphon, sighing in his turn; and both creatures hid their faces in their paws.

"And how many hours a day did you do lessons?" said Alice, in a hurry to change the subject.

"Ten hours the first day," said the Mock Turtle: "nine the next, and so on."

"What a curious plan!" exclaimed Alice.

"That's the reason they're called lessons," the Gryphon remarked: "because they lessen from day to day."

This was quite a new idea to Alice, and she thought it over a little before she made her next remark. "Then the eleventh day must have been a holiday?"

"Of course it was," said the Mock Turtle.

"And how did you manage on the twelfth?" Alice went on eagerly.

"That's enough about lessons," the Gryphon interrupted in a very decided tone: "tell her something about the games now."

CHAPTER X.
THE LOBSTER QUADRILLE

The Mock Turtle sighed deeply, and drew the back of one flapper across his eyes. He looked at Alice, and tried to speak, but for a minute or two sobs choked his voice. “Same as if he had a bone in his throat,” said the Gryphon: and it set to work shaking him and punching him in the back. At last the Mock Turtle recovered his voice, and, with tears running down his cheeks, he went on again:—

“You may not have lived much under the sea—” (“I haven’t,” said Alice)—“and perhaps you were never even introduced to a lobster—” (Alice began to say “I once tasted—” but checked herself hastily, and said “No, never”) “—so you can have no idea what a delightful thing a Lobster Quadrille is!”

“No, indeed,” said Alice. “What sort of a dance is it?”

“Why,” said the Gryphon, “you first form into a line along the sea-shore—”

“Two lines!” cried the Mock Turtle. “Seals, turtles, salmon, and so on; then, when you’ve cleared all the jelly-fish out of the way—”

“*That* generally takes some time,” interrupted the Gryphon.

“—you advance twice—”

“Each with a lobster as a partner!” cried the Gryphon.

“Of course,” the Mock Turtle said: “advance twice, set to partners—”

“—change lobsters, and retire in same order,” continued the Gryphon.

“Then, you know,” the Mock Turtle went on, “you throw the—”

“The lobsters!” shouted the Gryphon, with a bound into the air.

“—as far out to sea as you can—”

“Swim after them!” screamed the Gryphon.

“Turn a somersault in the sea!” cried the Mock Turtle, capering wildly about.

“Change lobsters again!” yelled the Gryphon at the top of its voice.

“Back to land again, and that’s all the first figure,” said the Mock Turtle, suddenly dropping his voice; and the two creatures, who had been jumping about like mad things all this time, sat down again very sadly and quietly, and looked at Alice.

“It must be a very pretty dance,” said Alice timidly.

“Would you like to see a little of it?” said the Mock Turtle.

“Very much indeed,” said Alice.

“Come, let’s try the first figure!” said the Mock Turtle to the Gryphon. “We can do without lobsters, you know. Which shall sing?”

“Oh, *you* sing,” said the Gryphon. “I’ve forgotten the words.”

So they began solemnly dancing round and round Alice, every now and then treading on her toes when they passed too close, and waving their forepaws to mark the time, while the Mock Turtle sang this, very slowly and sadly:—

“Will you walk a little faster?” said a whiting to a snail.
“There’s a porpoise close behind us, and he’s treading on my tail.
See how eagerly the lobsters and the turtles all advance!

They are waiting on the shingle—will you come and join the dance?
Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance?
Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?

"You can really have no notion how delightful it will be
When they take us up and throw us, with the lobsters, out to sea!"
But the snail replied "Too far, too far!" and gave a look askance—
Said he thanked the whiting kindly, but he would not join the dance.
Would not, could not, would not, could not, would not join the dance.
Would not, could not, would not, could not, could not join the dance.

"What matters it how far we go?" his scaly friend replied.
"There is another shore, you know, upon the other side.
The further off from England the nearer is to France—
Then turn not pale, beloved snail, but come and join the dance.
Will you, won't you, will you, won't you, will you join the dance?
Will you, won't you, will you, won't you, won't you join the dance?"

"Thank you, it's a very interesting dance to watch," said Alice, feeling very glad that it was over at last: "and I do so like that curious song about the whiting!"

"Oh, as to the whiting," said the Mock Turtle, "they—you've seen them, of course?"

"Yes," said Alice, "I've often seen them at dinn—" she checked herself hastily.

"I don't know where Dinn may be," said the Mock Turtle, "but if you've seen them so often, of course you know what they're like."

"I believe so," Alice replied thoughtfully. "They have their tails in their mouths—and they're all over crumbs."

"You're wrong about the crumbs," said the Mock Turtle: "crumbs would all wash off in the sea. But they *have* their tails in their mouths; and the reason is—" here the Mock Turtle yawned and shut his eyes.—"Tell her about the reason and all that," he said to the Gryphon.

"The reason is," said the Gryphon, "that they *would* go with the lobsters to the dance. So they got thrown out to sea. So they had to fall a long way. So they got their tails fast in their mouths. So they couldn't get them out again. That's all."

"Thank you," said Alice, "it's very interesting. I never knew so much about a whiting before."

"I can tell you more than that, if you like," said the Gryphon. "Do you know why it's called a whiting?"

"I never thought about it," said Alice. "Why?"

"*It does the boots and shoes*," the Gryphon replied very solemnly.

Alice was thoroughly puzzled. "Does the boots and shoes!" she repeated in a wondering tone.

"Why, what are *your* shoes done with?" said the Gryphon. "I mean, what makes them so shiny?"

Alice looked down at them, and considered a little before she gave her answer. "They're done with blacking, I believe."

"Boots and shoes under the sea," the Gryphon went on in a deep voice, "are done with a whiting. Now you know."

“And what are they made of?” Alice asked in a tone of great curiosity.

“Soles and eels, of course,” the Gryphon replied rather impatiently: “any shrimp could have told you that.”

“If I’d been the whiting,” said Alice, whose thoughts were still running on the song, “I’d have said to the porpoise, ‘Keep back, please: we don’t want *you* with us!’”

“They were obliged to have him with them,” the Mock Turtle said: “no wise fish would go anywhere without a porpoise.”

“Wouldn’t it really?” said Alice in a tone of great surprise.

“Of course not,” said the Mock Turtle: “why, if a fish came to *me*, and told me he was going a journey, I should say ‘With what porpoise?’”

“Don’t you mean ‘purpose’?” said Alice.

“I mean what I say,” the Mock Turtle replied in an offended tone. And the Gryphon added “Come, let’s hear some of *your* adventures.”

“I could tell you my adventures—beginning from this morning,” said Alice a little timidly: “but it’s no use going back to yesterday, because I was a different person then.”

“Explain all that,” said the Mock Turtle.

“No, no! The adventures first,” said the Gryphon in an impatient tone: “explanations take such a dreadful time.”

So Alice began telling them her adventures from the time when she first saw the White Rabbit. She was a little nervous about it just at first, the two creatures got so close to her, one on each side, and opened their eyes and mouths so *very* wide, but she gained courage as she went on. Her listeners were perfectly quiet till she got to the

part about her repeating "*You are old, Father William,*" to the Caterpillar, and the words all coming different, and then the Mock Turtle drew a long breath, and said "That's very curious."

"It's all about as curious as it can be," said the Gryphon.

"It all came different!" the Mock Turtle repeated thoughtfully. "I should like to hear her try and repeat something now. Tell her to begin." He looked at the Gryphon as if he thought it had some kind of authority over Alice.

"Stand up and repeat "*'Tis the voice of the sluggard,*"" said the Gryphon.

"How the creatures order one about, and make one repeat lessons!" thought Alice; "I might as well be at school at once." However, she got up, and began to repeat it, but her head was so full of the Lobster Quadrille, that she hardly knew what she was saying, and the words came very queer indeed:—

"'Tis the voice of the Lobster; I heard him declare,
"You have baked me too brown, I must sugar my hair."
As a duck with its eyelids, so he with his nose
Trims his belt and his buttons, and turns out his toes."

[later editions continued as follows
When the sands are all dry, he is gay as a lark,
And will talk in contemptuous tones of the Shark,
But, when the tide rises and sharks are around,
His voice has a timid and tremulous sound.]

“That’s different from what *I* used to say when I was a child,” said the Gryphon.

“Well, I never heard it before,” said the Mock Turtle; “but it sounds uncommon nonsense.”

Alice said nothing; she had sat down with her face in her hands, wondering if anything would *ever* happen in a natural way again.

“I should like to have it explained,” said the Mock Turtle.

“She can’t explain it,” said the Gryphon hastily. “Go on with the next verse.”

“But about his toes?” the Mock Turtle persisted. “How *could* he turn them out with his nose, you know?”

“It’s the first position in dancing.” Alice said; but was dreadfully puzzled by the whole thing, and longed to change the subject.

“Go on with the next verse,” the Gryphon repeated impatiently: “it begins ‘*I passed by his garden*.’”

Alice did not dare to disobey, though she felt sure it would all come wrong, and she went on in a trembling voice:—

“I passed by his garden, and marked, with one eye,
How the Owl and the Panther were sharing a pie—”

[later editions continued as follows
The Panther took pie-crust, and gravy, and meat,
While the Owl had the dish as its share of the treat.
When the pie was all finished, the Owl, as a boon,
Was kindly permitted to pocket the spoon:

While the Panther received knife and fork with a growl,

And concluded the banquet—]

"What *is* the use of repeating all that stuff," the Mock Turtle interrupted, "if you don't explain it as you go on? It's by far the most confusing thing *I* ever heard!"

"Yes, I think you'd better leave off," said the Gryphon: and Alice was only too glad to do so.

"Shall we try another figure of the Lobster Quadrille?" the Gryphon went on. "Or would you like the Mock Turtle to sing you a song?"

"Oh, a song, please, if the Mock Turtle would be so kind," Alice replied, so eagerly that the Gryphon said, in a rather offended tone, "Hm! No accounting for tastes! Sing her '*Turtle Soup*,' will you, old fellow?"

The Mock Turtle sighed deeply, and began, in a voice sometimes choked with sobs, to sing this:—

"Beautiful Soup, so rich and green,

Waiting in a hot tureen!

Who for such dainties would not stoop?

Soup of the evening, beautiful Soup!

Soup of the evening, beautiful Soup!

Beau—ootiful Soo—oop!

Beau—ootiful Soo—oop!

Soo—oop of the e—e—evening,
Beautiful, beautiful Soup!

"Beautiful Soup! Who cares for fish,

Game, or any other dish?

Who would not give all else for two p

ennyworth only of beautiful Soup?

Pennyworth only of beautiful Soup?
;Beau—ootiful Soo—oop!
Beau—ootiful Soo—oop!
Soo—oop of the e—e—evening,
Beautiful, beauti—FUL SOUP!"

"Chorus again!" cried the Gryphon, and the Mock Turtle had just begun to repeat it, when a cry of "The trial's beginning!" was heard in the distance.

"Come on!" cried the Gryphon, and, taking Alice by the hand, it hurried off, without waiting for the end of the song.

"What trial is it?" Alice panted as she ran; but the Gryphon only answered "Come on!" and ran the faster, while more and more faintly came, carried on the breeze that followed them, the melancholy words:—

"Soo—oop of the e—e—evening,
Beautiful, beautiful Soup!"

CHAPTER XI.
WHO STOLE THE TARTS?

The King and Queen of Hearts were seated on their throne when they arrived, with a great crowd assembled about them—all sorts of little birds and beasts, as well as the whole pack of cards: the Knave was standing before them, in chains, with a soldier on each side to guard him; and near the King was the White Rabbit, with a trumpet in one hand, and a scroll of parchment in the other. In the very middle of the court was a table, with a large dish of tarts upon it: they looked so good, that it made Alice quite hungry to look at them —"I wish they'd get the trial done," she thought, "and hand round the refreshments!" But there seemed to be no chance of this, so she began looking at everything about her, to pass away the time.

Alice had never been in a court of justice before, but she had read about them in books, and she was quite pleased to find that she knew the name of nearly everything there. "That's the judge," she said to herself, "because of his great wig."

The judge, by the way, was the King; and as he wore his crown over the wig, (look at the frontispiece if you want to see how he did it,) he did not look at all comfortable, and it was certainly not becoming.

"And that's the jury-box," thought Alice, "and those twelve creatures," (she was obliged to say "creatures," you see, because some of them were animals, and some were birds,) "I suppose they are the jurors." She said this last word two or three times over to herself, being rather proud of it: for she thought, and rightly too, that very

few little girls of her age knew the meaning of it at all. However, "jury-men" would have done just as well.

The twelve jurors were all writing very busily on slates. "What are they doing?" Alice whispered to the Gryphon. "They can't have anything to put down yet, before the trial's begun."

"They're putting down their names," the Gryphon whispered in reply, "for fear they should forget them before the end of the trial."

"Stupid things!" Alice began in a loud, indignant voice, but she stopped hastily, for the White Rabbit cried out, "Silence in the court!" and the King put on his spectacles and looked anxiously round, to make out who was talking.

Alice could see, as well as if she were looking over their shoulders, that all the jurors were writing down "stupid things!" on their slates, and she could even make out that one of them didn't know how to spell "stupid," and that he had to ask his neighbour to tell him. "A nice muddle their slates'll be in before the trial's over!" thought Alice.

One of the jurors had a pencil that squeaked. This of course, Alice could *not* stand, and she went round the court and got behind him, and very soon found an opportunity of taking it away. She did it so quickly that the poor little juror (it was Bill, the Lizard) could not make out at all what had become of it; so, after hunting all about for it, he was obliged to write with one finger for the rest of the day; and this was of very little use, as it left no mark on the slate.

"Herald, read the accusation!" said the King.

On this the White Rabbit blew three blasts on the trumpet, and then unrolled the parchment scroll, and read as follows:—

"The Queen of Hearts, she made some tarts,
All on a summer day:
The Knave of Hearts, he stole those tarts,
And took them quite away!"

"Consider your verdict," the King said to the jury.

"Not yet, not yet!" the Rabbit hastily interrupted. "There's a great deal to come before that!"

"Call the first witness," said the King; and the White Rabbit blew three blasts on the trumpet, and called out, "First witness!"

The first witness was the Hatter. He came in with a teacup in one hand and a piece of bread-and-butter in the other. "I beg pardon, your Majesty," he began, "for bringing these in: but I hadn't quite finished my tea when I was sent for."

"You ought to have finished," said the King. "When did you begin?"

The Hatter looked at the March Hare, who had followed him into the court, arm-in-arm with the Dormouse. "Fourteenth of March, I *think* it was," he said.

"Fifteenth," said the March Hare.

"Sixteenth," added the Dormouse.

"Write that down," the King said to the jury, and the jury eagerly wrote down all three dates on their slates, and then added them up, and reduced the answer to shillings and pence.

"Take off your hat," the King said to the Hatter.

"It isn't mine," said the Hatter.

"*Stolen!*" the King exclaimed, turning to the jury, who instantly made a memorandum of the fact.

"I keep them to sell," the Hatter added as an explanation; "I've none of my own. I'm a hatter."

Here the Queen put on her spectacles, and began staring at the Hatter, who turned pale and fidgeted.

"Give your evidence," said the King; "and don't be nervous, or I'll have you executed on the spot."

This did not seem to encourage the witness at all: he kept shifting from one foot to the other, looking uneasily at the Queen, and in his confusion he bit a large piece out of his teacup instead of the bread-and-butter.

Just at this moment Alice felt a very curious sensation, which puzzled her a good deal until she made out what it was: she was beginning to grow larger again, and she thought at first she would get up and leave the court; but on second thoughts she decided to remain where she was as long as there was room for her.

"I wish you wouldn't squeeze so." said the Dormouse, who was sitting next to her. "I can hardly breathe."

"I can't help it," said Alice very meekly: "I'm growing."

"You've no right to grow *here*," said the Dormouse.

"Don't talk nonsense," said Alice more boldly: "you know you're growing too."

"Yes, but *I* grow at a reasonable pace," said the Dormouse: "not in that ridiculous fashion." And he got up very sulkily and crossed over to the other side of the court.

All this time the Queen had never left off staring at the Hatter, and, just as the Dormouse crossed the court, she said to one of the officers of the court, “Bring me the list of the singers in the last concert!” on which the wretched Hatter trembled so, that he shook both his shoes off.

“Give your evidence,” the King repeated angrily, “or I’ll have you executed, whether you’re nervous or not.”

“I’m a poor man, your Majesty,” the Hatter began, in a trembling voice, “—and I hadn’t begun my tea—not above a week or so—and what with the bread-and-butter getting so thin—and the twinkling of the tea—”

“The twinkling of the *what?*” said the King.

“It *began* with the tea,” the Hatter replied.

“Of course twinkling begins with a T!” said the King sharply. “Do you take me for a dunce? Go on!”

“I’m a poor man,” the Hatter went on, “and most things twinkled after that—only the March Hare said—”

“I didn’t!” the March Hare interrupted in a great hurry.

“You did!” said the Hatter.

“I deny it!” said the March Hare.

“He denies it,” said the King: “leave out that part.”

“Well, at any rate, the Dormouse said—” the Hatter went on, looking anxiously round to see if he would deny it too: but the Dormouse denied nothing, being fast asleep.

“After that,” continued the Hatter, “I cut some more bread-and-butter—”

“But what did the Dormouse say?” one of the jury asked.

“That I can’t remember,” said the Hatter.

“You *must* remember,” remarked the King, “or I’ll have you executed.”

The miserable Hatter dropped his teacup and bread-and-butter, and went down on one knee. “I’m a poor man, your Majesty,” he began.

“You’re a *very* poor *speaker*,” said the King.

Here one of the guinea-pigs cheered, and was immediately suppressed by the officers of the court. (As that is rather a hard word, I will just explain to you how it was done. They had a large canvas bag, which tied up at the mouth with strings: into this they slipped the guinea-pig, head first, and then sat upon it.)

“I’m glad I’ve seen that done,” thought Alice. “I’ve so often read in the newspapers, at the end of trials, “There was some attempts at applause, which was immediately suppressed by the officers of the court,” and I never understood what it meant till now.”

“If that’s all you know about it, you may stand down,” continued the King.

“I can’t go no lower,” said the Hatter: “I’m on the floor, as it is.”

“Then you may *sit* down,” the King replied.

Here the other guinea-pig cheered, and was suppressed.

“Come, that finished the guinea-pigs!” thought Alice. “Now we shall get on better.”

“I’d rather finish my tea,” said the Hatter, with an anxious look at the Queen, who was reading the list of singers.

“You may go,” said the King, and the Hatter hurriedly left the court, without even waiting to put his shoes on.

"—and just take his head off outside," the Queen added to one of the officers: but the Hatter was out of sight before the officer could get to the door.

"Call the next witness!" said the King.

The next witness was the Duchess's cook. She carried the pepper-box in her hand, and Alice guessed who it was, even before she got into the court, by the way the people near the door began sneezing all at once.

"Give your evidence," said the King.

"Shan't," said the cook.

The King looked anxiously at the White Rabbit, who said in a low voice, "Your Majesty must cross-examine *this* witness."

"Well, if I must, I must," the King said, with a melancholy air, and, after folding his arms and frowning at the cook till his eyes were nearly out of sight, he said in a deep voice, "What are tarts made of?"

"Pepper, mostly," said the cook.

"Treacle," said a sleepy voice behind her.

"Collar that Dormouse," the Queen shrieked out. "Behead that Dormouse! Turn that Dormouse out of court! Suppress him! Pinch him! Off with his whiskers!"

For some minutes the whole court was in confusion, getting the Dormouse turned out, and, by the time they had settled down again, the cook had disappeared.

"Never mind!" said the King, with an air of great relief. "Call the next witness." And he added in an undertone to the Queen, "Really, my dear, *you* must cross-examine the next witness. It quite makes my forehead ache!"

Alice watched the White Rabbit as he fumbled over the list, feeling very curious to see what the next witness would be like, "—for they haven't got much evidence *yet*," she said to herself. Imagine her surprise, when the White Rabbit read out, at the top of his shrill little voice, the name "Alice!"

CHAPTER XII.
ALICE’S EVIDENCE

“Here!” cried Alice, quite forgetting in the flurry of the moment how large she had grown in the last few minutes, and she jumped up in such a hurry that she tipped over the jury-box with the edge of her skirt, upsetting all the jurymen on to the heads of the crowd below, and there they lay sprawling about, reminding her very much of a globe of goldfish she had accidentally upset the week before.

“Oh, I *beg* your pardon!” she exclaimed in a tone of great dismay, and began picking them up again as quickly as she could, for the accident of the goldfish kept running in her head, and she had a vague sort of idea that they must be collected at once and put back into the jury-box, or they would die.

“The trial cannot proceed,” said the King in a very grave voice, “until all the jurymen are back in their proper places—*all,*” he repeated with great emphasis, looking hard at Alice as he said so.

Alice looked at the jury-box, and saw that, in her haste, she had put the Lizard in head downwards, and the poor little thing was waving its tail about in a melancholy way, being quite unable to move. She soon got it out again, and put it right; “not that it signifies much,” she said to herself; “I should think it would be *quite* as much use in the trial one way up as the other.”

As soon as the jury had a little recovered from the shock of being upset, and their slates and pencils had been found and handed back to them, they set to work very diligently to write out a history of the accident, all except the Lizard, who seemed too much overcome to

do anything but sit with its mouth open, gazing up into the roof of the court.

"What do you know about this business?" the King said to Alice.

"Nothing," said Alice.

"Nothing *whatever?*" persisted the King.

"Nothing whatever," said Alice.

"That's very important," the King said, turning to the jury. They were just beginning to write this down on their slates, when the White Rabbit interrupted: "*Un*important, your Majesty means, of course," he said in a very respectful tone, but frowning and making faces at him as he spoke.

"*Un*important, of course, I meant," the King hastily said, and went on to himself in an undertone,

"important—unimportant—unimportant—important—" as if he were trying which word sounded best.

Some of the jury wrote it down "important," and some "unimportant." Alice could see this, as she was near enough to look over their slates; "but it doesn't matter a bit," she thought to herself.

At this moment the King, who had been for some time busily writing in his note-book, cackled out "Silence!" and read out from his book, "Rule Forty-two. *All persons more than a mile high to leave the court*."

Everybody looked at Alice.

"*I'm* not a mile high," said Alice.

"You are," said the King.

"Nearly two miles high," added the Queen.

"Well, I shan't go, at any rate," said Alice: "besides, that's not a regular rule: you invented it just now."

"It's the oldest rule in the book," said the King.

"Then it ought to be Number One," said Alice.

The King turned pale, and shut his note-book hastily. "Consider your verdict," he said to the jury, in a low, trembling voice.

"There's more evidence to come yet, please your Majesty," said the White Rabbit, jumping up in a great hurry; "this paper has just been picked up."

"What's in it?" said the Queen.

"I haven't opened it yet," said the White Rabbit, "but it seems to be a letter, written by the prisoner to—to somebody."

"It must have been that," said the King, "unless it was written to nobody, which isn't usual, you know."

"Who is it directed to?" said one of the jurymen.

"It isn't directed at all," said the White Rabbit; "in fact, there's nothing written on the *outside*." He unfolded the paper as he spoke, and added "It isn't a letter, after all: it's a set of verses."

"Are they in the prisoner's handwriting?" asked another of the jurymen.

"No, they're not," said the White Rabbit, "and that's the queerest thing about it." (The jury all looked puzzled.)

"He must have imitated somebody else's hand," said the King. (The jury all brightened up again.)

"Please your Majesty," said the Knave, "I didn't write it, and they can't prove I did: there's no name signed at the end."

"If you didn't sign it," said the King, "that only makes the matter worse. You *must* have meant some mischief, or else you'd have signed your name like an honest man."

There was a general clapping of hands at this: it was the first really clever thing the King had said that day.

"That *proves* his guilt," said the Queen.

"It proves nothing of the sort!" said Alice. "Why, you don't even know what they're about!"

"Read them," said the King.

The White Rabbit put on his spectacles. "Where shall I begin, please your Majesty?" he asked.

"Begin at the beginning," the King said gravely, "and go on till you come to the end: then stop."

These were the verses the White Rabbit read:—

"They told me you had been to her,
And mentioned me to him:
She gave me a good character,
But said I could not swim.

He sent them word I had not gone
(We know it to be true):
If she should push the matter on,
What would become of you?

I gave her one, they gave him two,
You gave us three or more;
They all returned from him to you,
Though they were mine before.

If I or she should chance to be
Involved in this affair,
He trusts to you to set them free,
Exactly as we were.

My notion was that you had been
(Before she had this fit)
An obstacle that came between
Him, and ourselves, and it.

Don't let him know she liked them best,
For this must ever be
A secret, kept from all the rest,
Between yourself and me."

"That's the most important piece of evidence we've heard yet," said the King, rubbing his hands; "so now let the jury—"

"If any one of them can explain it," said Alice, (she had grown so large in the last few minutes that she wasn't a bit afraid of interrupting him,) "I'll give him sixpence. *I* don't believe there's an atom of meaning in it."

The jury all wrote down on their slates, "*She* doesn't believe there's an atom of meaning in it," but none of them attempted to explain the paper.

"If there's no meaning in it," said the King, "that saves a world of trouble, you know, as we needn't try to find any. And yet I don't know," he went on, spreading out the verses on his knee, and looking at them with one eye; "I seem to see some meaning in them, after all. "*—said I could not swim—*" you can't swim, can you?" he added, turning to the Knave.

The Knave shook his head sadly. "Do I look like it?" he said. (Which he certainly did *not*, being made entirely of cardboard.)

"All right, so far," said the King, and he went on muttering over the verses to himself: "'*We know it to be true—*' that's the jury, of course—'*I gave her one, they gave him two—*' why, that must be what he did with the tarts, you know—"

"But, it goes on '*they all returned from him to you,*'" said Alice.

"Why, there they are!" said the King triumphantly, pointing to the tarts on the table. "Nothing can be clearer than *that*. Then again —'*before she had this fit—*' you never had fits, my dear, I think?" he said to the Queen.

"Never!" said the Queen furiously, throwing an inkstand at the Lizard as she spoke. (The unfortunate little Bill had left off writing on his slate with one finger, as he found it made no mark; but he now hastily began again, using the ink, that was trickling down his face, as long as it lasted.)

"Then the words don't *fit* you," said the King, looking round the court with a smile. There was a dead silence.

"It's a pun!" the King added in an offended tone, and everybody laughed, "Let the jury consider their verdict," the King said, for about the twentieth time that day.

"No, no!" said the Queen. "Sentence first—verdict afterwards."

"Stuff and nonsense!" said Alice loudly. "The idea of having the sentence first!"

"Hold your tongue!" said the Queen, turning purple.

"I won't!" said Alice.

"Off with her head!" the Queen shouted at the top of her voice. Nobody moved.

"Who cares for you?" said Alice, (she had grown to her full size by this time.) "You're nothing but a pack of cards!"

At this the whole pack rose up into the air, and came flying down upon her: she gave a little scream, half of fright and half of anger, and tried to beat them off, and found herself lying on the bank, with her head in the lap of her sister, who was gently brushing away some dead leaves that had fluttered down from the trees upon her face.

"Wake up, Alice dear!" said her sister; "Why, what a long sleep you've had!"

"Oh, I've had such a curious dream!" said Alice, and she told her sister, as well as she could remember them, all these strange Adventures of hers that you have just been reading about; and when she had finished, her sister kissed her, and said, "It *was* a curious dream, dear, certainly: but now run in to your tea; it's getting late." So Alice got up and ran off, thinking while she ran, as well she might, what a wonderful dream it had been.

But her sister sat still just as she left her, leaning her head on her hand, watching the setting sun, and thinking of little Alice and all her wonderful Adventures, till she too began dreaming after a fashion, and this was her dream:—

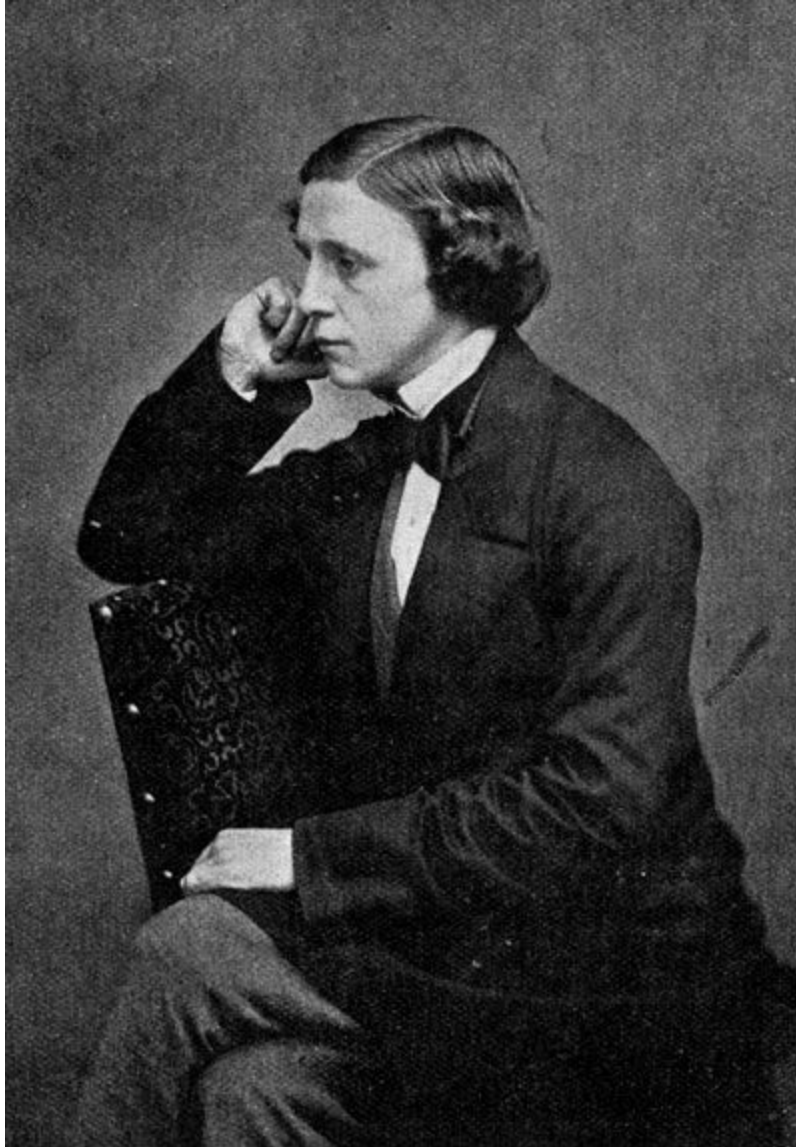
First, she dreamed of little Alice herself, and once again the tiny hands were clasped upon her knee, and the bright eager eyes were looking up into hers—she could hear the very tones of her voice, and see that queer little toss of her head to keep back the wandering hair that *would* always get into her eyes—and still as she listened, or seemed to listen, the whole place around her became alive with the strange creatures of her little sister's dream.

The long grass rustled at her feet as the White Rabbit hurried by —the frightened Mouse splashed his way through the neighbouring pool—she could hear the rattle of the teacups as the March Hare and his friends shared their never-ending meal, and the shrill voice of the Queen ordering off her unfortunate guests to execution—once more the pig-baby was sneezing on the Duchess's knee, while plates and dishes crashed around it—once more the shriek of the Gryphon, the squeaking of the Lizard's slate-pencil, and the choking of the suppressed guinea-pigs, filled the air, mixed up with the distant sobs of the miserable Mock Turtle.

So she sat on, with closed eyes, and half believed herself in Wonderland, though she knew she had but to open them again, and all would change to dull reality—the grass would be only rustling in the wind, and the pool rippling to the waving of the reeds—the rattling teacups would change to tinkling sheep-bells, and the Queen's shrill cries to the voice of the shepherd boy—and the sneeze of the baby, the shriek of the Gryphon, and all the other queer

noises, would change (she knew) to the confused clamour of the busy farm-yard—while the lowing of the cattle in the distance would take the place of the Mock Turtle's heavy sobs.

Lastly, she pictured to herself how this same little sister of hers would, in the after-time, be herself a grown woman; and how she would keep, through all her riper years, the simple and loving heart of her childhood: and how she would gather about her other little children, and make *their* eyes bright and eager with many a strange tale, perhaps even with the dream of Wonderland of long ago: and how she would feel with all their simple sorrows, and find a pleasure in all their simple joys, remembering her own child-life, and the happy summer days.

THE END

Charles Lutwidge Dodgson é mais conhecido como Lewis Carroll. Matemático, tornou-se célebre por ter escrito as aventuras da menina Alice. Nasceu em 27 de janeiro de 1832, no condado de Cheshire, no Reino Unido. Lecionou matemática a maior parte de sua vida no Christ College, em Oxford. Apaixonado por fotografia e celibatário, projetava seu ideal de infância feliz e o desencanto com a vida adulta em versos e paródias presentes em sua obra literária. Morreu em Guildford, na Inglaterra, em 14 de janeiro de 1898.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de "clássicos" — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL:

Presidente: Ricardo Giassetti Vice-presidente: Larissa Meneghini

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Renato Roschel, S. Lobo, Tales Galvão

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

CNPJ: 30.726.775/0001-00

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baum, L. Frank, 1856-1919
Alice no País das Maravilhas / Lewis Carroll ;
[traduzido por André Cristi; ilustrador Andre Ducci].
-- 1. ed. -- São Paulo: Mojo.org, 2019. -- (Mundos extraordinários ; 4) Título original: adventures of alice : in wonderland and through the looking lass
1. Literatura infantojuvenil I. Cristi, André.
II. Título. III. Série.
19-24993 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EXPEDIENTE

Alice no País das Maravilhas de Lewis Carroll

Texto integral sem adaptação.

Tradução: André Cristi

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Amanda Zampieri e LapPub Real Job (Monique D'Orazio, Bruna Xavier, Ingrid Machado, Rebeca Benício e Shana Bielkin)

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte: Cyla Costa

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

LICENÇA DAS FONTES

Roboto —
https://github.com/google/roboto/blob/master/LICENSE
Crimson Text — https://scripts.sil.org/cms/scripts/page.php?site_id=nrsi&id=OFL_web